

Representações Sociais sobre a Violência familiar contra as pessoas mais velhas: A perspetiva de jovens e de pessoas com 65 e mais anos

Cátia Sofia Viegas Faísca

Orientadora: Prof. Doutora Stella Bettencourt da Câmara

Dissertação para obtenção de grau de Mestre
em Gerontologia Social

Lisboa

2019

WWW.ISCSP.U LISBOA.PT

FOLHA DE ROSTO

Representações Sociais sobre a Violência familiar
contra as pessoas mais velhas: A perspetiva de jovens e
de pessoas com 65 e mais anos.

Cátia Sofia Viegas Faisca

Orientador: Prof. Doutora Stella Bettencourt da Câmara

Dissertação para obtenção de grau de Mestre
em Gerontologia Social

Júri:

Presidente:

- Doutora Ana Maria Alexandre Fernandes, Professora Catedrática do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

Vogais:

-Doutora Dália Maria de Sousa Gonçalves da Costa, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

-Doutora Stella Margarida de Oliveira António Bettencourt da Câmara, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na qualidade de orientadora.

Lisboa

2019

AGRADECIMENTOS

Termina aqui mais uma etapa intensa e verdadeiramente desafiadora, que só foi possível concluir por estar rodeada de amor e amizade, vinda daqueles que partilharam comigo este processo de superação.

Ao ISCSP por ser, mais uma vez, a minha segunda casa e ter-me possibilitado continuar a crescer a nível académico e como pessoa. Aos professores pela partilha de saberes. Aos funcionários do ISCSP por estarem sempre disponíveis e por terem sempre uma palavra de conforto e força.

À professora Stella Bettencourt da Câmara, por ser um exemplo de excelência, ética e honestidade, por ter aceite acompanhar-me em mais um desafio, por estar sempre disponível e preocupada, muito além do que é esperado, sempre com uma palavra motivacional e com a sua frase “É preciso mais leituras”. Obrigada por me incentivar a fazer mais e melhor.

Não podia deixar de agradecer aos colegas com quem partilhei bons momentos dentro e fora da sala de aula. Destaco as quatro meninas, Carolina, Cátia e Débora, que apesar da ansiedade tinham sempre uma palavra de incentivo.

À Débora, pela alegria, pela amizade, pelo companheirismo, pelos desabafos, pelo conforto, o meu enorme apreço. É e será a minha primeira memória quando esta caminhada surgir na minha mente.

Às minhas amigas Carolina, Luísa e Inês, o meu núcleo duro, por serem as pessoas fantásticas que são, por me motivarem nos momentos mais complicados deste processo e por tudo o que acrescentam de bom na minha vida. À Mariana Amaro, por mais obrigadas que eu diga, nunca serão suficientes por tudo o que fez e faz por mim, por caminhar de mão dada comigo e por todas as vezes que foi a minha âncora.

Ao meu companheiro, ao meu melhor amigo, ao meu amor por ter estado sempre à altura do desafio que é acompanhar-me, por ter tido a paciência para me ouvir horas a fio a falar deste trabalho, por me ter dado a mão e nunca me ter deixado desistir, por me ter enchido de amor incondicionalmente, sem ele próprio desistir.

E por último, mas não menos importante, dirijo o meu agradecimento especial, à minha família. Aos meus pais, pelo apoio incondicional em qualquer decisão que tome e por serem tão pacientes comigo quando as coisas correm menos bem. À minha avó por ser a minha companhia e o meu abrigo nos momentos de fuga. À minha irmã, a quem eu espero deixar orgulhosa em cada “obra” minha.

RESUMO

O envelhecimento tem sido cada vez mais notório nas estruturas populacionais a nível mundial e como tal, em Portugal não é diferente. Consequentemente, diversas têm sido as alterações demográficas com repercussões na sociedade, especialmente nas famílias.

A violência familiar contra as pessoas mais velhas é um fenómeno em crescimento, registando-se aumentos significativos de pessoas com mais de 65 anos que já experienciaram situações de violência e com consequências a nível biopsicossocial.

O presente estudo procurou responder à seguinte questão: *Quais as representações sociais que os jovens e as pessoas mais velhas têm sobre a violência familiar contra as pessoas mais velhas*. E para tal, adotamos uma metodologia de natureza qualitativa, através da análise de conteúdo de 42 entrevistas realizadas a 21 jovens estudantes do 1º Ciclo de estudos do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa e a 21 pessoas com 65 e mais anos residentes no Concelho de Cascais.

Concluiu-se que os jovens e pessoas mais velhas, representam a violência familiar contra as pessoas mais velhas como um atentado aos direitos humanos, uma forma expressa de desrespeito com aqueles que têm uma maior experiência de vida, que foram, em algum momento do ciclo de vida, os principais cuidadores e fonte de amor.

Palavras-Chave:

Pessoas mais velhas, Jovens; Violência Familiar contra as Pessoas mais velhas; Família; Gerontologia Social; Envelhecimento

ABSTRACT

Aging has been increasingly noticeable in population structures worldwide and as such in Portugal is no different. Consequently, various demographic changes have had repercussions on society, especially on families.

Family violence against the elderly people is a rapidly growing phenomenon, with significant increases in people over 65 who have experienced violence and have biopsychosocial consequences.

The present study sought to answer the following question: What social representations do young people and the elder people have about family violence against elder people. And for that, we adopted a qualitative methodology, through content analysis of the 42 interviews conducted of which 21 were held to 1st year students of the Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade de Lisboa and 21 people with 65 or more years old resident of the County of Cascais.

It was concluded that young people and older people represent family violence against their elders as a violation of human rights, an express form of disrespect for those with a greater life experience who were at some point in the cycle of life, the main caregivers and source of love.

Keywords:

Elder people, young people; Family Violence against the Elderly people; Family; Social Gerontology; Aging

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|-----|
| AGRADECIMENTOS | iii |
| RESUMO..... | iv |
| ABSTRACT..... | v |
| ÍNDICE GERAL..... | vi |
| ÍNDICE DE FIGURAS | x |
| ÍNDICE DE GRÁFICOS..... | xi |
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO- CONCEPTUAL..... | 14 |
| 1. Gerontologia e Gerontologia Social | 14 |
| 2. Envelhecimento | 15 |
| 2.1 Envelhecimento Demográfico (Mundo; Europa; Portugal)..... | 15 |
| 2.2 Envelhecimento Individual (Biológico; Psicológico; Social)..... | 19 |
| 2.2.1 Perspetiva Biológica | 19 |
| 2.2.2 Perspetiva Psicológica | 20 |
| 2.2.3 Perspetiva Social | 21 |
| 3. A Família e as Relações Intergeracionais | 22 |
| 3.1 Evolução histórica da família | 22 |
| 3.2 As Relações Intergeracionais: Solidariedade e Ambivalência Intergeracional | 23 |
| 4. Representações Sociais | 27 |
| 4.1 Representações Sociais: O Conceito..... | 27 |
| 4.2 Processo de construção das Representações Sociais | 28 |
| 4.3 A Teoria das Representações Sociais como metodologia de investigação..... | 29 |
| 5. Violência familiar contra as pessoas mais velhas | 30 |
| 5.1 Violência Familiar e a Violência familiar contra as pessoas mais velhas | 30 |
| 5.2 Violência familiar contra as pessoas mais velhas: Conceito | 32 |
| 5.2.1 Características das vítimas e dos agressores..... | 33 |

| | |
|--|----|
| 5.2.2 Teorias e Fatores de Risco de violência familiar contra as pessoas mais velhas | 34 |
| 5.3 Política de proteção jurídica das pessoas mais velhas | 38 |
| 6. Estado de Arte..... | 39 |
| CAPÍTULO II. ESTUDO EMPÍRICO | 42 |
| 1. Questões Metodológicas | 42 |
| 1.1 Modelo de Análise..... | 42 |
| 1.2 Pergunta de Partida..... | 43 |
| 1.3 Objetivos do Estudo | 44 |
| 1.4 Definição da amostra | 44 |
| 1.5 Métodos e Técnicas de Investigação | 45 |
| 1.6 Instrumento de recolha de dados | 46 |
| 1.7 Estratégias de tratamento e análise de dados..... | 47 |
| 2. Apresentação e Discussão de Resultados | 48 |
| 2.1 Caracterização Sociodemográfica..... | 48 |
| 2.1.1 Distribuição dos entrevistados por Grupo etário | 48 |
| 2.1.1.1 Distribuição dos Jovens por Grupo etário | 48 |
| 2.1.1.2 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos por Grupo etário | 49 |
| 2.1.2 Distribuição dos entrevistados por Género..... | 49 |
| 2.1.3 Distribuição dos entrevistados por Onde viveu a maior parte da sua vida | 50 |
| 2.1.3.1 Distribuição dos Jovens por Onde viveu a maior parte da sua vida | 50 |
| 2.1.3.2 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos por Onde viveu a maior parte da sua vida | 51 |
| 2.1.4 Distribuição dos entrevistados por Estado Civil..... | 51 |
| 2.1.5 Distribuição dos entrevistados por Habilitações Literárias | 51 |
| 2.1.5.1 Distribuição dos Jovens por Habilitações Literárias | 51 |
| 2.1.5.2 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos por Habilitações Literárias | 52 |

| | |
|--|----|
| 2.1.6 Distribuição dos Entrevistados por Situação face à Profissão..... | 53 |
| 2.1.6.1 Distribuição dos Jovens por Situação face à Profissão..... | 53 |
| 2.1.6.2 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos por Situação face à Profissão | 53 |
| 2.1.7 Distribuição dos Entrevistados por Composição do Agregado Familiar..... | 54 |
| 2.1.7.1 Distribuição dos Jovens por Composição do Agregado Familiar | 54 |
| 2.1.7.2 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos por Composição do Agregado Familiar | 55 |
| 2.1.7.3 Distribuição dos Entrevistados por Número de Filhos..... | 55 |
| 2.1.7.4 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos por Número de Netos | 56 |
| 2.1.7.5 Distribuição dos Jovens pelo Número de Avós?..... | 57 |
| 2.1.8 Relações Intergeracionais | 57 |
| 2.1.8.1 Distribuição dos entrevistados pela frequência de contacto com pessoas com 65 e mais anos/jovens, excluindo os seus avó(s)/neto(s) | 58 |
| 2.1.8.1.1 Distribuição dos Jovens pela frequência de contacto com pessoas com 65 e mais anos, excluindo os seus avó(s) | 58 |
| 2.1.8.1.2 Distribuição das pessoas com 65 e mais anos pela frequência de contacto com jovens, excluindo os seus neto(s)..... | 58 |
| 2.1.8.2 Distribuição dos entrevistados pela frequência de contacto com os seus avó(s)/netos..... | 59 |
| 2.1.8.2.1 Distribuição dos Jovens pela frequência de contacto com os seus avó(s) | 59 |
| 2.1.8.2.1 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos pela frequência de contacto com os seus neto(s) | 60 |
| 2.1.8.3 Distribuição dos entrevistados pela descrição da sua relação com os seus avó(s)/neto(s)..... | 60 |
| 2.1.8.3.1 Distribuição dos Jovens pela descrição da relação com os seus avó(s).60 | |
| 2.1.8.3.2 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos pela descrição da relação com os seus neto(s)..... | 61 |

| | |
|--|----------|
| 2.2 As Representações Sociais sobre a Violência Familiar contra as Pessoas mais Velhas | 62 |
| 2.2.1 Conceito de Violência Familiar contra as Pessoas mais velhas..... | 62 |
| 2.2.2 Tipologias de Violência Familiar contra as Pessoas mais velhas | 64 |
| 2.2.3 Atores Intervenientes na Violência Familiar contra as Pessoas mais velhas..... | 67 |
| 2.2.4 Fatores desencadeadores de Violência Familiar contra as Pessoas mais velhas | 68 |
| CONCLUSÃO | 71 |
| BIBLIOGRAFIA | 74 |
| REFERÊNCIAS LEGISLATIVAS | 86 |
| APÊNDICES | lxxxvii |
| I. Guião de Entrevista | lxxxviii |
| II. Grelha de análise de conteúdo das entrevistas | xciii |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Tipologia da Violência..... | 31 |
| Figura 2 – Modelo ecológico para compreender a violência..... | 36 |
| Figura 3 - Fatores de Risco do modelo ecológico | 37 |
| Figura 4 - Resumo das pesquisas sobre as Representações Sociais sobre a Violência Familiar contra as pessoas mais velhas | 41 |
| Figura 5 – Modelo de análise..... | 43 |

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 – Distribuição dos Jovens por Idade..... | 48 |
| Gráfico 2 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por Idade..... | 49 |
| Gráfico 3 – Distribuição do universo de estudo por Género | 50 |
| Gráfico 4 – Distribuição dos Jovens por onde viveu a maior parte da sua vida..... | 50 |
| Gráfico 5 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por onde viveu maior parte da sua vida | 51 |
| Gráfico 6 - Distribuição dos Jovens por curso que frequenta..... | 52 |
| Gráfico 7 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por habilitações literárias..... | 52 |
| Gráfico 8 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por curso que frequentou | 53 |
| Gráfico 9 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por profissão | 53 |
| Gráfico 10 – Distribuição dos Jovens por “Com quem vive?”..... | 54 |
| Gráfico 11 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por “Com quem vive?” | 55 |
| Gráfico 12 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por número de filhos..... | 56 |
| Gráfico 13 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por número de netos | 56 |
| Gráfico 14 – Distribuição de Jovens por número de avós | 57 |
| Gráfico 15 – Distribuição dos Jovens pela frequência de contacto com pessoas com 65+ anos, excluindo os seus avó(s)..... | 58 |
| Gráfico 16 – Distribuição das Pessoas com 65+anos pela frequência de contacto com Jovens | 58 |
| Gráfico 17 – Distribuição dos Jovens por frequência de contacto com os seus avós..... | 59 |
| Gráfico 18 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por frequência de contacto com os seus netos..... | 60 |
| Gráfico 19 – Distribuição dos Jovens pela descrição da sua relação com os seus avós | 60 |
| Gráfico 20 – Distribuição das Pessoas com 65+anos pela descrição da sua relação com os seus netos..... | 61 |

INTRODUÇÃO

A presente dissertação surge para a obtenção de grau de mestre em Gerontologia Social do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa e tem como tema as Representações sociais sobre a Violência familiar contra as pessoas mais velhas: a perspectiva de jovens e de pessoas com 65 e mais anos.

Em Portugal, como no mundo, observa-se uma estrutura populacional envelhecida, que se traduz pelo aumento da população com 65 e mais anos e diminuição da população jovem. Estas alterações demográficas têm repercussões na sociedade, mas também na família.

Assim, o envelhecimento da população fez emergir, uma nova disciplina científica multidisciplinar (Fernández-Ballesteros, 2009, p.31), a Gerontologia Social, que visa o estudo dos aspetos sociais do envelhecimento das pessoas mais velhas (Fernández-Ballesteros, 2009, p.31).

No âmbito das questões associadas ao envelhecimento, um dos interesses que se tem evidenciado é a violência familiar contra as pessoas mais velhas. O crescimento deste fenómeno tem sido visível estatisticamente, como nos apresenta a APAV (2018), que entre 2013 e 2017, apoiou 8561 pessoas mais velhas vítimas de violência familiar, onde 65% dos casos foram perpetrados pelos cônjuges e descendentes. Num estudo realizado por Gil (2014), em Portugal, concluiu-se que a prevalência deste fenómeno encontrava-se nos 12,3%, valor superior comparativamente a outros países.

A violência familiar contra as pessoas mais velhas é um problema que afeta o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas vítimas deste crime (Maroto, 2000, p.305), tendo consequências a nível biopsicossocial.

Neste sentido, é pertinente analisar este fenómeno a partir das Representações Sociais das pessoas mais velhas e dos jovens, na medida em que estas são saberes construídos e partilhados socialmente (Jodelet, 2001, p.22), que circulam no quotidiano dos indivíduos e que permitem compreender e explicar a realidade; orientar condutas e práticas, bem como fundamentar comportamentos e atitudes (Abric, 2001, p.15-17; Moscovici, 1978, p.77). Tal como diz Gil & Santos (2012, p.155) conseguimos identificar as ideologias, valores, estereótipos que os atores sociais possuem sobre a violência familiar contra as pessoas mais velhas, através da compreensão do modo como estes dão significado à realidade social.

Com este estudo procuramos responder à seguinte **pergunta de partida**: Quais as representações sociais que os jovens e as pessoas com 65 e mais anos têm sobre a violência familiar contra as pessoas mais velhas?

Para que possamos responder à questão acima, temos como **objetivo geral**: Identificar as representações sociais que os jovens e as pessoas com 65 e mais anos sobre a violência familiar contra as pessoas mais velhas. E os seguintes objetivos específicos:

- a) Caracterizar sociodemograficamente a amostra do estudo;
- b) Identificar os universos simbólicos que compõem as representações sociais da amostra do estudo, sobre o **conceito** de violência familiar contra as pessoas mais velhas;
- c) Identificar os universos simbólicos que compõem as representações sociais da amostra do estudo, sobre as **práticas de violência** familiar contra as pessoas mais velhas;
- d) Identificar os universos simbólicos que compõem as representações sociais da amostra do estudo sobre os **agressores e as vítimas** de violência familiar contra as pessoas mais velhas;
- e) Identificar os universos simbólicos que compõem as representações sociais da amostra do estudo, sobre os **fatores desencadeadores** de violência familiar contra as pessoas mais velhas.

Por conseguinte, foram realizadas 42 entrevistas semiestruturadas, 21 a jovens e outras 21 a Pessoas com 65 e mais anos.

A dissertação encontra-se dividida em duas partes: a primeira corresponde ao enquadramento teórico e a segunda ao estudo empírico. No enquadramento teórico percorremos conceitos como Gerontologia Social, Envelhecimento; Família e Relações Intergeracionais, Representações Sociais e a Violência familiar contra as pessoas mais velhas. Por sua vez, na parte II- estudo empírico iniciamos com as questões metodológicas e terminamos com a apresentação e discussão de resultados.

CAPÍTULO I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO- CONCEPTUAL

No capítulo I da presente dissertação diz respeito à componente teórica, tendo um papel importante para todo o estudo, pois define-se como o conjunto de conceitos e a conexão entre estes. Na teoria encontramos as orientações, significados e definições do objeto de investigação, bem como as hipóteses e os limites da mesma (Almeida & Pinto, 1990, p.55 e 62).

Neste ponto do estudo iremos abordar a Gerontologia Social, os aspetos individuais e demográficos do envelhecimento, a família e as relações intergeracionais, de seguida a teoria das representações sociais e por último, a violência familiar contra as pessoas mais velhas.

1. Gerontologia e Gerontologia Social

No ponto 1 do enquadramento teórico abordaremos o conceito de gerontologia e gerontologia social, visto que o nosso âmbito de estudo se insere nesta disciplina científica.

A palavra Gerontologia etimologicamente tem origem no grego *geron*, velhos e *logia*, tratados, ou seja, é a ciência responsável pelo estudo das pessoas mais velhas e pelo envelhecimento (Paúl, 2005, p.276; Fernández-Ballesteros, 2009, p.31; Gonçalves, 2007, p.12), através da sua multidisciplinidade que permite conhecer as mudanças biológicas, psicológicas e sociais do envelhecimento (Paúl, 2005, p.276; Fernández-Ballesteros, 2009, p.31; Gonçalves, 2007, p.12) ramificando-se em disciplinas como a Biogerontologia, a Geropsicologia e a Gerontologia Social (Paúl, 2012, p.XVIII).

Ao analisarmos historicamente esta ciência verificamos que os seus percursores remetem-nos para o antigo testamento, onde se destacam os filósofos Platão e Aristóteles, que já naquela época nos apresentam uma visão positiva e negativa do envelhecimento e das pessoas mais velhas. Todavia, só em 1903, Metchikoff utilizou pela primeira vez o termo Gerontologia (Fernández-Ballesteros, 2009, p.32; Gonçalves, 2007, p.12).

Apesar de etimologicamente ser um termo antigo, só na segunda metade do século XX é que a Gerontologia como ciência ganhou notoriedade. Este reconhecimento deveu-se sobretudo ao crescente envelhecimento das populações de todo o mundo (Paúl, 2005, p.276; Fernández-Ballesteros, 2009, p.31), bem como há criação de várias associações de gerontologia.

Neste sentido, a Gerontologia Social tem como finalidade o estudo dos aspetos sociais do envelhecimento (Fernández-Ballesteros, 2009, p.31), ou seja, estuda os aspetos biopsicossociais da velhice, o efeito das condições socioculturais e ambientais no processo de envelhecimento, os resultados sociais desse processo, bem como as ações sociais que promovem a sua melhoria (Fernández-Ballesteros, 2009, p.36).

Assim, tendo em conta a definição de Gerontologia Social podemos compreender a pertinência do estudo da Violência Familiar contra as pessoas mais velhas. A sua importância não se limita ao facto de se tratar de pessoas mais velhas, mas sim de ações negativas que influenciam o processo de envelhecimento e comprometem os pilares de base da noção de envelhecimento ativo da Organização Mundial de Saúde (OMS).

2. Envelhecimento

Neste segundo ponto do enquadramento teórico iremos abordar a conceptualização de Envelhecimento, pois apesar de, na atualidade, ser utilizado em diversos contextos comunicativos, nem sempre é empregue da forma correta.

No decorrer deste século tem-se verificado uma significativa mudança no que concerne à população mundial, seja a nível macro, pelo aumento do número de pessoas com 65 e mais anos no total da população (António, 2013, p.81; Pinto, Fernandes & Botelho, 2007, p.43), seja a nível micro, pelo aumento da longevidade, que conseqüentemente tem elevado o quantitativo de situações de dependência face a terceiros (Gil & Fernandes, 2011, p.1) e pela alteração do estatuto social das pessoas mais velhas (Mouro, 2013, p.17).

Deste modo, o envelhecimento pode referir-se a dois aspetos distintos, ao envelhecimento individual e ao envelhecimento demográfico (Rosa, 2012, p.19; António, 2012, p.141). O primeiro diz respeito às mudanças biopsicossociais que ocorrem durante o processo de envelhecimento de cada indivíduo, desde o nascimento até à morte (António, 2011, p.5; António, 2012, p.141). O segundo, o envelhecimento demográfico corresponde às mudanças na estrutura etária da população de uma sociedade e que se verifica através do crescimento do quantitativo de pessoas com 65 e mais anos no total da população (António, 2011, p.5; António, 2012, p.141).

2.1 Envelhecimento Demográfico (Mundo; Europa; Portugal)

O Envelhecimento Demográfico, tal como foi definido anteriormente, diz respeito ao crescimento do quantitativo de pessoas com 65 e mais anos no total da população de uma sociedade/país (Câmara, 2015, p.415), este pode refletir-se pelo aumento de população no

topo da pirâmide etária e pela diminuição de população jovem na base desta (Fernandes, 2001, p.2).

Este fenómeno verifica-se nomeadamente em países mais desenvolvidos, como o Japão; Nova Zelândia; Austrália; Europa e América do Norte, associado ao declínio da taxa de fecundidade e ao aumento da esperança de vida à nascença e aos 65 anos (António, 2012, p.143; Fernandes, 2001, p.2).

Relativamente ao declínio da taxa de fecundidade, que corresponde à redução do número médio de filhos por mulher, em idade reprodutiva, este verifica-se em todo o mundo. Todavia, acentua-se nos países da Europa, onde o valor não atinge o necessário para a substituição das gerações, contrapondo com África, que se mantém a região com um valor mais elevado de filhos por mulher (António, 2012, p.143; United Nations, 2017, p.3-42).

Atualmente, a taxa de fecundidade na Europa encontra-se no 1,62, enquanto na África as mulheres em idade reprodutiva têm em média 4,43 filhos. Porém, entre 2045/2050 os valores irão alterar-se para ambas as regiões, registando-se um aumento para a Europa (1,78) e um declínio em África (3,09), mantendo-se como o Continente onde nascem mais filhos (United Nations, 2017, p.3-42).

Por sua vez, a esperança de vida à nascença, tem aumentado devido à diminuição da taxa de mortalidade infantil. Esta mudança demográfica tem-se verificado em todo o mundo, mas as previsões indicam que os valores de óbitos por mil nascimentos continuaram em declínio, ou seja, em 1965/70 existiram 105 óbitos por cada mil nascimentos, prevendo-se que para o período de 2045/50 o número de óbitos seja de 16 por cada mil nascimentos (United Nations, 2017, p.3-42).

No período de 1965/70 e 2015/20, na Europa, a taxa de mortalidade infantil desceu de 30 para 4 óbitos por mil nascimentos, prevendo-se que entre 2045/50 o valor desça para os 2 óbitos. Ainda assim, a América do Norte é a região onde a taxa de mortalidade infantil é mais baixa ao longo dos anos (United Nations, 2017, p.3-42).

Em contrapartida, a África, possui a taxa mortalidade infantil mais elevada, registando uma taxa de 145 óbitos por cada mil nascimentos, em 1965/70. Todavia, observa-se um declínio acentuado entre o período de 2015/20 e 2045/50, de 50 para 24 óbitos por cada mil nascimentos (United Nations, 2017, p.3-42).

No que concerne à esperança de vida à nascença, por todo o mundo ocorreu um acréscimo de ano de vida, no entanto, foi na África e na Ásia que o ganho foi maior, sendo que no

primeiro passou de 44,4 anos de vida, em 1965/70, para 62,4 anos de vida, em 2015/20. Enquanto na Ásia, em 1965/70 a esperança de vida à nascença seria de 52,8 anos de vida e atualmente encontra-se nos 72,9 anos de vida. Esta tendência irá manter-se, ocorrendo de forma menos acentuada (United Nations, 2017, p.3-42).

No lado oposto, encontra-se a América do Norte e a Europa, onde as previsões apontam para que entre 2015/20 e 2045/50 se mantenha o aumento da esperança de vida à nascença, esperando viver-se 84,4 e 82,8 anos de vida respetivamente (United Nations, 2017, p.3-42).

Tal como acontece com a esperança de vida à nascença, os ganhos de anos de vida ocorrem também para pessoas com 65 e mais anos. Este acréscimo de anos de vida, irá manter-se nos anos de 2045/50, sendo que a África e a Ásia mantêm-se como as regiões onde a esperança de vida aos 65 anos é mais baixa (15,7 anos de vida para África e 18,3 para Ásia), contrapondo com América do Norte (22,9 anos de vida) e com a Europa (21,7 anos de vida).

Esta conquista da esperança de vida à nascença, bem como aos 65 anos é reflexo das melhorias das condições de vida, à adoção de comportamentos de vida saudáveis e aos próprios avanços da tecnologia e da medicina, originando um aumento da longevidade, o que significa uma mortalidade em idades mais avançadas (António, 2012, p.145; Fernandes, 2001, p.3).

Em Portugal, o processo de envelhecimento populacional tem ocorrido desde os anos 90 do século XX (António, 2012, p.146), enquanto em outros países da Europa já se encontrava a decorrer (Rodrigues & Moreira, 2019, p.4).

Todavia, um dos grandes marcos para as alterações demográficas na população portuguesa deu-se após a Revolução de 1974. A modernização sociopolítica originou novos modelos familiares, predominando as uniões de facto, os divórcios e as famílias monoparentais (Fernandes, Moreira & Veiga, 2004, p.81). Estes novos modelos de família afetaram a demografia portuguesa, originando um declínio na fecundidade (Rodrigues & Moreira, 2019, p.4).

O Índice Sintético de Fecundidade em 1974 encontrava-se nos 2,69 filhos por mulher em idade reprodutiva, o seu declínio deu-se dois anos mais tarde, registando uma descida mais acentuada a partir da década de 90. Por sua vez, no ano de 2017, as mulheres em idade reprodutiva estavam a ter um número insuficiente de filhos para que fosse possível a reposição de gerações, registou-se nesse ano um valor médio de 1,37 filhos (Pordata, 2018).

Contudo, não é apenas o declínio da fecundidade que está associado ao envelhecimento da população, mas também os fluxos migratórios, nomeadamente emigratórios do século XX (Rodrigues & Moreira, 2019, p.4).

Tal como referido anteriormente, também em Portugal, as melhorias das condições médicas, o aumento do interesse na saúde e na higiene da comunidade, a criação do Sistema Nacional de Saúde e a evolução das tecnologias de diagnóstico e tratamento de doenças (Fernandes, Moreira & Veiga, 2004, p.85; Rodrigues & Moreira, 2019, p.4) potenciaram a diminuição da mortalidade infantil, verificando-se um aumento da esperança de vida e da longevidade, na medida em que a mortalidade encontra-se concentrada nas pessoas mais velhas (Rodrigues & Moreira, 2019, p.4).

Deste modo, ao analisarmos os dados disponíveis pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2018, p.31), no ano de 2017 existiam 21,1% de pessoas com mais de 65 anos, o que se refletiu no Índice de Envelhecimento (que analisa a relação entre a população mais velha e a população jovem). De acordo com o último recenseamento, em 2011, existiam 127,6% de pessoas com mais de 65 anos para cada 100 jovens e 155,4% em 2017 (INE, 2018, p.31).

Um outro fator que tem originado o envelhecimento da população portuguesa diz respeito ao aumento da esperança de vida à nascença e aos 65 anos (António, 2013, p.86). Em 1974, a quando da revolução, a esperança de vida à nascença encontrava-se 68,2 anos (64,8 para os homens e 71,4 para as mulheres), já em 2016, uma pessoa esperava viver 80,8 anos (77,7 homens e 83,4 mulheres) (Pordata, 2018). Todavia, com a influência dos diversos fatores acima referidos, as projeções do INE apontam para que em 2080, os homens ao nascerem esperem viver 87,38 anos e as mulheres 92,10 anos (INE, 2017).

Relativamente à esperança de vida aos 65 anos, no ano de 2016, uma pessoa com 65 anos podia esperar viver mais 19,5 anos de vida (17,6 para os homens e 20,8 para as mulheres) (Pordata, 2018).

Com o aumento da esperança de vida, à nascença e aos 65 e mais anos, surgiram desafios, para os quais as políticas públicas têm-se mostrado insuficientes. Assim, os debates públicos têm reforçado “a urgência de repensar as soluções políticas até aqui adotadas” (Bárrios & Fernandes, 2014, p.189) com o intuito de preparar os indivíduos para a longevidade e “evitar efeitos nefastos dos estados mórbidos” (Bárrios & Fernandes, 2014, p.189).

Em suma, em Portugal, entre o período de 2015-2080 a população com mais de 65 anos irá aumentar 0,7 milhões de pessoas, apesar de atingir o seu expoente máximo em 2040. O envelhecimento demográfico português ir-se-á acentuar através dos saldos migratórios

positivos, do aumento da fecundidade e da esperança de vida (INE, 2017, p.4-7). Pese embora, todas estas alterações não significam que o envelhecimento possa ser vivido com qualidade de vida (Rodrigues & Moreira, 2019, p.6), refletindo-se no crescimento do quantitativo de situações de dependência face a terceiros (Gil & Fernandes, 2011, p.1).

2.2 Envelhecimento Individual (Biológico; Psicológico; Social)

O envelhecimento individual é um processo pelo qual todos os indivíduos passam, desde que são concebidos até que morrem, caracterizado por uma “degradação progressiva e diferencial” (Fontaine, 2000, p.19) quer ao nível funcional, quer fisiológico, em que ocorre um amadurecimento e desenvolvimento da estrutura e funcionamento dos órgãos, células, sistemas e tecidos do organismo humano, sob a influência de determinantes endógenos (fatores genéticos) e exógenos (fatores socioeconómicos e ambientais) (Botelho, 2007, p.192; Fontaine, 2000, p.26-29).

O processo de envelhecimento caracteriza-se através de duas tipologias: 1) o envelhecimento normal ou primário ou fisiológico e 2) o envelhecimento patológico ou secundário. O primeiro corresponde às alterações que ocorrem devido à idade cronológica da pessoa, enquanto o envelhecimento patológico, tal como a denominação indica, está associado ao impacto que fatores externos possuem na pessoa, e conseqüentemente originam o aparecimento de doenças (Millán-Calenti, 2011b; 2011a cit. por Câmara, 2015, p.406).

O conceito de envelhecimento individual por vezes é confundido com o conceito de velhice, sendo que ambos são distintos. A velhice “está associada ao momento a partir do qual uma pessoa se reforma” (António, 2013, p.84), que na atualidade é os 66 anos e quatro meses. Esta “idade da reforma”, que “coincide com a definição institucional da velhice” (Fernandes, 2001, p.6) tem sido adiada, devido à insustentabilidade do Estado de Providência atual, na medida em que existe um “desequilíbrio entre quotizantes e beneficiários” (Fernandes, 2001, p.7) da segurança social. Este desequilíbrio tende a manter-se, pois verifica-se que a estrutura da população continuará envelhecida até 2050 (António, 2012, p.146).

2.2.1 Perspetiva Biológica

O envelhecimento de cada indivíduo sob a perspetiva biológica ou o envelhecimento biológico caracteriza-se pelo declínio da capacidade de cada órgão em manter a homeostose, que reflete-se numa maior suscetibilidade e vulnerabilidade para adquirir e lidar com doenças e eventualmente poderá levar à morte (Bowling, See-Tai, Ebrahim, Gabriel & Solanki, 2005, p.480).

As alterações fisiológicas do envelhecimento decorrem de forma diferenciada para cada e em cada pessoa, na medida em que a forma e o ritmo com que se expressa essas modificações estruturais e funcionais, dependem dos fatores endógenos e exógenos. Isto significa que nem todos os órgãos envelhecem ao mesmo tempo, como é o caso da pele que apresenta sinais de envelhecimento mais precocemente comparativamente com o cérebro e ainda, o ritmo como se processa num indivíduo pode não ser o mesmo que em outro (Câmara, 2015, p.408; Bowling *et al.*, 2005, p.480).

Ainda neste âmbito, existem diversas teorias que explicam como se processa o envelhecimento biológico do organismo, agrupando-se em dois grupos teóricos: Teorias de natureza genética e Teorias de natureza Estocástica. Esta diversidade teórica nasce pela dificuldade em determinar os fatores explicativos do envelhecimento (Fries & Pereira, 2011, p.509; Mota, Figueiredo & Duarte, 2004, p.82-90; Farinatti, 2002, p.129).

Deste modo, as Teorias de natureza genética defendem que o envelhecimento é processo contínuo e determinado pela genética do indivíduo (Mota *et al.*, 2004, p.82; Farinatti, 2002, p.129), existindo seis teorias neste âmbito, sendo elas: a) Teoria da Velocidade de Vida; b) Teoria do Envelhecimento Celular; c) Teoria dos Telómeros; d) Teoria Mutagénese Intrínseca; e) Teoria Neuro-endócrina; f) Teoria Imunológica (Mota *et al.*, 2004, p.82-90). Por sua vez, as Teorias de natureza estocástica explicam que o envelhecimento ocorre devido a ataques ambientais (Farinatti, 2002, p.129), sendo composto por seis correntes teóricas: a) Teoria das Mutações Somáticas; b) Teoria do Erro-Catástrofe; c) Teoria da Reparação do DNA; d) Teoria da Quebra de Ligações; e) Teoria da Glicosilação; f) Teoria do Stress Oxidativo (Mota *et al.*, 2004, p.90-102).

2.2.2 Perspetiva Psicológica

O processo de envelhecimento do indivíduo não decorre apenas ao nível biológico, mas também ao nível emocional e cognitivo, sendo que tal como na perspetiva anterior o seu desenvolvimento decorre desde a conceção até à morte (Fonseca, 2004, p.69-70).

Nas pessoas mais velhas associa-se a uma perda da capacidade de aprendizagem, entre outros aspetos. Todavia, ao nível cognitivo, nomeadamente da inteligência e da memória, os declínios são pouco acentuados e iniciam-se antes dos 65 anos (Câmara, 2015, p.412; Fontaine, 2000, p.83-86; Pinho, 2012, p.144).

No que concerne à componente emocional/ psicológica foi pertinente afastar o modelo biológico, que caracterizava esta fase da vida como uma etapa de perdas (Fonseca, 2004, p.69) e analisá-lo através da teoria da psicologia do ciclo de vida.

A psicologia do ciclo de vida apresentou uma visão de que o desenvolvimento humano ocorre ao longo da vida, contrapondo a ideia de que este termina no final do estadió da adolescência (Vandeplas-Holper, 1998 cit. por Fonseca, 2004, p.70). Este é composto por uma “plasticidade” que se caracteriza por vários processos de ajuste, manutenção e aquisição nas estruturas psicológicas, que ocorrem através da integração dos vários acontecimentos e contextos em que se encontra envolvida a pessoa, que por sua vez potenciam o surgimento de “novos comportamentos, novas relações e de novas perceções de si mesmo e da realidade que rodeia o indivíduo” (Fonseca, 2004, p.71).

Deste modo, na fase mais avançada do ciclo de vida, no âmbito psicológico/emocional, o seu desenvolvimento é pautado por um crescimento, aprimoramento e integração de saberes (Fonseca, 2004, p.72). Porém, ocorrem problemas psicológicos que resultam de conflitos e frustrações oriundos de outras etapas do desenvolvimento humano, bem como do modo como dão significado ao envelhecimento e às relações sociais que possuem (Otero y Rodríguez, 2011 cit. por Câmara, 2015, p.413). Como tal, a vivência de situações de violência, nomeadamente familiar, têm impacto no envelhecimento psicológico dos indivíduos.

2.2.3 Perspetiva Social

No que concerne à componente social do envelhecimento, a este compete o estudo dos aspetos sociais que influenciam esse processo, sobretudo ao nível das relações familiares, da formação, da situação socioeconómica e profissional da pessoa mais velha (Carvalho, 2013, p.4). É sob esta perspetiva que se aborda a questão da reforma, dos papéis sociais que as pessoas mais velhas adquirem nesta fase do ciclo da vida, bem como o fenómeno da violência familiar contra as pessoas mais velhas.

Em suma, todas as mudanças demográficas e o próprio envelhecimento da população têm originado consequências ao nível do envelhecimento individual e das relações intergeracionais (António, 2012, p.150), na medida em que o ciclo de vida das gerações mais novas será mais longo do que anteriormente, originando um maior desequilíbrio financeiro (seja pelo valor monetário da reforma, seja pelos gastos de recursos humanos e materiais, associados às incapacidades físicas e psíquicas), mas também maiores consequências psicológicas e sociais, pois as pessoas vivem mais tempo o “terceiro ciclo de vida” (Fernandes, 2001, p. 8), ou seja, com a entrada na reforma, seja antecipada ou não, vivenciam um maior período inativo.

Assim, o processo de envelhecimento decorre de modo distinto em todos os indivíduos, o que permite caracterizar o grupo de pessoas mais velhas como heterogéneo (António, 2013, p.83).

3. A Família e as Relações Intergeracionais

O presente capítulo irá analisar o conceito e transformações que a organização Família tem sofrido ao longo do tempo, bem como a ambivalência e a solidariedade intergeracional, pois permite compreender em parte o contexto multidimensional em que ocorre a violência familiar contra as pessoas mais velhas.

3.1 Evolução histórica da família

O conceito de Família agrega um diversificado conjunto de experiências, de formas de viver em comum e de relações estabelecidas entre os indivíduos (Dias, 2015, p.9), as variadas definições deste termo são sinónimo desse mesmo percurso histórico (Leandro, 2006, p.51).

Apesar de Aristóteles considerar que a “família é natural e que toda a cidade é composta por famílias” (Leandro, 2006, p.52), entrar em consenso sobre a sua definição é um processo complexo (Amaro, 2014, p.1) devido às transformações políticas, económicas e sociais que as sociedades têm sofrido ao longo das épocas (Leandro, 2006, p.52).

O termo “*Famulus*” (Família) surgiu na Roma Antiga, mas o seu significado não corresponde àquele que atualmente se utiliza. Nessa época, a família era um conjunto de escravos e de servidores, como também de indivíduos que habitavam na mesma residência, sob a presença de uma hierarquia patriarcal, em que “a mulher, os filhos e os servidores” eram dominados pelo senhor. Esta definição incluía, ainda, os bens patrimoniais dos mesmos (Leandro, 2006, p.52).

Esta conceção foi afetada pelo Cristianismo, impondo-se a ideia da “família de Nazaré” (Leandro, 2006, p.61), ou seja, uma tipologia nuclear, sob o princípio monogâmico, composto pelo pai, mãe e descendentes, que tal como acontecia na Roma Antiga, coabitavam (Leandro, 2006, p.61).

Com o nascimento da sociedade industrial, surge na década de 50 do século XX, o modelo de família nuclear parsoniana (Parsons e Bales, 1964 cit. por Costa, 2016, p.96). Esta tipologia construída sob o pilar do casamento e da reprodução focava-se agora na socialização e no auxílio afetivo tanto dos adultos como das crianças, tendo presente “uma forte segregação e especialização sexual dos papéis masculinos e femininos” (Costa, 2016, p.96).

Decorre nos anos 70 do séc. XX (Roussel, 1989 e 1992 cit. por Costa, 2016, p.96) a entrada das mulheres no mercado de trabalho, o surgimento de novas formas de conjugalidade e ainda, a criação da possibilidade das mulheres tomarem decisões sobre os métodos de contraceção (Leandro, 2006, p.68). Estes aspetos aliados às transformações “políticas,

económicas, sociais e culturais” (Leandro, 2006, p.67) fizeram emergir novas estruturas familiares como: as famílias clássicas, monoparentais, recompostas e homossexuais (C. Attias-Donfut *et al.*, 2002 cit. por Leandro, 2006, p.67).

Nas décadas de 80 e 90 do séc. XX, a família sofreu um “processo de privatização, dada a maior atenção conferida à qualidade das relações interpessoais e à maior intervenção do Estado ao nível da própria socialização do grupo familiar” (Durkheim, 1921 cit. por Dias, 2015, p.29), na medida em que os indivíduos adquiriram a possibilidade de se afastar dos valores da família e criarem os seus próprios ideais (Costa, 2016, p.102).

Esta evolução também gerou instabilidade, onde as “certezas que não passam de certezas provisórias” (Costa, 2016, p.105) acabaram por despoletar relações familiares mais “diluídas e frágeis” (Costa, 2016, p.105).

Na atualidade, a família contemporânea, presa a autonomia dos seus indivíduos face às relações de parentesco e encontra-se depende do Estado (Leandro, 2006, p.70). Todavia, esta dualidade de privado e público, que caracteriza a família, omite o controlo que é exercido pelo Estado através das políticas sociais direcionadas para a mesma (Dias, 2015, p.30).

Na verdade, quando os organismos públicos não conseguem dar resposta às necessidades dos indivíduos, estes procuram que seja a família a cobrir essas funções, que atualmente pertencem à esfera pública (Leandro, 2006, p.70), como é o caso da prestação de cuidados.

Por último, apresenta-se a definição de família clássica, utilizada pelo INE (2003) e adotada no âmbito deste estudo, que corresponde ao “conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento. Considera-se também como família clássica qualquer pessoa independente que ocupe uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento”, aqui também estão incluídos os empregados domésticos internos que não se deslocam à residência da sua respetiva família, todas ou quase todas as semanas.

3.2 As Relações Intergeracionais: Solidariedade e Ambivalência Intergeracional

As mudanças que foram até aqui apresentadas geraram transformações nas relações entre gerações (Paúl, 2005, p.282). A maior longevidade e o declínio da fecundidade têm originado a “verticalização das famílias” (famílias trigeracionais) (Fernandes, 2001, p.9; António, 2012, p.150), ou seja, mais gerações, maior tempo em convivência, mas menos indivíduos por geração (Holf, 2009 cit. por António, 2012, p.150).

Assim, as pessoas mais velhas têm de se adaptar ao facto do papel que possuíam na gestão familiar, hoje, encontra-se centrado nos seus filhos, sem que isso retire o seu espaço e importância no seio familiar (Dias, 2015, p.70).

Perante isto, é essencial que a família no seu conjunto seja flexível, para se adaptar a esta etapa do ciclo de vida da pessoa mais velha, pois com a independência dos filhos (através da saída de casa dos pais), com uma possível diminuição de poderes socioeconómicos e de saúde dos mais velhos, ocorre uma inversão da relação entre pais e filhos, que decorrerá de forma mais harmoniosa quanto melhor for o vínculo anteriormente estabelecido (Erbolato, 2002 cit. por Wanderbroocke & Moré, 2013, p.398).

As relações intergeracionais podem caracterizar-se pela solidariedade e pela ambivalência intergeracional. A primeira corresponde aos sentimentos saudáveis, positivos e de suporte (afeto, proximidade, segurança). Enquanto o segundo, define-se pela vivência de sentimentos contraditórios na relação estabelecida, ou seja, um pai pode nutrir sentimentos positivos e negativos (afeto, tensão, impaciência e ódio) em relação a um filho, devido a expectativas opostas aos comportamentos do outro (Birditt, Miller, Fingerman & Lefkowitz, 2009, pp.3-4).

Esta ambivalência tende a ser mais forte quanto piores forem as experiências na infância, possuindo consequências negativas nas entreajudas, na saúde e bem-estar dos indivíduos (Willson, Shuey & Elder, 2003, p.1067; Birditt *et al.*, 2009, p.10).

Para além destes aspetos, os estudos comprovaram que elevados níveis de ambivalência ocorrem em situações onde os pais e sogros tenham um pior estado de saúde e se encontrem dependentes (Willson *et al.*, 2003, p.1068; Fingerman, Chen, Hay, Cichy & Lefkowitz, 2006, p.156). Estão também associados às questões do género, ou seja, as mulheres (filhas, noras) vivenciam mais sentimentos ambivalentes do que os homens, principalmente se prestarem cuidados aos familiares mais velhos (Willson *et al.*, 2003, p.1068), e ainda, à clareza dos princípios que constituem o laço entre pai e filho adulto, na medida em que uns princípios da relação pouco claros, maiores níveis de ambivalência (Fingerman *et al.*, 2006, p.152).

Deste modo, a promoção e estabelecimentos de laços familiares positivos ao longo do ciclo de vida, é importante para a existência das solidariedades intergeracionais entre pais, filhos e netos (Birditt *et al.*, 2009, p.10; Paúl, 2005, p.283-284).

O modelo da solidariedade intergeracional desenvolvido por Bengtson apresenta seis dimensões que identificam as componentes fundamentais da construção multidimensional da relação entre pais e filhos (Bengtson & Roberts, 1991, p.857), sendo que de acordo com o âmbito da presente dissertação iremos recorrer à abordagem de António (2010), avós e netos.

A primeira dimensão corresponde à Solidariedade Afetiva esta analisa o grau de proximidade emocional (sentimentos positivos) e a reciprocidade desses sentimentos estabelecidos entre os membros da família (avó e netos). Todavia, a intimidade estabelecida varia conforme o género e o laço que os filhos adultos estabelecem com os seus pais (António, 2010, p.40; Cabral, 2016, p.21; Bengtson & Roberts, 1991, p.857).

Uma outra dimensão deste modelo, Solidariedade Consensual, aponta o grau de consenso nos valores, atitudes e crenças dos elementos da família (António, 2010, p.40; Bengtson & Roberts, 1991, p.857). Os autores indicam que esta continuidade de transmissão de saberes pode desencadear uma mudança conflitual no interior da família e da sociedade em geral (António, 2010, p.40).

Quanto à dimensão da Solidariedade Estrutural, esta corresponde às oportunidades que potenciam a criação de relações intergeracionais (Cabral, 2016, p.21; Bengtson & Roberts, 1991, p.857). É influenciada por fatores como: a proximidade geográfica, o estado civil, género, idade e saúde de cada indivíduo. A dimensão estrutural das relações intergeracionais tem sido afetada pelas transformações na composição e estrutura familiar, principalmente na distância geográfica que existe entre a primeira e a segunda geração (António, 2010, p.40).

A quarta dimensão do modelo apresenta a Solidariedade Associativa, que representa a frequência e os tipos de interação social que avós e netos estabelecem através diversas atividades, como o contato telefónico, cara-a-cara, convívio em ocasiões especiais e no dia-a-dia (Bengtson & Roberts, 1991, p.857).

No que diz respeito à Solidariedade Funcional, tal como o nome indica, representa o grau de entajuda e trocas de recursos (financeiros e emocionais) entre avós e netos. Neste contexto, os avós representam um recurso da segunda geração para com os netos, na medida em que tomam conta deles, mas sem interferir na dinâmica da família nuclear (António, 2010, p.41, Cabral, 2016, p.21; Bengtson & Roberts, 1991, p.857).

Por último, a Solidariedade Normativa, esta diz respeito ao grau de compromisso de um familiar relativamente ao desempenho de papéis e funções familiares (António, 2010,p.41; Bengtson & Roberts, 1991, p.857). Esta dimensão está presente em situações em que os avós desempenham o papel parental ou co-parental na vida dos netos, nomeadamente em famílias onde os pais consomem drogas e álcool; estejam em situação de divórcio e até dificuldades socioeconómicas. Contudo, mesmo quando não existem estas circunstâncias os avós referem sentir-se responsáveis pela disciplina e pelo aconselhamento das gerações mais novas, bem como os netos também possuem deveres para com eles. (António, 2010, p.41).

Além das dimensões da solidariedade intergeracional acima apresentadas, importa referir a Solidariedade Espontânea. Esta refere-se às motivações que levam os netos a procurar os avós e vice-versa, ou seja, a terceira geração pode recorrer aos avós “para benefício pessoal, para benefício dos avós ou para benefício de ambos” (António, 2010, p.42).

Atualmente, os jovens e as pessoas mais velhas diminuíram a sua convivência devido ao aumento das atitudes autónomas e individualistas, dos ritmos de vida mais solitários, produtos da industrialização, da emancipação, da deslocalização e até da precaridade laboral (Cabral, 2016, p.22), que conseqüentemente promovem maior isolamento, principalmente das pessoas mais velhas (Fernandes, 2001, p.9).

A família é um espaço privilegiado onde ocorre trocas e entreajudas, que nascem da perceção de uma necessidade e que se adaptam ao longo do ciclo de vida dos seus membros (Fernandes, 2001, p.9-11). Neste sentido, a solidariedade intergeracional no seio familiar, ocorre ao nível financeiro, no cuidado dos netos e da casa, até mesmo ao nível afetivo. No que concerne ao apoio monetário, este acontece de “avós para netos e de pais idosos para seus filhos adultos” (Fernandes, 2001, p.10), enquanto no âmbito dos serviços, estes são prestados em ambos os sentidos (Fernandes, 2001, p.10).

Assim, o apoio informal prestado às pessoas mais velhas pelos familiares, bem como a qualidade das relações intergeracionais são deveras importantes para a promoção do bem-estar (físico e mental) das mesmas (Paúl, 2005, p.283-284).

Pese embora a disponibilidade para cuidar esteja comprometida, devido à diminuição de elementos por família e à maior exigência do mercado de trabalho (Dias, 2015, p.71), sentida, maioritariamente, pelas mulheres, que continuam a ser as principais prestadoras de cuidados (José, Wall & Correia, 2002, p.7-8; Fernandes, 2001, p.11). Assim, a realização destas tarefas têm repercussões tanto para os cuidadores, bem como para a família no seu todo.

Num estudo elaborado por José, Wall & Correia (2002, p.31-34) foi possível agrupar os impactos negativos da prestação de cuidados em seis dimensões, sendo elas: 1) rotinas diárias (traduz-se pelo aumento de tarefas e inserção de novas rotinas no quotidiano familiar); 2) trabalho profissional (apresenta-se uma necessidade de alteração dos horários de trabalho e diminuição do desempenho profissional); 3) atividades de lazer e sociais (falta de disponibilidade de tempo e psicológica para a realização destas atividades e com isto um declínio na realização das mesmas); 4) declínio no tempo livre para as crianças dependentes; 5) relações familiares (surgimento de conflitos conjugais e entre os descendentes da pessoa mais velha); 6) declínio da qualidade de saúde (física e psicológica) do cuidador.

Em suma, a família não é apenas um espaço de proteção e afeto, onde decorre uma troca de cuidados e de aprendizagem entre as diferentes gerações (solidariedade intergeracional), mas também um espaço de tensão e de violência contra as pessoas mais velhas, (Bernardo, 2014, p.3).

4. Representações Sociais

Anteriormente, analisamos a disciplina da Gerontologia Social; o envelhecimento, nomeadamente os aspetos que têm caracterizado as atuais sociedades bem como as famílias modernas, e ainda, as transformações e as relações familiares.

A verdade é que a sociedade e mais especificamente a família é composta por sujeitos que têm a capacidade de representar os mais diversos objetos. Assim, neste capítulo procuramos compreender o que é o ato de representar, através da teoria das representações sociais.

4.1 Representações Sociais: O Conceito

O conceito de representação social ou coletiva surgiu na antropologia com Lévi-Bruhl e na sociologia com a obra de Durkheim (Moscovici, 2000, p.8). Todavia, em 1961 surge o estudo de Moscovici, que refletia sobre a imagem que diferentes grupos sociais possuíam sobre a Psicanálise, nascendo, assim, o conceito de representação social (Vala, 2010, p.457).

A mudança na conceptualização deste termo derivou do reconhecimento das representações como um fenómeno complementar entre elementos individuais e externos ao indivíduo, onde o sujeito e a sociedade se produzem mutuamente, ou seja, o individual só se constrói “em relação com a realidade social” (Guareschi & Jovchelovitch, 2000, p.18).

Deste modo, Moscovici (1978, p.41) explica as representações sociais “como entidades quase tangíveis”, que “circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através de uma palavra, gesto” no quotidiano dos indivíduos, nomeadamente nas relações e comunicações estabelecidas e nos objetos produzidos (Moscovici, 1961 cit. por Duveen, 2001, p.3). É, também, um modo de compreender e refletir a realidade social, ou seja, é um saber prático (Jodelet, 1986, p.473), que atribui significado aos acontecimentos que nos são familiares (Sêga, 2000, p.128), ou seja, é necessário que o indivíduo conheça o objeto e o sujeito para poder representá-lo, ou seja, “tornar familiar algo não familiar” (Moscovici, 2007, p.54).

A representação social é um modo de conhecimento socialmente construído e partilhado, que promove a elaboração de uma realidade comum a um grupo social (Jodelet, 2001, p.22), tem origem em teorias do senso comum (experiências e comunicações), bem como na

dimensão histórica, cultural e ideológica que envolve o indivíduo e o grupo (Vala, 2010, p.258; Abric, 2001, p.12). Estas permitem compreender e explicar a realidade, definir e ressaltar a identidade grupal; orientar condutas e práticas e ainda, fundamentar comportamentos e atitudes (Abric, 2001, p.15-17; Moscovici, 1978, p.77).

Para que existam representações sociais é necessário que haja um “ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto” (Jodelet, 2001, p.22), ou seja, é necessário que exista um objeto e um sujeito, que se interligam pelo ato de representar (Jodelet, 2001, p.23).

Em suma, a Teoria das Representações Sociais aborda o funcionamento cognitivo e psíquico dos indivíduos, bem como o campo social em que este se encontra (grupos sociais, vivências, histórias de vida, entre outros).

4.2 Processo de construção das Representações Sociais

As representações são compostas por informações, opiniões, atitudes e crenças relativas a um determinado objeto e podem ser estudadas tendo em conta o produto e o processo da atividade mental através da qual o indivíduo e o grupo reconstruem a realidade (Abric, 2001, p.13-18).

No que concerne ao produto das representações sociais, estamos perante o conteúdo das mesmas, ou seja, é o conhecimento de senso comum que os indivíduos possuem e que lhes possibilita a interpretação e comunicação com o objeto, e que irá “orientar as suas ações e comportamentos” (Crusé, 2004, p.107). Já o processo corresponde à consolidação da representação e do próprio objeto, ou seja, tal como foi referido anteriormente é o “tornar familiar algo não familiar” (Moscovici, 2007, p.54).

A origem das representações sociais é influenciada por três dimensões relacionadas com a diferenciação social, sendo elas: 1) a dispersão da informação (quantidade e qualidade da informação que é disponibilizada sobre o objeto em causa não é igual para todos); 2) a focalização (recursos educativos, profissionais e ideológicos que determinam a adequação da elaboração de uma representação) e 3) a pressão para a inferência (indivíduos e grupos possuem um posicionamento e uma representação sobre o objeto que vá ao encontro dos objetivos pessoais e grupais) (Vala, 1993, p.363-364).

A construção das representações sociais ocorre devido a dois mecanismos: Ancoragem e objetivação (Crusé, 2004, p.107; Moscovici, 2007, p.60-61).

A **ancoragem** é um processo cognitivo que permite categorizar, classificar os objetos e sujeitos, tornando familiar algo que era estranho/desconhecido para o indivíduo, ou seja, permite dar nome aos objetos (Moscovici, 2007, p.61) e tem como finalidade a

instrumentalização do saber, concedendo-lhe um valor funcional que permite a significação e a administração do ambiente (Jodelet, 2001, p.39). Para Jodelet (1986, p.486) este processo é “enraizamento social da representação e do objeto” e articula a função cognitiva de assimilação da novidade, com a “função de interpretação da realidade” e ainda com a função de orientação de atitudes e relações sociais.

No que diz respeito à **objetivação**, este é definido por Moscovici (2007, p.61) como o modo de objetivar o processo anterior, o que significa tornar imagens abstratas em algo concreto, transferindo o que está na mente para o espaço físico, ou seja, é materializar ideias através de palavras e esquemas concetuais (Jodelet, 1986, p.481).

4.3 A Teoria das Representações Sociais como metodologia de investigação

A Teoria das Representações Sociais é considerada uma “abordagem teórico-metodológica” (Lemos, Costa & Lima, 2013, p.48), que tem como finalidade o estudo do pensamento social de grupos “imersos na sua cultura, que se expressa por meio de práticas, linguagem e imagens mentais compartilhadas, ideias sobre coisas, situações e instituições” (Lemos *et al.*, 2013, p.48) e possibilita a realização de investigações sobre os universos simbólicos dos sujeitos face ao objeto (Lemos *et al.*, 2013, p.49). Por outras palavras, a Teoria das Representações Sociais é uma ferramenta que permite compreender o pensamento e as práticas sociais (Torres, Camargo, Bousfield & Silva, 2015, p.3622).

Neste sentido, para se analisar o conteúdo de uma representação social, o investigador poderá recorrer a três abordagens: dimensional, estrutural e dinâmica. Na abordagem dimensional, o conteúdo da representação social é priorizado. No que concerne à abordagem estrutural, as representações sociais são consideradas um “sistema de interpretação da realidade” que delimita condutas (Camargo, 1998 cit. por Ferreira & Brum, 2000, p.10). Por fim, a abordagem dinâmica diz respeito à grande finalidade das representações sociais de “tornar conhecido aquilo que é desconhecido” (Camargo, 1998 cit. por Ferreira & Brum, 2000, p.11).

Apesar de existir estas três abordagens, iremos desenvolver de seguida aquela que vai ao encontro dos objetivos do nosso estudo, sendo ela a abordagem dimensional, que apresenta três níveis de análise: a informação, a atitude e o campo de pesquisa.

No que diz respeito à informação, esta dimensão tem como objetivo identificar e analisar todas as informações, seja em quantidade e qualidade, que os sujeitos possuem sobre um objeto de pesquisa. Por sua vez, a dimensão da atitude, corresponde às atitudes favoráveis ou desfavoráveis que os sujeitos têm face ao objeto. Por último, a dimensão do campo de

pesquisa dá a conhecer ao investigador todos os conhecimentos que um grupo ou sujeito têm sobre o objeto de pesquisa e de que modo esses saberes se articulam entre si. (Camargo, 1998 cit. por Ferreira & Brum, 2000, p.10).

Em suma, muitos são os estudos, das mais diversas áreas, que têm utilizado a Teoria das Representações Sociais para compreender o pensamento e comportamento social dos indivíduos, através do uso de uma destas três dimensões. Além disto, têm utilizado os mais diferentes instrumentos de pesquisa, como a observação, as entrevistas, os questionários e até *focus group* (Abric, 2001, p.55-56).

5. Violência familiar contra as pessoas mais velhas

Após termos abordado o envelhecimento e a família, bem como as representações sociais, importa conhecer com a devida profundidade o fenómeno da violência familiar contra as pessoas mais velhas, na medida em que este é o objeto em representação.

Neste capítulo V iremos definir o conceito de violência e violência familiar contra as pessoas mais velhas, abordar as características da vítima e do agressor, bem como os fatores de risco associados, e por fim, apresentamos e refletimos a política de proteção jurídica das pessoas mais velhas.

5.1 Violência Familiar e a Violência familiar contra as pessoas mais velhas

A violência é definida pela OMS como o “uso intencional da força física ou do poder, sob a forma de ato ou de ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que cause ou tenha muitas probabilidades de causar lesões, morte, danos psicológicos, perturbações do desenvolvimento ou privação” (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi & Lozano, 2002, p5), assim considera-se que possui três tipologias: a violência autoinfligida, a interpessoal e a coletiva (figura 1). A violência interpessoal subdivide-se em duas categorias sendo elas: violência familiar/parceiros íntimos e violência na comunidade (Krug *et al.*, 2002, p.6).

Neste sentido, a violência familiar e por parceiros íntimos refere-se à violência perpetrada pelos familiares e parceiros íntimos, que pode ou não ocorrer em casa. E como tal engloba a violência contra as crianças e jovens; contra os parceiros íntimos e contra as pessoas mais velhas (Krug *et al.*, 2002, p.7).

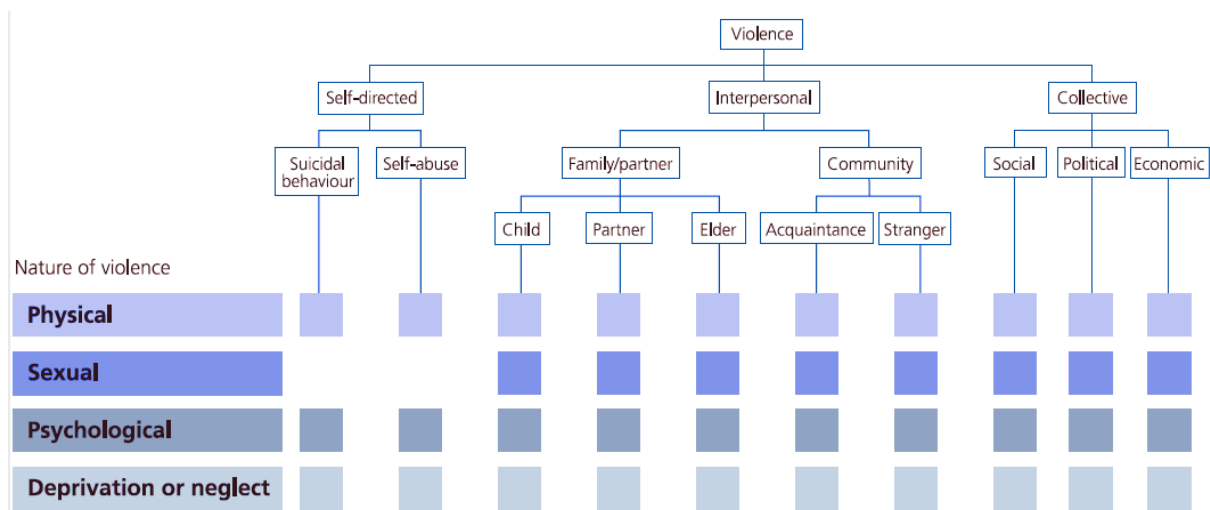


Figura 1 - Tipologia da Violência – Fonte: Krug *et al.* (2002, p.7).

A violência contra as pessoas mais velhas foi a tipologia de violência familiar que demorou mais tempo a ser reconhecida nos estudos científicos e pelos próprios profissionais das ciências sociais, isto devido a diversos fatores políticos, sociais e culturais (Phillison & Biggs, 1995, pp.181-182; Amaro, 2014, p.136).

Os primeiros estudos científicos surgiram nos meados da década de 1970, porém, a atenção dos “[gerontólogos], psicólogos e sociólogos” (Dias, 2004, p.141) só, recentemente, se direcionaram para este problema social, na medida em que, no passado, a preocupação centrava-se em demonstrar que as famílias não abandonavam e violentavam as pessoas mais velhas (Wolf & Pillemer, 1989 cit. por Dias, 2004, p.141).

Mas a realidade é bem diferente, a idade bem como o declínio das capacidades cognitivas e físicas colocam a pessoa mais velha numa situação de maior vulnerabilidade e risco, podendo vir a ser vítima de violência perpetrada por familiares (Redondo, Firmino, Pereira & Correia, 2016, p.447).

Estima-se que a prevalência de violência contra as pessoas mais velhas, por todo o mundo varie entre os 0,6% (EUA) e os 61,1% (na Croácia) (Marmolejo, 2008, p.37; Acierno, Hernandez, Amstادتert, Resnick, Steve, Muzzy & Kilpatrick, 2010, p.292; Dong, 2015, p.1215). Destaca-se o estudo realizado por Gil (2014), em contexto português, e onde se estima a prevalência deste fenómeno em 12,3%, sendo a violência financeira e psicológica a que mais ocorre.

A violência contra as pessoas mais velhas foi considerada um problema social tendo por base quatro fatores: 1) o envelhecimento demográfico muito acentuado das sociedades atuais, que significa a coexistência de diferentes gerações (Santos, Nicolau, Fernandes & Gil, 2013,

p.53); 2) a agregação desta tipologia na abordagem da violência doméstica; 3) o impacto do idadismo despertou um sentimento de ambivalência entre os indivíduos; 4) a ideia de que este tipo de violência familiar é um problema social grave e específico aumentou a preocupação social (Dias, 2004, p.143).

Deste modo, Biggs & Haapala (2010, p.172-182) defendem que a crescente visibilidade deste problema social tem originado expectativas públicas e uma maior consciencialização por parte das sociedades, ainda que não tenham sido acompanhadas pelo desenvolvimento conceptual sobre a violência contra as pessoas mais velhas.

5.2 Violência familiar contra as pessoas mais velhas: Conceito

A conceptualização da violência contra as pessoas mais velhas não tem sido simples e muito menos consensual, na medida em que ainda não foi possível encontrar uma definição que abranja o contexto de todos os países, onde se tenha em conta as diferentes conjunturas sociais e culturais em que decorre este tipo de violência (Carvalho & Rodrigues, 2013, p.139) e também pela “dificuldade de medição do fenómeno” (Santos *et al.*, 2013, p.55).

O conceito de violência contra as pessoas mais velhas começou por ser definido como “granny-battering” ou “granny bashing” (Vinton, 1999, p.86; Dias, 2004, p.145). Atualmente, os profissionais, investigadores, políticos e ONG’s utilizam a definição apresentada pela OMS (Biggs & Haapala, 2010, p.174), que define a violência contra as pessoas mais velhas como “um ato único ou repetido, ou a falta de uma ação apropriada, que ocorre no âmbito de qualquer relacionamento onde haja uma expectativa de confiança, que cause mal ou aflição a uma pessoa mais velha” (Krug *et al.*, 2002, p.126-127).

A diversidade conceptual e teórica sobre este problema social tem reunido consenso no que respeita à definição cronológica, ou seja, para ser considerada violência contra as pessoas mais velhas, este indivíduo tem de ter 65 e mais anos (Dias, 2004, p.147), em sociedades desenvolvidas.

A abordagem científica do problema da violência tem reunido uma maior unanimidade ao nível das suas tipologias. Assim, de acordo com Perel-Levin (2008, p.6) podemos encontrar cinco:

- **Violência física** consiste num conjunto de ações que têm a finalidade de causar dor física ou ferimentos à pessoa mais velha, como por exemplo: arranhar; bater, esbofetear, empurrar, queimar, atirar um objeto, ameaçar com uma arma, submedicar (Amaro, 2014, p.137; Santos *et al.*, 2013, p.56; Lachs & Pillemer, 2004, p.164; Krug *et al.*, 2002, p.127);

- **Violência emocional, psicológica e/ou verbal** apresenta-se através de ações verbais ou não-verbais que causam angústia, aflição e sofrimento à pessoa mais velha, podem ser sob a forma de ameaças, humilhação, manipulação, isolamento, controlo de comportamentos e intimidação (Santos *et al.*, 2013, p.56; Lachs & Pillemer, 2004, p.164; Krug *et al.*, 2002, p.127);

- **Violência sexual** é a prática de atividades sexuais em que uma das pessoas envolvidas não consentiu e que não quer, como é o caso do assédio sexual, violação e intimidade não autorizada (Amaro, 2014, p.137; Santos *et al.*, 2013, p.56; Krug *et al.*, 2002, p.127);

- **Violência financeira ou económica** diz respeito à utilização ilegal ou inapropriada dos recursos financeiros e materiais de alguém, por parte de cuidadores ou familiares, sem que o proprietário tenha autorizado, podendo estar exposto sobre a forma de roubo, venda de propriedade, utilização do dinheiro (Amaro, 2014, p.137; Santos *et al.*, 2013, p.56; Lachs & Pillemer, 2004, p.164; Krug *et al.*, 2002, p.127);

- **Negligência e abandono** é a recusa, omissão e ineficácia na prestação de cuidados físicos, emocionais e sociais, dos deveres e das obrigações para com a pessoa mais velha, como é o caso a falta de higiene e de cuidados de saúde, falta de alimentação. A negligência pode ser ativa, na medida em que existe uma intenção e uma consciência do incumprimento das atividades de cuidado à pessoa, ou, pode ser negligência passiva que ocorre de modo intencional e inconsciente (Amaro, 2014, p.137; Santos *et al.*, 2013, p.56; Dias, 2004, p.146; Krug *et al.*, 2002, p.127).

5.2.1 Características das vítimas e dos agressores

A literatura científica deste tema permite traçar um perfil das características das vítimas bem como dos seus agressores.

Assim, de acordo com o estudo de Gil (2014) e dos dados recolhidos pela APAV (2018) existe a prevalência de vítimas mulheres (Thomson, Lietzau, Doty, Cieslik, Williams & Meuner, 2011, p.271), com idades compreendidas entre os 60 e os 69 anos (Acierno *et al.*, 2010, p.295) e que se encontram casadas ou numa união de facto, com uma tipologia de família nuclear (75,7%) e unipessoal (10,6%) (Gil, 2014, p.65).

A idade das vítimas nem sempre é consensual, verifica-se que os resultados alcançados pelo estudo de Gil (2014), Acierno *et al.* (2010) e da APAV (2018), são diferentes de outros estudos como o de Thomson *et al.* (2011), onde as vítimas tinham idades superiores a 75 anos.

Para além destes aspetos, existe um aumento da prevalência de violência em pessoas mais velhas que já tenham vivenciado situações de maus-tratos no passado (Acierno *et al.*, 2010, p.295 e 296) e que possuam um pior estado de saúde, nomeadamente com limitações funcionais e com sintomatologia depressiva (Gil, 2014, p.57; Thomson *et al.*, 2011, p.271).

No que concerne às características dos agressores, estes na sua maioria são do género masculino (68%) (APAV, 2018), que pertencem ao núcleo familiar direto e alargado da vítima, são principalmente os cônjuges, os descendentes (filhos/as e netos/as) e ainda, irmãos/ãs; sobrinhos/as; cunhados/as (Dias, 2004, p.149; Gil, 2014, p.59; Thomson *et al.*, 2011, p.271).

É de salientar que o tipo de relacionamento entre vítima e agressor, varia conforme a tipologia de violência, na medida em que se verificou que na violência financeira o agressor é descendente ou outro familiar, enquanto na violência física e psicológica eram perpetradas pelo cônjuge e descendentes (Gil, 2014, p.59).

5.2.2 Teorias e Fatores de Risco de violência familiar contra as pessoas mais velhas

A violência familiar contra as pessoas mais velhas surge como consequência da correlação entre diversos fatores individuais, familiares, sociais e culturais (Bavel, Janssens, Schakenraad & Thurlings, 2010, p.39). Neste sentido, os estudos sobre este fenómeno procuraram apresentar teorias explicativas, bem como fatores que podem potenciar a ocorrência de situações de violência.

No que concerne às teorias explicativas, Wolf & Pillemer (1989 cit. por Dias, 2005, p.263) apresentaram cinco perspetivas, que permitem compreender o contexto deste tipo de situações, mas abordamos mais duas, que foram desenvolvidas por Bavel *et al.* (2010, p.39), sendo elas as seguintes:

- **Perspetiva das dinâmicas intra-individuais** defende a existência de um risco maior para as pessoas mais velhas que se encontram ao cuidado de familiares que possuam problemas mentais e emocionais e traços psicopatológicos, agravado pelo consumo de álcool e substâncias psicotrópicas (Dias, 2005, p.264).

- **Perspetiva da transmissão geracional do comportamento violento** defende que um indivíduo que tenha sido exposto a um ambiente familiar violento apreendeu tais atitudes e tem uma maior probabilidade de reproduzir estes comportamentos violentos. Porém, existem estudos que demonstram que não existem evidências da transmissão geracional da violência, colocando em causa esta teoria (Dias, 2005, p.264; Wallace & Bonnie, 2003, p.99; Lachs & Pillemer, 2004, p.1265).

- **Perspetiva das relações de troca e dependência** entre a pessoa mais velha e o agressor explica que existe uma elevada dependência da pessoa mais velha porque necessita de cuidados, mas que o familiar depende ao nível da habitação e financeiro da vítima (Dias, 2005, p.264; Lachs & Pillemer, 2004, p.1265).

- **Perspetiva do *stress* externo**, explica que situações de desemprego, dificuldades socioeconómicas e até situações de divórcio, ou seja, acontecimentos externos à família e que causem *stress* e tensão são potenciadores de comportamentos violentos (Dias, 2005, p.265).

- **Perspetiva do isolamento social** defende que as redes de apoio social e comunitário são essenciais na gestão das tensões familiares associadas ao cuidado de pessoas mais velhas. A presença de outros indivíduos externos à família diminui o risco de ocorrência desta tipologia de crime, pois conseguem prevenir estas situações e ainda sancionam moralmente a família agressora (Dias, 2005, p.265; Lachs & Pillemer, 2004, p.1265, Wallace & Bonnie, 2003, p.93).

-**Perspetiva do Poder e Género**, esta teoria tem base na corrente feminista e explica que a violência é reflexo de uma relação patriarcal, expressando-se no modo de instrumentalizar e de ter o controlo sobre a mulher (Bavel *et al.*, 2010, p.39).

-**Perspetiva sobre a dignidade** explica a violência como resultado do facto de não existir respeito pela dignidade da pessoa mais velha (Bavel *et al.*, 2010, p.39).

As perspetivas anteriores não apresentam toda a interação complexa entre os diversos fatores (Dias, Lopes & Lemos, 2019, p.26), na medida em que é importante ter em conta fatores contextuais de risco, apesar do ponto central ser a relação da vítima e do agressor (Wallace & Bonnie, 2003, p.61). Neste sentido, surge o modelo ecológico, inicialmente utilizado na violência infantil e juvenil e atualmente, para a explicar o carácter multidimensional da violência doméstica e contra as pessoas mais velhas (Dahlberg & Krug, 2007, p.1172).

O modelo ecológico relaciona fatores individuais e contextuais, de diferentes níveis, que a sua influência sobre o comportamento faz resultar a violência (Dahlberg & Krug, 2007, p.1172), pese embora a conjugação dos diferentes fatores possibilita uma variação do risco (Wallace & Bonnie, 2003, p.64).

Assim, pode-se compreender a violência contra as pessoas mais velhas sobre quatro níveis (**figura2**): 1) nível do indivíduo que foca as características individuais que aumentam a possibilidade deste vir a ser vítima ou agressor; 2) nível das relações sociais analisa os relacionamentos sociais próximos que aumentam o risco de ocorrer situações de violência; 3)

nível da comunidade explora os contextos comunitários nos quais se inserem as relações sociais; 4) nível da sociedade identifica quais os fatores da sociedade que promovem um ambiente de maior aceitação da violência.

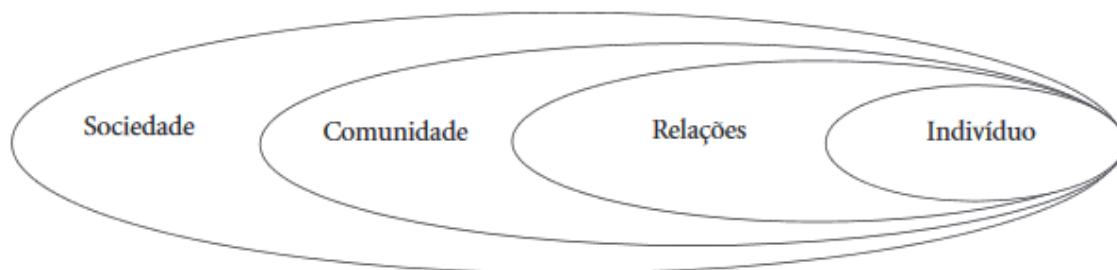


Figura 2 – Modelo ecológico para compreender a violência. - Fonte: Dahlberg & Krug, (2007, p.1172).

Deste modo, com base no modelo ecológico, Pillemer, Burnes, Riffin & Lachs (2016) e Wallace & Bonnie (2003), apresentaram diversos fatores de risco (**Figura 3**) de acordo com cada nível (**Figura 2**).

No que diz respeito à vítima, verificou-se que a idade elevada da vítima apresenta-se como um fator relevante caso esteja associada com um mau estado de saúde e com a incapacidade funcional, sendo que as vítimas sofrem de violência psicológica, financeira e negligência (Acierno *et al.*, 2010, p.296). Além disto, em diversos estudos as mulheres aparecem como o género mais representativo no que concerne às características da vítima, mas este cenário poderá estar associado ao facto das mulheres correrem maior risco bem como, ao facto de existir um maior quantitativo de mulheres na população mais velha (Wallace & Bonnie, 2003, p.96). Porém, o género e a etnia só são fatores de risco quando associados a outros fatores (Acierno *et al.*, 2010, p.296; Wallace & Bonnie, 2003, p.97).

Apesar destes fatores, as vítimas de violência financeira, psicológica e física eram mais propensos de utilizar formas mais passivas e procuravam evitar conflitos com o agressor (Wallace & Bonnie, 2003, p.97). A demência por si só não é um fator de risco, mas sim os comportamentos que resultam da doença e que originam cansaço ao cuidador (Lachs & Pillemer, 2004, p.1265), bem como os problemas de saúde física que associados a outros fatores colocam a pessoa mais velha em maior risco de vir a ser vítima, pois não tem a mesma capacidade para se defender (Wallace & Bonnie, 2003, p.97-98).

Ao nível dos determinantes de saúde, pode-se concluir que um mau estado de saúde, um elevado grau de incapacidade funcional e a autoperceção negativa do estado de saúde são fatores potenciadores de virem a ser vítimas de negligência (Gil, Santos & Santos, 2015,

p.87). Por fim, as características socioeconómicas mostram que quanto mais baixos forem os rendimentos maior é o risco da pessoa mais velha ser negligenciada (Gil et al, 2015, p.88).

Quanto ao agressor, os estudos apontam para a presença de doença mental e problemas com consumos de álcool e drogas nos indivíduos que violentam pessoas mais velhas, sendo que estes fatores fazem diferenciar a tipologia de violência. A hostilidade, a dependência financeira e habitacional do agressor para com a vítima, as fracas competências de *coping* e ainda a exposição à violência na infância ou adolescência são outros fatores característicos dos familiares que agredem pessoas mais velhas (Gil *et al.*, 2015, p.88; Lachs & Pillemer, 2004, p.1265; Wallace & Bonnie, 2003, p.94-99).

No que concerne ao nível das relações, os estudos explicam que os cônjuges e os jovens adultos são mais propensos a ter um ato violento para com uma pessoa mais velha. Ainda, a prevalência de violência física e psicológica ocorre associada ao isolamento social da família. Já a violência financeira pode ocorrer associada a situações onde haja ou não coabitação da vítima com o agressor, apesar de se considerar que as pessoas mais velhas que vivem sós correm um menor risco de vitimação (Wallace & Bonnie, 2003, p.92-97).

A localização geográfica onde ocorre os episódios de violência contra as pessoas mais velhas poderá fazer variar a tipologia de violência praticada (Pillemer *et al.*, 2016, p200).

Por último, o idadismo e as regras culturais aparecem como um fator que contribui para a legitimação moral da violência familiar contra as pessoas mais velhas, pois estas são vistas como frágeis e inúteis (Pillemer *et al.*, 2016, p.200).

| Níveis | | Exemplos de Fatores de Risco |
|------------|----------|--|
| Indivíduo | Vítima | a) Idade; Género; Dependência Financeira; Etnia; b) Baixas condições económicas; c) Fraca saúde mental e física; d) Demência e Problemas Cognitivos; e) Dependência Funcional e deficiência. |
| | Agressor | Doença Mental; Consumo de substâncias (álcool e droga); Dependência para com a vítima. |
| Relações | | Estado Civil; Tipo de Relacionamento (cônjuge; descendentes; genro/nora; sobrinha/o; Cuidador adulto. |
| Comunidade | | Localização geográfica (casa ou instituição). |
| Sociedade | | Idadismo; Regras Culturais e Sociais; Etnia; Religião; Condição Socioeconómica do país. |

Figura 3 - Fatores de Risco do modelo ecológico. Fonte: Pillemer, *et al.* (2016) e Wallace & Bonnie (2003).

Em suma, a identificação dos fatores de risco são importantes para o desenvolvimento de programas de prevenção da violência familiar contra as pessoas mais velhas (Pillemer *et al.*, 2016, p.198).

5.3 Política de proteção jurídica das pessoas mais velhas

O último tema a ser abordado diz respeito à proteção jurídica das pessoas mais velhas, mais especificamente face às situações de violência contra as mesmas em contexto familiar.

Para qualquer indivíduo conhecer os seus direitos e deveres, revela-se deveras pertinente, na medida em que este possui ferramentas para fazer face a situações de atentado à sua condição de pessoa humana. Em Portugal, no que respeita à proteção da pessoa mais velha, ainda não foram aprovadas medidas jurídicas específicas dirigidas a esta faixa etária da população (Felgueiras, 2019, p.88; Fonseca, Gomes, Faria & Gil, 2012, p.154).

Neste sentido, apresentamos de seguida os instrumentos jurídico-penal que, tendo em conta a sua abrangência, incluem a violência familiar contra as pessoas mais velhas, sendo eles: a Constituição da República Portuguesa (CRP), o Código Penal e a Lei de prevenção da violência doméstica e à proteção e à assistência das suas vítimas - Lei 112/2009 com as alterações mais recentes Lei n.º24/2017, de 24/05 (Carvalho, 2019, p.51).

Em primeiro lugar, a Constituição da República Portuguesa (CRP) que rege toda a vivência na sociedade, tem como finalidade assegurar os direitos fundamentais dos cidadãos e definir os princípios da democracia (Constituição da República Portuguesa, 2005, p.1).

Como tal, tendo em conta o objeto de estudo, destacam-se os artigos que correspondem aos direitos fundamentais das pessoas mais velhas: artigo 1.º (República Portuguesa), artigo 13.º (Princípio da igualdade), artigo 25.º (Direito à integridade pessoal), artigo 26.º (Outros direitos pessoais). Estes são princípios comuns a todas as pessoas pois asseguram a dignidade da pessoa humana, a dignidade social e a igualdade de todos os cidadãos, o respeito pela integridade moral e física dos indivíduos, bem como os direitos à identidade pessoal, ao desenvolvimento da personalidade, ao bom nome, à reserva da vida privada e familiar e à proteção legal contra todas as formas de discriminação (Felgueiras, 2019, p.88; Constituição da República Portuguesa, 2005, pp.1-7; Fonseca *et al.*, 2012, p.152).

Além disto, na CRP, existe um artigo dirigido às pessoas mais velhas (artigo 72.º- Terceira idade), este é composto por duas alíneas que asseguram os seus direitos à segurança económica, a condições de habitação e convívio familiar e comunitário, que tenham por base o respeito da sua autonomia pessoal e combatam o isolamento ou a marginalização social, bem como a medidas socioeconómicas e culturais que promovam a realização pessoal, através

de uma participação ativa na vida da comunidade (Felgueiras, 2019, p.88; Constituição da República Portuguesa, 2005, p.25; Fonseca *et al.*, 2012, p.153).

No Código Penal Português (Lei n.º 48/95, de 15 de Março, na sua versão mais recente Lei n.º16/2018, de 27 de Março) a proteção jurídica das pessoas mais velhas face à violência familiar encontra-se incorporada no artigo 152.º e 152.º- A, que diz respeito à violência doméstica e aos maus tratos (Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa, 2018).

Ao analisar-se ambos os artigos é possível concluir que as pessoas mais velhas estão abrangidas no caso do agressor possuir o dever de cuidar, de responsabilidade e de guarda face à “pessoa particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença (...)” (Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa, 2018).

Apesar disso, as tipologias de violência apresentadas no ponto anterior, encontram-se todas previstas no Código Penal, em artigos específicos para cada crime como por exemplo os artigos 153.º e 154.º que se referem ao crime de ameaça/coação, sendo este uma forma de violência psicológica (Fonseca *et al.*, 2012, pp. 157-158; Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa, 2018).

Por fim, a Lei de prevenção da violência doméstica (Lei 112/2009 com a sua versão mais recente Lei nº 24/2017, de 24 de Maio) define no seu artigo 2.º alínea b) como vítima especialmente vulnerável, quem possua uma fragilidade associada a uma idade avançada, do seu estado de saúde, referindo-se a pessoas com mais de 65 anos e ainda podemos encontrar no artigo 3.º- Finalidades a alínea b e c que esta lei vem instituir um conjunto de medidas que procuram consagrar os direitos das vítimas a uma proteção rápida e eficaz, bem como, há criação de medidas de segurança com o objetivo de prevenir, evitar e punir a violência doméstica (Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa, 2017).

Em suma, a política de proteção jurídica portuguesa em relação às pessoas mais velhas, encontram-se previstas na Lei de prevenção de violência doméstica e no Código Penal vigente, seja no quadro normativo da violência doméstica e/ou em normas soltas, pese embora, ainda não existe uma proteção dirigida em específico para este grupo vulnerável (Fonseca *et al.*, 2012, p.159).

6. Estado de Arte

Neste último capítulo do enquadramento teórico apresentamos uma revisão de literatura das obras mais relevantes para o desenvolvimento do presente estudo.

Após a análise da teoria sobre o presente tema, é importante conhecermos as pesquisas realizadas no âmbito das representações sociais sobre a violência familiar contra as pessoas mais velhas e quais os métodos utilizados (Carmo & Ferreira, 2008, p.39).

Deste modo, recorreremos às bases de dados de revistas indexadas, através das palavras-chave: Idosos (Elderly); Violência contra Idosos (Elderly Violence); Abuso (Abuse); Maus-tratos a Idosos (Elderly Mistreatment); Família (Family) e Representações Sociais (Social Representations), entre o período de 2000 a 2019. O resultado desta recolha apresenta-se de seguida na figura 4.

Da pesquisa realizada foram identificados seis estudos que utilizaram pessoas mais velhas e um estudo que utilizou jovens e pessoas mais velhas. Em relação à metodologia verifica-se que todos optaram por uma abordagem qualitativa, sendo a entrevista semiestruturada o instrumento maioritariamente utilizado.

No que concerne aos resultados, verifica-se que a definição de violência contra a pessoa mais velha encontra-se relacionada com expressões que correspondem às tipologias de violência (agressão física, negligência e abuso verbal) e os participantes representam a violência contra as pessoas mais velhas no âmbito familiar através de uma desaprovação moral (falta de respeito). Por fim, apenas em duas pesquisas são representadas as motivações para as ações violentas, sendo estas o cansaço associado à prestação de cuidados e às dificuldades económicas.

| Titulo | Autores/ Ano | Metodologia | Amostra | Instrumentos de Pesquisa | Resultados |
|---|---|---|--|--|--|
| Defining resident abuse within the culture of long-term care institutions | Hirst, S. (2002) | Estudo Qualitativo | 10 Enfermeiras | Entrevista Semiestruturada | Enfermeiras não apresentam definição clara e consensual sobre abuso. |
| Violência na Família: Uma Abordagem Sociológica | Dias, I. (2004) | Estudo qualitativo | 45 Casais (45 mulheres adultas e 45 homens adultos) | Entrevistas qualitativas com um fim exploratório, observação e entrevistas semiestruturadas. | Os casais demonstram uma desaprovação geral de ações violentas para com as pessoas mais velhas. Referem como motivos a indisponibilidade dos familiares para prestar cuidados e a personalidade da própria pessoa mais velha. Identificam como tipologias o abandono, agressão verbal e a privação de cuidados e falta de atenção. |
| Maus Tratos a Idosos no Domicílio: concepção de familiares | Leite, M., Hildebrant, L. & Santos, A. (2008) | Estudo qualitativo, exploratório e descritivo | 19 Familiares | Entrevista Semiestruturada | Maus tratos não são apenas agressão física. A negligência também é incluída e a restrição social é uma das suas formas. A convivência familiar pode favorecer os cuidados apesar de também provocar conflitos. |
| A violência na vida cotidiana do Idoso: Um olhar de quem a vivência | Silva, M., Oliveira, T., Joventino, E. & Moraes, G. (2008) | Abordagem qualitativa de carácter exploratório e descritivo | 12 Pessoas mais velhas | <i>Focus group</i> | Compreendem a violência como falta de respeito; Expressão de uma falta de convivência delicada e respeitosa. Associam à violência familiar a agressão física e psicológica. E reagem à violência de modo solitário, com medo e sem demonstrarem a sua fragilidade ao agressor. |
| Análise Psicossocial da Violência contra o Idoso | Araújo, L. & Filho, J. (2009) | Abordagem qualitativa | 50 Pessoas mais velhas | Entrevista Semiestruturada e Teste de Associação Livre de Palavras | Representações Sociais da Violência incluíam as expressões: abandono, negligência, agressão física e falta de respeito. |
| Simbologias em torno do processo de envelhecer da vitimação: um estudo qualitativo | Gil, A.P. & Santos, A.J. (2012) | Abordagem qualitativa | 13 Pessoas mais velhas vítimas de violência e 60 pessoas mais velhas não vítimas | Entrevistas em profundidade e <i>Focus Group</i> | As representações sociais sobre o envelhecimento têm por base imagens estereotipadas associadas à violência e vão ao encontro das tipologias de violência apresentadas na literatura científica. E a violência contra as pessoas mais velhas está associada a situações de cansaço do cuidador, a dificuldades económicas e a consumos de álcool e drogas. |
| Violência e maus tratos contra a pessoa idosa: representações sociais de jovens, adultos e idosos | Amaral, A.K.F.J., Moreira, M.A.S.P., Coler, M.A., Alves, M.S.C.F., Mendes, F.R.P. & Silva, A.O. (2018). | Abordagem qualitativa de carácter exploratório | 150 Participantes (jovens, adultos e pessoas mais velhas) | Entrevistas semiestruturadas com estímulos indutores | Os jovens falam em tipologias da violência, enquanto os adultos transgressões relacionadas e as pessoas mais velhas relacionam a violência com o aspeto afetivo. |

Figura 4 - Resumo das pesquisas sobre as Representações Sociais sobre a Violência Familiar contra as pessoas mais velhas.

CAPÍTULO II. ESTUDO EMPÍRICO

1. Questões Metodológicas

A metodologia é uma componente essencial no desenvolvimento das investigações das ciências sociais. Para além disto, a metodologia permite rigor científico pois “constitui o nervo central de um projeto, o eixo, a coluna vertebral” (Serrano, 2008, p.47).

Neste capítulo abordaremos as principais questões metodológicas, sendo elas: a pergunta de partida, os objetivos e amostra do estudo, os métodos e técnicas de investigação e por último a estratégia de tratamentos e análise dos dados.

No que concerne ao presente estudo, este consistirá num estudo exploratório de natureza qualitativa (Carmo & Ferreira, 2008, p.216). Pretende-se conhecer o objeto de investigação, à luz da Teoria das Representações Sociais, mais especificamente, através da abordagem dimensional.

1.1 Modelo de Análise

Com base na revisão da literatura foi possível construir o modelo de análise (**figura 5**), que apresenta a relação dos principais conceitos teóricos, bem como as dimensões e indicadores do estudo.

Sumariamente, o envelhecimento pode ser individual e demográfico. O primeiro consiste nas alterações biopsicossociais que decorrem ao longo da vida de um indivíduo e o segundo, o envelhecimento demográfico decorre devido ao declínio da Taxa Bruta da Natalidade e da Taxa Bruta de Mortalidade e aos Fluxos migratórios.

Por sua vez, este envelhecimento demográfico origina alterações na estrutura etária da população, expressando-se através da presença de menos jovens e mais pessoas com 65 e mais anos. Estas alterações têm impacto na sociedade e na família, que podem influenciar as representações sociais que os jovens e as pessoas com 65 e mais anos possuem sobre a violência familiar contra as pessoas mais velhas.

As representações sociais sobre a violência familiar contra as pessoas mais velhas operacionalizam-se através da abordagem dimensional, composta por três dimensões: informação (que analisa o conceito, as tipologias e os atores intervenientes na violência familiar contra as pessoas mais velhas); atitudes (que analisa os fatores desencadeadores) e por último, o campo de pesquisa que analisa a articulação entre a informação e as atitudes face ao objeto de estudo (Camargo, 1998 cit. por Ferreira & Brum, 2000, p.10).

Por fim, tendo em conta todos os aspetos anteriormente abordados, a Gerontologia Social é a disciplina científica que estuda os impactos dos mesmos no processo de envelhecimento, nomeadamente a violência familiar contra as pessoas mais velhas.

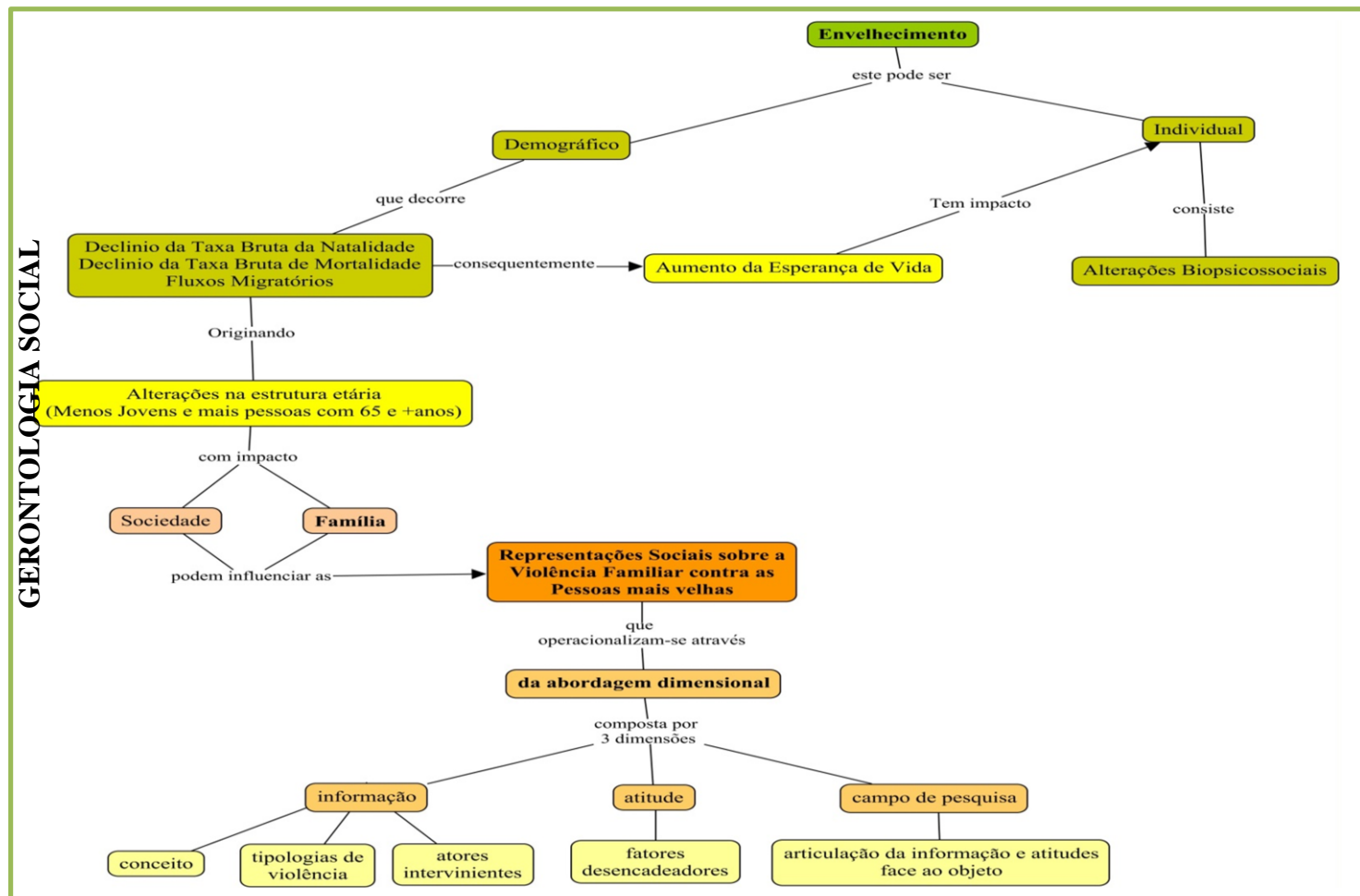


Figura 5 – Modelo de análise.

1.2 Pergunta de Partida

Um dos primeiros aspetos a definir no início do estudo corresponde à pergunta de partida, na medida em que delimita o nosso campo de pesquisa (Carmo & Ferreira, 2008, p.46).

Assim, com a presente dissertação procuramos responder à seguinte pergunta de partida: Quais as representações sociais que os jovens e as pessoas com 65 e mais anos têm sobre a violência familiar contra as pessoas mais velhas?

1.3 Objetivos do Estudo

Os objetivos de um estudo são as metas que propomos atingir (Carmo & Ferreira, 2008, p.49). Neste sentido, para que possamos responder à questão acima, delineamos como **objetivo geral:**

Identificar as representações sociais dos jovens e das pessoas com 65 e mais anos sobre a violência familiar contra as pessoas mais velhas.

E os seguintes **objetivos específicos:**

- f) Caracterizar sociodemograficamente a amostra do estudo;
- g) Identificar os universos simbólicos que compõem as representações sociais da amostra do estudo, sobre o **conceito** de violência familiar contra as pessoas mais velhas;
- h) Identificar os universos simbólicos que compõem as representações sociais da amostra do estudo, sobre as **práticas de violência** familiar contra as pessoas mais velhas;
- i) Identificar os universos simbólicos que compõem as representações sociais da amostra do estudo sobre os **agressores e as vítimas** de violência familiar contra as pessoas mais velhas;
- j) Identificar os universos simbólicos que compõem as representações sociais da amostra do estudo, sobre os **fatores desencadeadores** de violência familiar contra as pessoas mais velhas.

1.4 Definição da amostra

Ao nível da amostra, nas pesquisas qualitativas, a dimensão destas são geralmente mais pequenas comparativamente com os estudos quantitativos (Carmo & Ferreira, 2008, p.209). Pese embora, existe dois tipos de amostra: as probabilísticas e as não probabilísticas (Pardal & Lopes, p.55).

As primeiras, amostras probabilísticas, presumem uma seleção aleatória dos indivíduos que constituirão uma amostra e tem como finalidade a generalização dos dados para a restante comunidade. Podem ser utilizadas cinco técnicas de amostragem sendo elas: a) amostra aleatória simples; b) amostra estratificada; c) amostra de cachos; d) amostra por etapas múltiplas; e) amostra sistemática (Carmo & Ferreira, 2008, p.210-213; Ghiglione & Matalon, 2005, p.31-37). No que diz respeito às amostras não probabilísticas estas permitem a seleção dos participantes através de uma escolha deliberada, permitindo ajustar a dimensão e as

características dos indivíduos da amostra de acordo com os objetivos da pesquisa. E, ainda, não permite a generalização dos resultados para a restante comunidade. Esta é composta por seis técnicas: a) amostra de conveniência; b) amostra de casos muito semelhantes ou muito diferentes; c) amostra de casos extremos; d) amostra de casos típicos; e) amostra em bola de neve; f) amostra por quotas (Carmo & Ferreira, 2008, p.215-218).

Uma vez que este estudo é exploratório, de natureza qualitativa e visa o aprofundar conhecimentos, optou-se por uma amostra não probabilística, de amostragem por conveniência, na medida em que se recorrerá a um grupo de pessoas que queriam participar de livre vontade (Carmo & Ferreira, 2008, 215). Quanto à sua dimensão esta será numa lógica de saturação da informação, que corresponde ao momento em que a recolha de dados já não acrescenta novas explicações relativas ao objeto em estudo (Glaser & Strauss, 1967 cit. por Minayo, 2017,p.5).

O universo de estudo foi Jovens, entre os 18 e os 24 anos, que frequentam o primeiro ciclo de estudos (Licenciaturas) no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa e Pessoas com 65 e mais anos, que residam nas freguesias que pertencem ao concelho de Cascais.

1.5 Métodos e Técnicas de Investigação

Tendo em conta que nos propomos identificar as representações sociais sobre a violência familiar contra as pessoas mais velhas, a partir da perspetiva dos participantes no estudo, a análise da informação recolhida será realizada através de uma configuração indutiva, característica dos métodos qualitativos (Carmo & Ferreira, 2008, p.197).

De acordo com Glaser e Strauss (1967 cit. por Carmo & Ferreira, 2008, p.197), o uso da forma indutiva, adequa-se quando não se pretende verificar hipóteses e a teoria, denominada de teoria fundamentada, é desenvolvida com suporte nos dados recolhidos e nas suas correlações, ou seja, num sentido de *bottom-up*. Aqui, os conjuntos de significados conferidos pelos participantes do estudo são essenciais, visto que o foco é a sua perspetiva e não a do investigador (Carmo & Ferreira, 2008, p.198), tal como refere a teoria das representações sociais.

Para a realização desta pesquisa foram utilizadas técnicas documentais e não documentais.

A pesquisa documental e bibliográfica tem como finalidade a seleção, tratamento e análise da informação recolhida pela comunidade científica (Carmo & Ferreira, 2008, p.73). No caso deste estudo iremos realizar a pesquisa em livros, artigos e revistas científicas; estatística

institucional, teses de mestrado e doutoramento e ainda em legislação (Carmo & Ferreira, 2008, p.77).

Relativamente às técnicas não documentais foi utilizado o inquérito por entrevista semiestruturada, pois permite a comunicação direta entre os participantes e o investigador, bem como a obtenção de informação mais completa e diversificada (Pardal & Lopes, 2011, p.85; Carmo & Ferreira, 2008, p.141-142) comparativamente com o inquérito por questionário (Quivy & Campenhoudt, 1992, p.191). Em suma, esta técnica é definida como “uma conversa tendo em vista um objetivo” (Ghiglione & Matalon, 1998, p.65), na medida em que se estabelece uma comunicação fluída e natural (Pardal & Lopes, 2011, p.87).

Este tipo de entrevista semiestruturada possibilita uma flexibilidade na comunicação e na colocação das perguntas. Ao existir esta flexibilidade os participantes podem de forma aberta revelar as representações, as atitudes e as emoções que possuem sobre o objeto em estudo (Pardal & Lopes, 2011, p.87; Quivy & Campenhoudt, 1992, p.195), ou seja, permite compreender a estrutura interna das representações sociais (Fernandes, 2012, p.10).

1.6 Instrumento de recolha de dados

No seguimento dos métodos e técnicas selecionadas, foi construído e aplicado um guião de entrevista com questões abertas e fechadas de acordo com os objetivos específicos do estudo.

Este guião (**ver apêndice 1**) é composto por um preâmbulo onde é apresentado o objetivo do estudo; referenciado o anonimato, a voluntariedade da participação e solicitação da autorização para a gravação da entrevista (Carmo & Ferreira, 2008, p.142).

Com o intuito de operacionalizar os conceitos, dividiu-se o guião em cinco grupos de questões, com um total de 20 perguntas.

O primeiro grupo é composto por nove perguntas de caracterização sociodemográfica, o segundo grupo tem três questões sobre o conceito de violência familiar contra as pessoas mais velhas, o terceiro grupo apresenta duas questões sobre as tipologias de violência, o quarto grupo possui duas perguntas sobre os atores intervenientes e por último, o quinto grupo é composto por quatro questões sobre os fatores desencadeadores de violência familiar contra as pessoas mais velhas.

Na segunda questão do terceiro grupo do guião de entrevista foram apresentadas três histórias fictícias para constatar se os entrevistados identificavam as situações como violência e qual a tipologia ali presente. Optou-se por colocar esta pergunta no fim da entrevista porque assim as respostas não eram influenciadas pela questão onde a entrevistadora enumerou cada tipologia e questionou quais as ações que os participantes associavam a cada uma delas.

O método de registo da informação foi através da gravação do áudio, com o consentimento dos entrevistados.

1.7 Estratégias de tratamento e análise de dados

Para o tratamento dos dados recolhidos através dos inquéritos por entrevista iremos utilizar a análise de conteúdo que visa o estudo das comunicações e de dados complexos e de alguma profundidade (Pardal & Lopes, 2011, p.93; Quivy & Campenhoudt, 1992, p.225).

Deste modo, a análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de dados (Vala, 1990, p.104) que relata objetiva e sistematicamente os conteúdos das informações (Carmo & Ferreira, 2008, p.269), nomeadamente em investigações onde o objetivo é estudar valores e representações sociais (Quivy & Campenhoudt, 1992, p.227).

É uma técnica que se processa de forma rigorosa, pois a sua objetividade e regularidade determina a adoção de regras, como a construção de categorias, que delimitam e organizam a informação, sempre com o intuito de atingir os objetivos do estudo (Carmo & Ferreira, 2008, p.269; Vala, 1990, p.103).

A análise de conteúdo tem diversas tipologias sendo elas: a) análise de exploração e de verificação, b) análise quantitativa e qualitativa e c) análise direta e indireta. Pese embora, seguiremos uma análise qualitativa e indireta, na medida em que “ a noção de importância implica a novidade, o interesse e valor do tema” (Carmo & Ferreira, 2008, p.270-271) e compreende o que está oculta nas comunicações (Carmo & Ferreira, 2008, p.271).

No que concerne à componente prática da análise de conteúdo, esta é composta por seis etapas, que desenvolvemos de seguida (Carmo & Ferreira, 2008, p.271-276; Vala, 1990, p.109-115):

a) Definir objetivos e quadro teórico;

b) Constituição do *Corpus* (é a seleção de documentos que possibilitam a construção do *Corpus*, através da exaustividade, da representatividade, da homogeneidade e por último, pertinência);

c) Definir categorias (nesta técnica pode-se definir categorias *à priori* e *à posteriori*, sendo que no presente estudo, visto que não foram estabelecidas hipóteses, nem categorias, esta tarefa será realizada através dos documentos de análise (inquérito por entrevista).

d) Definir unidades de análise (existem três tipos de unidades: 1) Unidade de registo – que está subordinada aos objetivos e à componente teórica, podendo assumir duas formas: unidades formais (Palavras, frases e imagens) e unidades semânticas (tema); 2) Unidade de

Contexto (corresponde ao parte mais longa do conteúdo, ou seja, se a unidade de registo for uma palavra, a unidade de contexto é a frase. Esta unidade está dependente da unidade de registo selecionada); 3) Unidade de Enumeração (está relacionada com a quantificação, é o número de linhas referentes à unidade de registo).

e) Quantificar (ou seja, utilizar a análise quantitativa, através do cálculo de frequências. Esta etapa não é obrigatória);

f) Interpretar os resultados obtidos.

No estudo utilizamos a análise de conteúdo qualitativa e indireta. No que respeita às categorias e às unidades de análise foram construídas *a posteriori* através dos inquéritos por entrevista tendo em conta a abordagem dimensional das representações sociais.

2. Apresentação e Discussão de Resultados

Neste ponto apresentamos e discutimos os resultados das entrevistas realizadas a 21 jovens e a 21 pessoas com 65 e mais anos. Inicialmente faz-se a caracterização sociodemográfica da população do estudo e posteriormente analisam-se as representações sociais dos entrevistados face à violência familiar contra as pessoas mais velhas.

2.1 Caracterização Sociodemográfica

Para uma melhor compreensão e análise das características sociodemográficas da população em estudo apresentam-se os dados de cada grupo separadamente, ou seja, uma análise dos jovens e outra das pessoas com 65 e mais anos, exceto a distribuição dos entrevistados por género.

2.1.1 Distribuição dos entrevistados por Grupo etário

2.1.1.1 Distribuição dos Jovens por Grupo etário

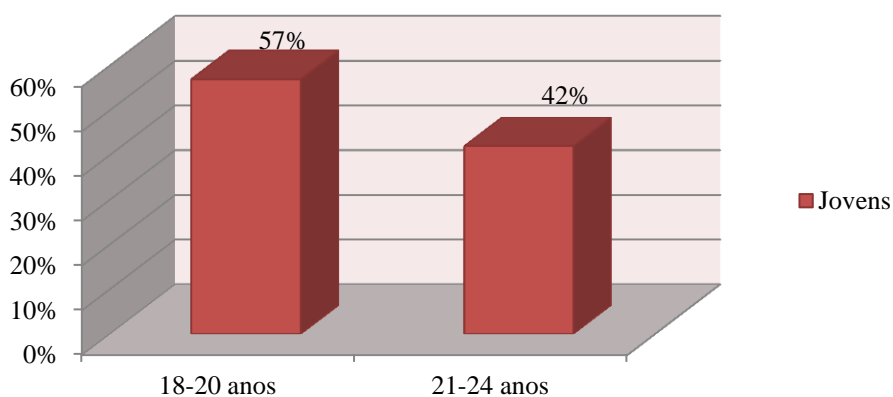


Gráfico 1 – Distribuição dos Jovens por Idade.

Verifica-se que 57% dos jovens encontram-se no grupo etário entre os 18 e os 20 anos, sendo que os restantes 42% dos jovens entre os 21 e os 24 anos.

2.1.1.2 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos por Grupo etário

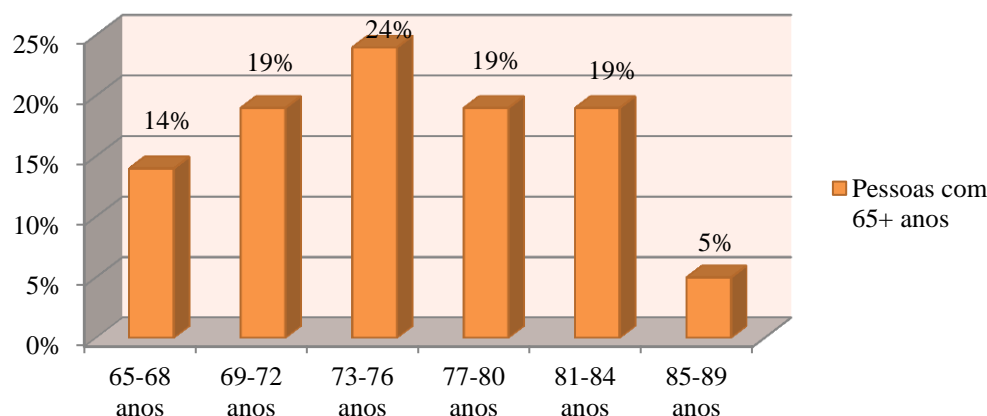


Gráfico 2 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por Idade

Quanto ao grupo de pessoas com 65 e mais anos, de acordo com o **gráfico 2** verifica-se uma homogeneidade numérica, na medida em que não existe uma elevada discrepância na distribuição das idades. Destacando-se o intervalo dos 73 e os 76 anos, por ter um maior número de pessoas nesse grupo etário (24% de pessoas) e no polo oposto, o intervalo dos 85 e 89 anos, composto por 1 (5%) entrevistado.

2.1.2 Distribuição dos entrevistados por Género

Tal como referido anteriormente, não estabelecemos hipóteses, nem procuramos analisar o objeto de estudo com base na questão de género, o que significa que o número de pessoas entrevistadas do género feminino poderia ser diferente comparativamente com os de pessoas do género masculino, em ambos os grupos. Algo que acabou por se verificar no nosso universo de estudo.

A partir da análise do **gráfico 3** observa-se que no grupo de jovens a diferença entre o género feminino e masculino é diminuta, 57% dos jovens de género masculino e 43% de género feminino.

No que concerne ao grupo de pessoas com 65 e mais anos, a diferença de género dos entrevistados é notória, na medida em que a maioria são pessoas do género feminino (90% das pessoas) e 10% são do género masculino.

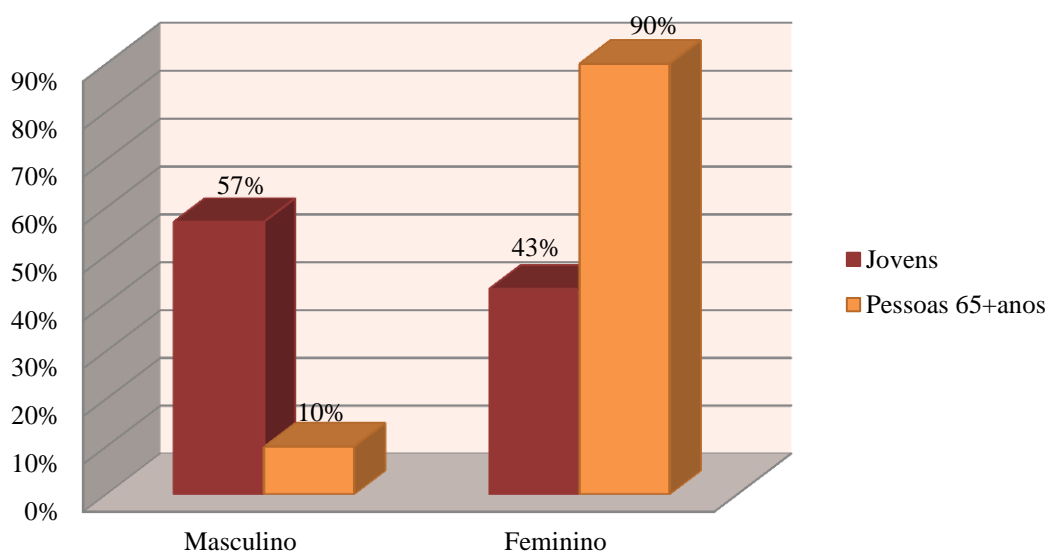


Gráfico 3 – Distribuição do universo de estudo por Género

2.1.3 Distribuição dos entrevistados por Onde viveu a maior parte da sua vida

O aspeto que iremos de seguida analisar corresponde ao local onde as pessoas viveram a maior parte da sua vida.

No **gráfico 4** e **5**, observa-se que existe um contexto habitacional mais heterogéneo nos jovens do que nas pessoas mais velhas, podemos associar este aspeto ao facto do universo de estudo estar inserido no contexto universitário.

2.1.3.1 Distribuição dos Jovens por Onde viveu a maior parte da sua vida

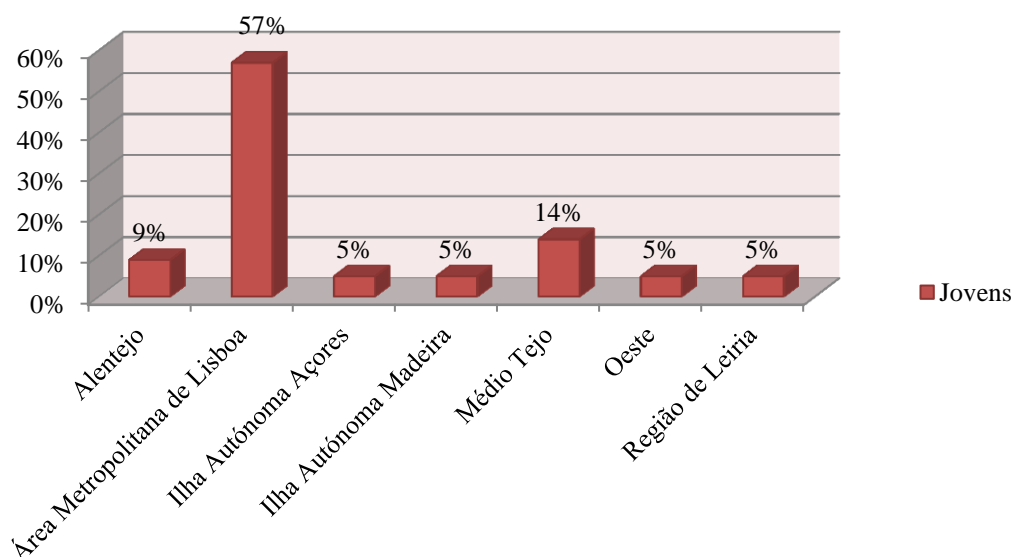


Gráfico 4 – Distribuição dos Jovens por onde viveu a maior parte da sua vida

No que respeita ao local onde os jovens viveram maior parte da sua vida, verifica-se que a maioria, 57% dos entrevistados, residiram na Área Metropolitana de Lisboa. Seguido do Médio Tejo (Torres Novas e Alcanena) com 14% dos jovens.

2.1.3.2 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos por Onde viveu a maior parte da sua vida

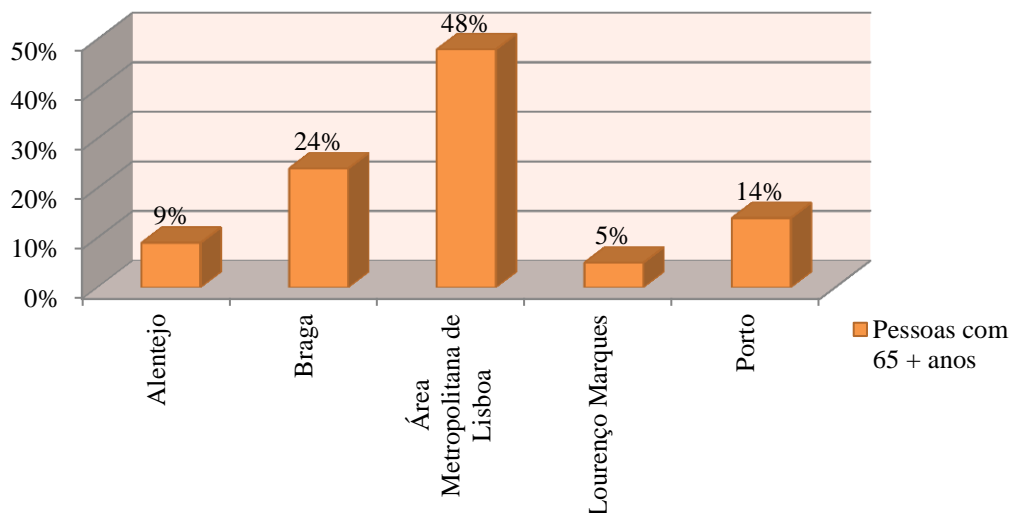


Gráfico 5 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por onde viveu maior parte da sua vida

No **gráfico 5** a região mais referida pelos entrevistados foi a Área Metropolitana de Lisboa, correspondendo a 48% das pessoas mais velhas. Contrapondo com o Alentejo (9% pessoas mais velhas) e com Lourenço Marques (5% pessoas mais velhas). Concluiu-se que o critério para selecionar o universo de estudo poderá ter influenciado em parte a grande incidência de respostas sobre a localidade de Cascais.

2.1.4 Distribuição dos entrevistados por Estado Civil

A quarta característica refere-se ao estado civil. Nos Jovens verificou-se uma unanimidade de respostas (100% estavam solteiros). Enquanto, as pessoas com 65 e mais anos, na maioria encontram-se viúvo/a (71% pessoas com 65 mais anos), seguido do estado de casado/a com 24% das pessoas e por último, 1 (5%) entrevistado encontrava-se divorciado/a.

2.1.5 Distribuição dos entrevistados por Habilitações Literárias

2.1.5.1 Distribuição dos Jovens por Habilitações Literárias

Relativamente às Habilitações Literárias todos os jovens possuem o 12º ano (100% jovens).

No que concerne aos cursos que os jovens frequentam, através do **gráfico 6**, verifica-se que dos 21 entrevistados, a maioria frequentava um dos seguintes cursos: Sociologia (19%),

Serviço Social (19%) e Gestão de Recursos Humanos (19%). Registrando-se a licenciatura de Administração Pública e Políticas de Território (1 jovem), Antropologia (1 jovem) e Ciência Política (1 jovem) os menos representados. Porém, no presente estudo foi possível ter no mínimo um elemento por cada curso do 1º Ciclo do ISCSP-UL.

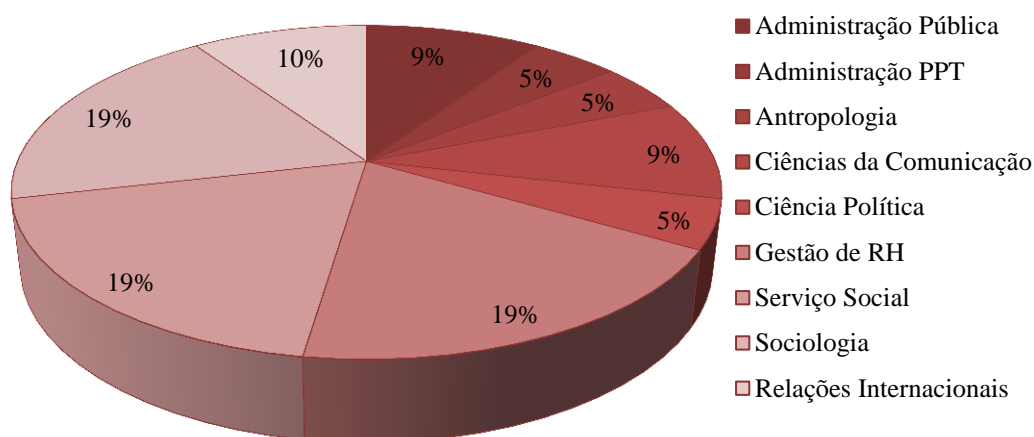


Gráfico 6 - Distribuição dos Jovens por curso que frequenta

2.1.5.2 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos por Habilitações Literárias

Através do **gráfico 7** e **8** observa-se que a maioria (76%) das pessoas mais velhas tem apenas o ensino primário, em que 58% dos entrevistados não frequentaram qualquer curso, 21% frequentou o curso de costura e 7% o curso de Tilografia. De destacar que 2 pessoas (9%) possuem o ensino superior, nomeadamente Licenciatura em Economia (7%) e Educação do 1º Ciclo (7%) e 1 entrevistado (5%) não têm nenhum grau de escolaridade.

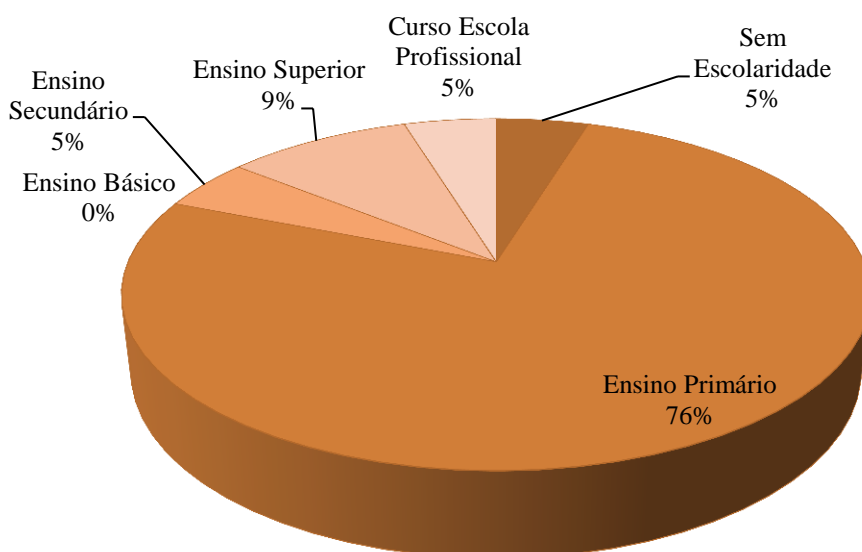


Gráfico 7 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por habilitações literárias

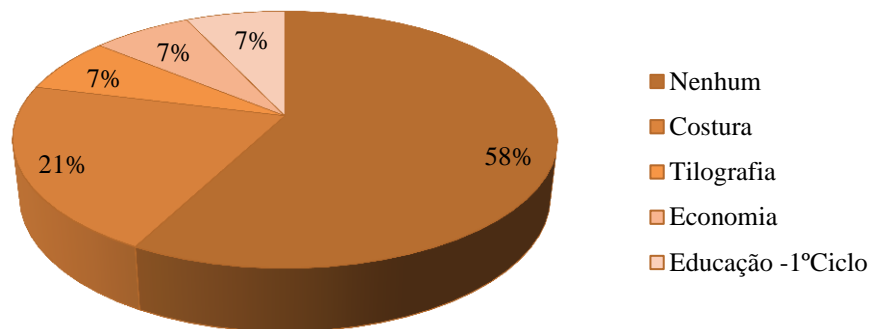


Gráfico 8 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por curso que frequentou

Em suma, conclui-se que no grupo de pessoas mais velhas participantes o nível de escolaridade percorre dois polos opostos de literacia, por um lado pessoas que não possuem escolaridade e por outro lado que possuem uma Licenciatura.

2.1.6 Distribuição dos Entrevistados por Situação face à Profissão

2.1.6.1 Distribuição dos Jovens por Situação face à Profissão

Os jovens que participaram neste estudo apesar de 100% se encontrar a estudar, temos 4 (19%) jovens que são trabalhadores-estudantes, ocupando profissões como empregados de mesa e operadores de loja e call center.

2.1.6.2 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos por Situação face à Profissão

Por sua vez, 100% das pessoas mais velhas entrevistadas encontram-se reformadas, em alguns casos por situações de invalidez.

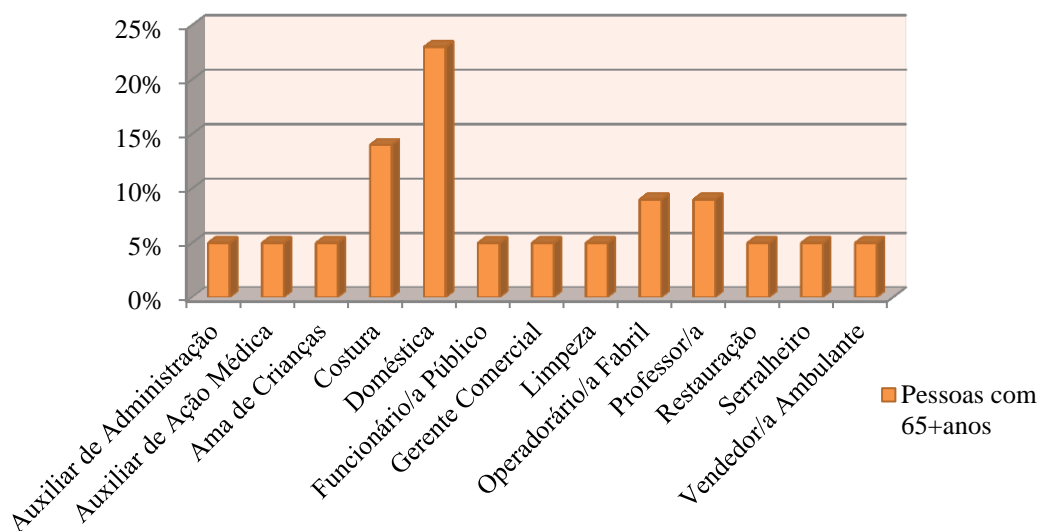


Gráfico 9 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por profissão

Ao observar o gráfico verifica-se que a profissão de Doméstica (23% das pessoas mais velhas) é a que mais se destaca, o que poderá estar associado ao elevado número de pessoas do género feminino que participaram e também à visão de família e do papel da mulher na sociedade a quando da época em que estariam em idade ativa.

Para além disto, verifica-se que 3 (14%) participantes trabalharam como costureiras, outras 2 (9%) pessoas como operárias/os fabris e ainda, 9% dos entrevistados foram Professoras/es.

2.1.7 Distribuição dos Entrevistados por Composição do Agregado Familiar

Uma outra questão foi a composição do agregado familiar, mais especificamente “Com quem vive?”.

2.1.7.1 Distribuição dos Jovens por Composição do Agregado Familiar

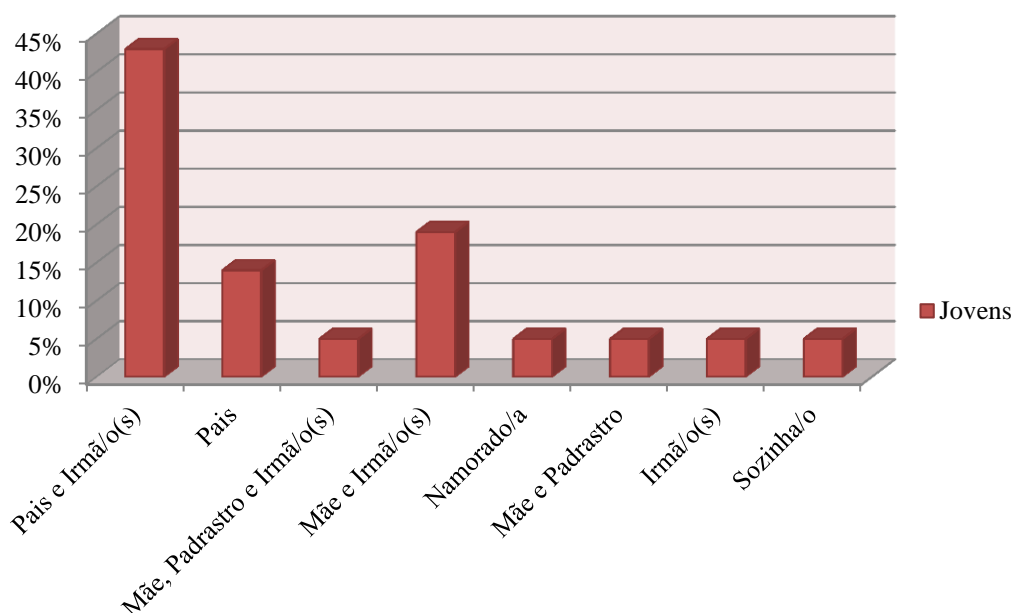


Gráfico 10 – Distribuição dos Jovens por composição do agregado familiar

Ao analisarmos o **gráfico 10** verifica-se que a maior parte (43%) dos jovens residem com os pais e irmã/o(s), seguido de 19% dos jovens habita com a mãe e com irmã/o(s) e ainda, 3 (14%) entrevistados vivem com ambos os pais.

2.1.7.2 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos por Composição do Agregado Familiar

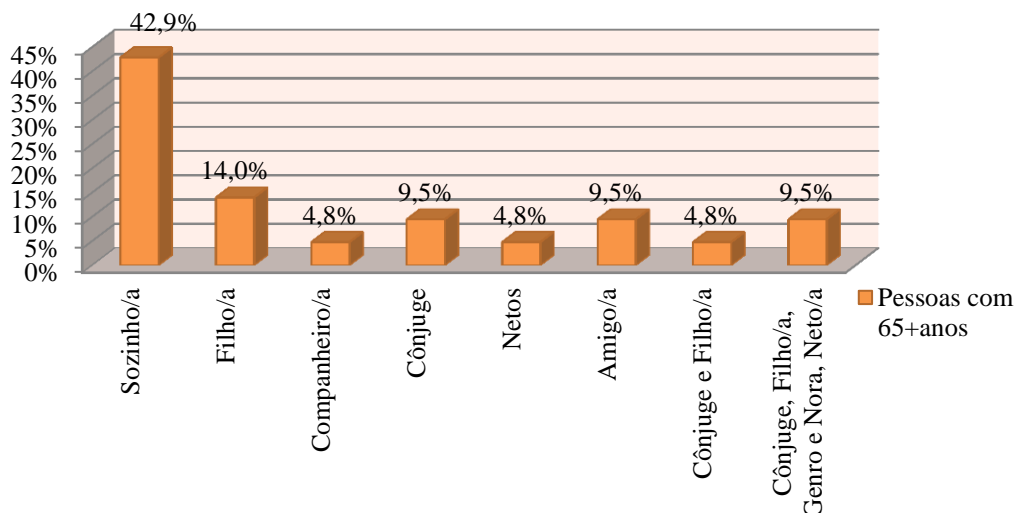


Gráfico 11 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por composição do agregado familiar

No que respeita às pessoas com 65 e mais anos, 42,9% dos participantes residem sozinhos, 14% habitam com o filho/a, 9,5% de pessoas coabita com um/a amigo/a e ainda, 4,8% dos participantes vive com o neto/a(s). Observa-se, ainda, 2 situações em que as pessoas mais velhas habitam com o cônjuge/companheiro, os seus filhos, os/as genros/noras e ainda, com os neto/a(s).

Referimos ainda, 1 dos participantes afirmou que, no passado, já residiu, em sua casa, com os sobrinhos.

Para além de procuramos saber como é composto o agregado familiar do nosso universo em estudo, perguntamos se tinha filhos, netos e avós com o intuito de compreender a frequência e a qualidade das relações intergeracionais dos nossos participantes, que poderão afetar as suas representações sociais face à violência familiar contra as pessoas mais velhas.

2.1.7.3 Distribuição dos Entrevistados por Número de Filhos

O grupo de jovens todos (100%) referiram não ter filhos.

No universo das pessoas com 65 e mais anos, verificamos que 20 (95%) participantes têm filhos, apenas 1 (5%) participante afirmou não ter. A maioria das pessoas mais velhas revela ter 2 ou mais filhos.

Através do **gráfico 12** observa-se que 38% dos entrevistados tem 2 filhos, seguido dos 24% de pessoas mais velhas com 3 filhos. Registou-se, ainda, 14% dos participantes com 1 filho, outros 14% com 4 filhos e 1 (5%) situação em que a pessoa teve 6 filhos.

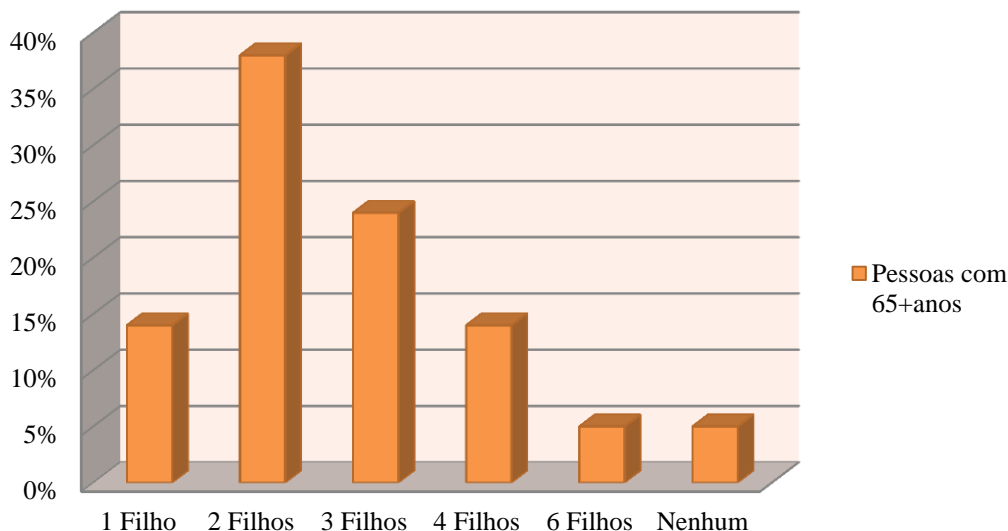


Gráfico 12 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por número de filhos

2.1.7.4 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos por Número de Netos

No **gráfico 13** verificam-se duas situações distintas, pessoas com 1 e 2 netos e depois os que têm 6 a 10 netos. Deste modo, 28% das pessoas com mais de 65 anos têm 2 netos, seguido de 19% dos entrevistados com 3 netos e outros 19% têm 5 netos. Segue-se os 9% dos participantes com 6 netos, enquanto as restantes categorias (1 neto, 4 netos, 8 netos e 10 netos) foram referidas por apenas 1 (5%) pessoa.

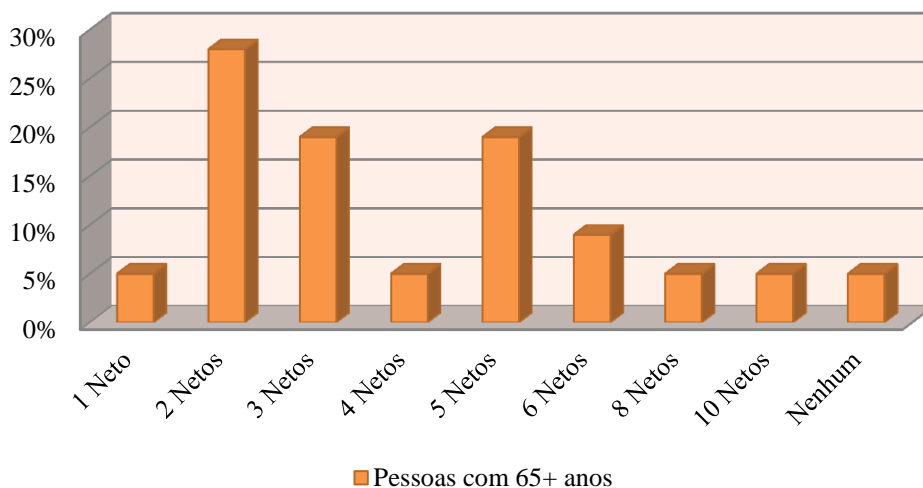


Gráfico 13 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por número de netos

Das pessoas com 65 e mais anos, 14% referiram que também tinham bisnetos (entre 2 a 4).

2.1.7.5 Distribuição dos Jovens pelo Número de Avós?

No seguimento das questões anteriormente colocadas, tivemos de adaptar também ao nosso grupo de jovens e neste sentido questionámo-los se tinham avós e se “sim, quantos?”.

Um dos primeiros aspetos verificados é que 95% dos jovens têm avós e 5% responderam que não.

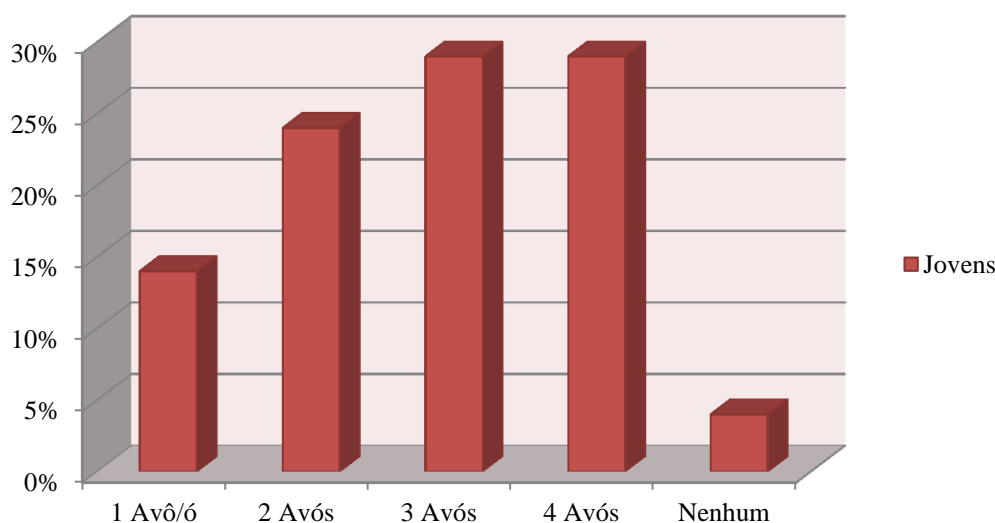


Gráfico 14 – Distribuição de Jovens por número de avós

Numa análise mais aprofundada, verifica-se que apenas 14% dos entrevistados têm só um dos avós. Dos 24% de jovens que têm 2 avós, observa-se duas situações: aqueles que têm avô e avó maternos e os que têm as avós maternas e paternas. Todavia mais de metade da amostra (58% dos participantes) referem ter ainda vivos os 3 ou os 4 avós.

É de referir que um dos jovens do estudo referiu que, também, tem os dois bisavós paternos vivos.

2.1.8 Relações Intergeracionais

Neste grupo de questões, procuramos identificar não só a frequência de contacto que o nosso universo de estudo tem com o grupo populacional oposto, bem como com os seus familiares (avós ou netos) e por último que os próprios descrevam através da escala fornecida, qual a opção que melhor descreve a relação com os avós ou netos.

2.1.8.1 Distribuição dos entrevistados pela frequência de contacto com pessoas com 65 e mais anos/jovens, excluindo os seus avó(s)/neto(s)

A presente questão diz respeito à frequência de contacto (telefónico, presencial, email e redes sociais) que o nosso universo de estudo tem com a geração oposta, excluindo os seus familiares.

2.1.8.1.1 Distribuição dos Jovens pela frequência de contacto com pessoas com 65 e mais anos, excluindo os seus avó(s)

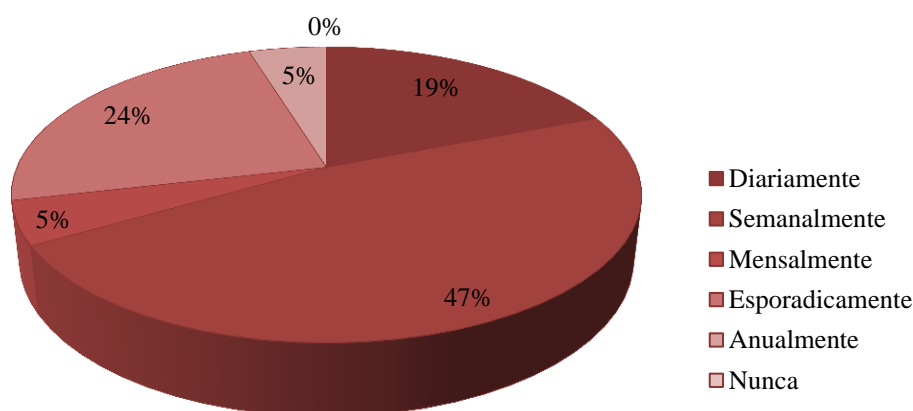


Gráfico 15 – Distribuição dos Jovens pela frequência de contacto com pessoas com 65+ anos, excluindo os seus avó(s)

No gráfico acima verificamos que 47% dos jovens têm um contacto semanal com pessoas acima dos 65 anos, sem ser os seus avós, seguido de 24% dos jovens com um contacto esporádico e, por último, 19% dos participantes jovens tem um contacto diário.

2.1.8.1.2 Distribuição das pessoas com 65 e mais anos pela frequência de contacto com jovens, excluindo os seus neto(s)

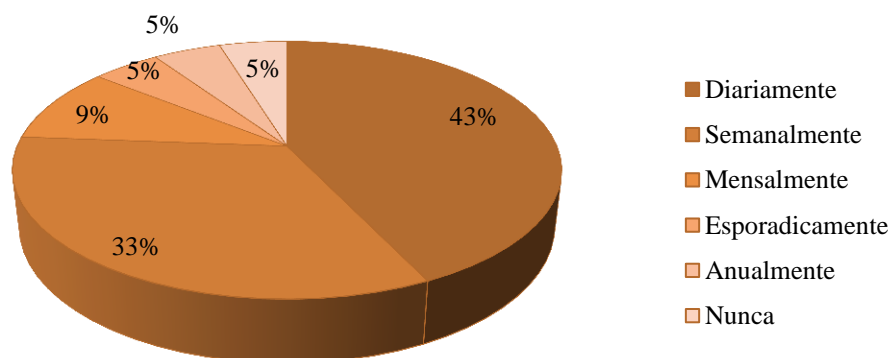


Gráfico 16 – Distribuição das Pessoas com 65+anos pela frequência de contacto com Jovens

As pessoas mais velhas referem ter um contacto diário e semanal com jovens que não sejam os seus netos, correspondendo a 43% diariamente e a 33% semanalmente. Há ainda 9% dos entrevistados que tem um contacto mensal com jovens.

O contacto ocorre no contexto de rotina diária de cada pessoa mais velha, como no café, nas idas à ginástica e até mesmo quando frequentam Centros de convívio e Universidades Sénior.

2.1.8.2 Distribuição dos entrevistados pela frequência de contacto com os seus avó(s)/netos

Nesta questão analisamos a frequência de contacto dos entrevistados com avós e netos, sendo que esse contacto pode ser presencial, telefónico, pelas redes sociais e até por e-mail.

Um outro aspeto que é importante de esclarecer é sobre o número de resultados apresentados nos próximos gráficos. Ambos correspondem a 20 respostas, na medida em que um jovem referiu não ter avós e uma pessoa com 65 e mais anos referiu não ter netos, o que significa que esta questão não lhes foi aplicada.

2.1.8.2.1 Distribuição dos Jovens pela frequência de contacto com os seus avó(s)

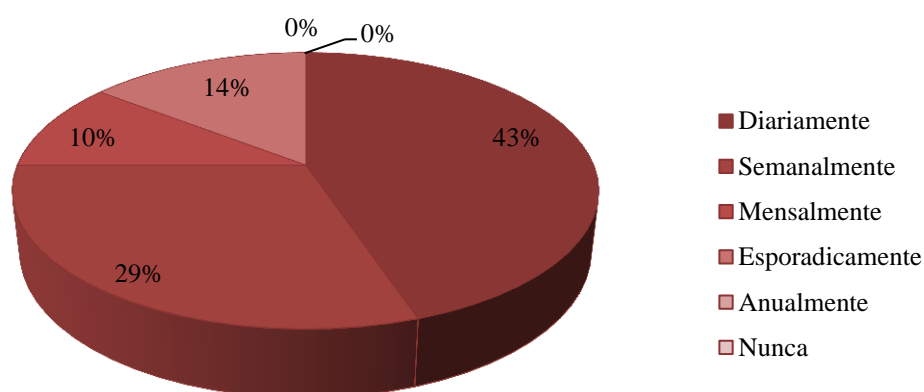


Gráfico 17 – Distribuição dos Jovens por frequência de contacto com os seus avós

Relativamente à frequência do contacto com os seus avós, a maioria dos jovens que respondeu sim à questão 8.3. afirmaram ter um contacto diário (43%) ou semanal (29%) com os seus avós. Ainda que, exista outros 24% que tem um contacto esporádico (14%) ou mensal (10%).

Os jovens entrevistados referiram que tinham um contacto mais diário com os avós maternos, ao contrário do que acontece com os avós paternos, existindo quem referisse não ter qualquer contacto com estes últimos.

2.1.8.2.1 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos pela frequência de contacto com os seus neto(s)

Quanto à frequência do contacto das pessoas com 65 e mais anos entrevistadas com os seus netos, a maioria dos participantes refere ter um contacto diário (71%) com os netos. Seguido, dos 19% de pessoas mais velhas com contacto semanal e 5% com um contacto esporádico com os netos.

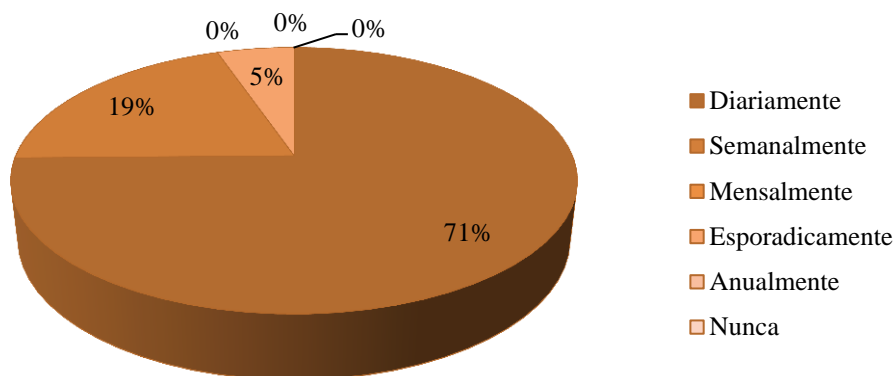


Gráfico 18 – Distribuição das Pessoas com 65+anos por frequência de contacto com os seus netos

2.1.8.3 Distribuição dos entrevistados pela descrição da sua relação com os seus avó(s)/neto(s)

Na penúltima questão, procuramos identificar como jovens e pessoas com 65 e mais anos descrevem a sua relação com os seus avós e os seus netos, respetivamente.

Antes de mais, voltamos a repetir que só 20 participantes responderam à questão, pois existiu um jovem e uma pessoa com 65 e mais anos que afirmaram não ter avós, nem netos.

2.1.8.3.1 Distribuição dos Jovens pela descrição da relação com os seus avó(s)

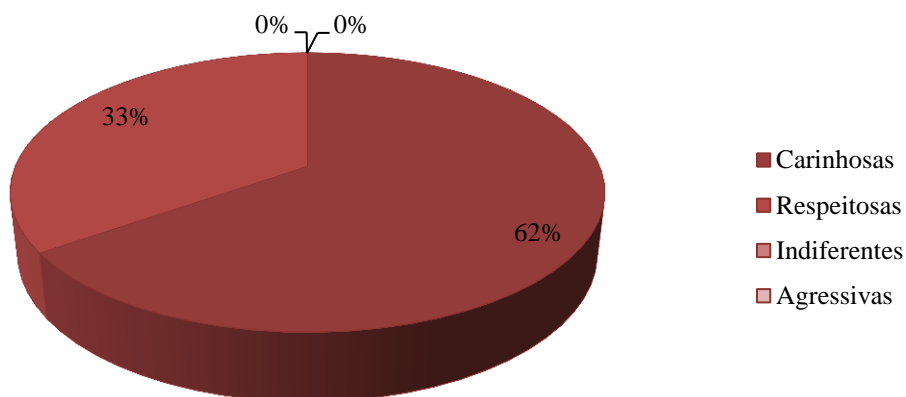


Gráfico 19 – Distribuição dos Jovens pela descrição da sua relação com os seus avós

Dos jovens que têm avós 62% descreve a relação com estes como carinhosa, seguido dos 33% que consideram ter uma relação respeitosa com os seus avós.

Na questão anterior referimos que existiu um jovem que referiu não ter nenhum contacto com os avós paternos, descrevendo a relação com estes como indiferente. Não consideramos esta situação no gráfico, visto que a sua resposta imediata foi “carinhosas”, referindo-se aos avós maternos.

2.1.8.3.2 Distribuição das Pessoas com 65 e mais anos pela descrição da relação com os seus neto(s)

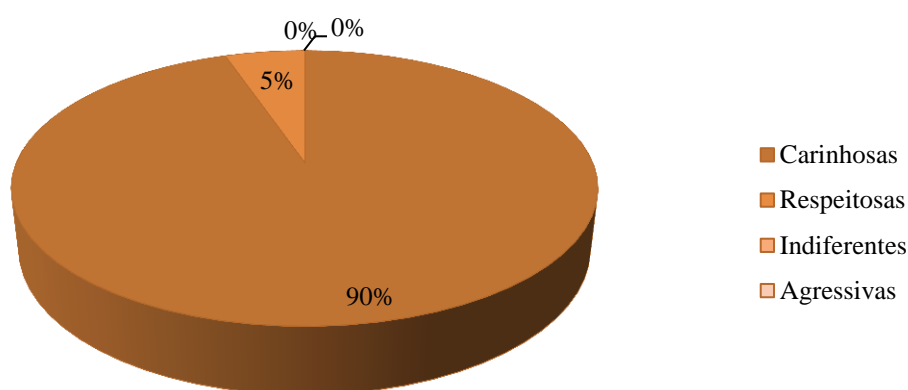


Gráfico 20 – Distribuição das Pessoas com 65+anos pela descrição da sua relação com os seus netos

Por sua vez, das 20 pessoas mais velhas com netos, 90% descreve a relação com os seus netos sendo carinhosas e 5% considera-as respeitosas.

Pese embora, alguns participantes acrescentavam que para além de relações carinhosas eram igualmente respeitosas. Este aspeto poderá resultar em relações harmoniosas e positivas entre as duas gerações, mesmo que a frequência de contacto não seja diária.

Por último, questionamos os participantes se a relação que tinham com os seus avós/ netos era igual com todos os elementos dessa geração. Dos jovens que têm dois ou mais avós, 8 referiram que sim, sendo que os restantes indicaram os avós maternos como mais próximos e com relações carinhosas, enquanto os laços afetivos com os avós paternos são caracterizados como respeitosos, indiferentes e sem relação. Em relação às pessoas mais velhas, consideram as relações com os netos todas iguais, apesar de admitirem a existência de netos mais próximos que outros.

Através da caracterização sociodemográfica dos participantes no estudo, observou-se a existência de diferentes gerações (bisnetos e bisavós) na composição familiar dos jovens e das pessoas com 65 e mais anos. Este aspeto vai ao encontro do que analisamos na literatura sobre

as famílias, na atualidade, terem menos indivíduos mas composta por mais gerações em convivência.

2.2 As Representações Sociais sobre a Violência Familiar contra as Pessoas mais Velhas

Após a caracterização dos entrevistados, apresentamos de seguida a análise do conteúdo das entrevistas realizadas sobre as representações sociais sobre a violência familiar contra as pessoas mais velhas. Assim, através da análise qualitativa identificamos as representações práticas e simbólicas da violência familiar em quatro pontos: o conceito, as práticas (tipologias), os atores e os fatores desencadeadores.

Antes de iniciarmos a análise das representações sociais sobre a violência familiar contra as pessoas mais velhas, apresentamos como os entrevistados respondem à questão “O que é para si envelhecer?”.

Para os nossos jovens, constatámos que existe ambivalência em relação ao envelhecer. Por um lado caracterizam-no como um processo composto por fases positivas e negativas, pautado pela sabedoria e experiências – *“cada idade e fase da vida tem os seus próprios pontos fortes e fracos”* (E.15) *“é crescermos (...) acho que com a idade vem sempre um bocadinho mais de experiência”* (E.6 e9) *“Sabedoria”* (E.7,13 e 14) – sendo este considerado o lado positivo. Todavia, também os jovens possuem uma imagem do envelhecimento negativa, pauta por um decréscimo da capacidade física e cognitiva - *“é perder a atividade física e mental”* (E.1 e 4) - que os coloca numa situação de maior vulnerabilidade e inatividade, necessitando de maior atenção e carinho por parte dos familiares – *“estar mais vulneráveis (...) precisar de mais atenção, mais carinho e mais respeito”* (E.19).

O mesmo se observa nos discursos das pessoas mais velhas. Para parte deste grupo o envelhecimento é positivo, apesar de ser *“um fim (...) sou muito feliz”* (E.22) é marcado por *“saber mais”* (E.26). Pese embora, constatamos uma maior referência ao envelhecimento como o declínio físico e mental da pessoa – *“perder algumas faculdades motoras para além das mentais (...) os reflexos começam a ser mais lentos”* (E.36), associado à perda de atividade e de saúde e conseqüentemente sentem-no com pesar – *“é triste ser velhos”* (E.32 e 35).

Das entrevistas podemos concluir que não existem diferenças no que concerne ao que é para si envelhecer em ambos os grupos entrevistados.

2.2.1 Conceito de Violência Familiar contra as Pessoas mais velhas

No que respeita ao conceito de violência familiar contra as pessoas mais velhas, a maioria dos nossos entrevistados jovens condena os indivíduos que violentam as pessoas mais velhas, considerando este um ato imoral, inconstitucional e um atentado aos direitos humanos, como podemos observar nas seguintes transcrições: “*é um pouco ir contra os direitos humanos*” (E.10); “*a partir do momento em que entramos num patamar de violência perante outro agente (...) é inconstitucional, é imoral*” (E.4).

Os jovens quando pensam em violência familiar contra as pessoas mais velhas associam-no de imediato ao abandono nos lares e hospitais, por ser o mais noticiado nos *Mass Media* – “*Abandono em hospitais (...) porque nunca ouvi muito sobre este tema e sempre que oiço é sobre esta temática do abandono*” (E.15). Na generalidade, referem ter dificuldade em compreender como é que um familiar, nomeadamente os filhos e netos, podem violentar uma pessoa mais velha.

Verificámos também a prevalência de uma imagem simbólica e prática do conceito de violência familiar contra as pessoas mais velhas como uma forma oposta de retribuir aquilo que lhes foi dado anteriormente – “*Se os pais durante tanto tempo tiveram presentes agora seria bom retribuir*” (E.1); marcada pelo “*abandono, a agressão*” (E.12) e pelo isolamento das pessoas mais velhas, perpetrada por filho e netos contra pessoas que se encontram fisicamente e cognitivamente mais vulneráveis e dependentes – “*penso em velhotes, a maltratarem, a abandonarem, a não quererem saber mais deles, a deixá-los sozinhos na solidão*” (E.5).

Por sua vez, as pessoas mais velhas referem sentir-se “*magoadas*” e “*revoltadas*” perante situações de violência familiar contra pessoas mais velhas, considerando que “*não havia de haver*” (E.29), que “*é um crime que devia ser punido*” (E.24). Demonstraram, ainda, incredibilidade perante a prática dos familiares em violentar os seus ascendentes – “*como é que as pessoas conseguem chegar a esse ponto, foram estimadas e criadas com miminho e depois acabam por fazer mal à pessoa*” (E.27).

Para os entrevistados com 65 e mais anos, a violência familiar contra as pessoas mais velhas remete-os para uma imagem mental de “*velhinhos agredidos*” (E.30) e “*abandonados*” por filhos e netos, que consideram têm menos respeito – “*antes havia mais respeito*” (E.33) – e menos paciência para as pessoas mais velhas.

Relativamente à questão se já tinham ouvido falar sobre o tema verifica-se que a maioria ouviu falar da temática nos meios de comunicação social - “*oiço na televisão, é a toda a hora*” (E.22), nomeadamente em “*notícias*” (E.19), “*debates em televisão e séries*” (E.21).

Da análise ao conceito de violência familiar contra as pessoas mais velhas verifica-se uma concordância entre os jovens e as pessoas mais velhas entrevistadas, no que diz respeito à imoralidade, à incompreensão e ao que consideram ser violência familiar contra as pessoas mais velhas.

2.2.2 Tipologias de Violência Familiar contra as Pessoas mais velhas

Para identificarmos as representações sociais sobre as tipologias de violência familiar contra as pessoas mais velhas dos nossos entrevistados, utilizamos dois grupos de questões: a) identificação das tipologias a partir de expressões; b) identificação de situações de violência a partir de três histórias.

De seguida, analisaremos as respostas relativas ao ponto a).

- **Violência Física**

Neste sentido, os jovens associam a violência física a *“bofetadas, pontapés, estalos, soco e o agarrar com mais força”* (E.1,4 e 12), é uma forma de *“agredir”* (E.7 e 11) que *“deixa marcas, tipo as nódoas negras”* (E.5).

As pessoas com 65 e mais anos, na sua maioria, consideram a violência física como a ação de *“bater”, “dar chapadas”, “empurrar”, “amarrar” e “puxar cabelos”* (E.23,26,36,33 e 42).

- **Violência Psicológica/Emocional**

Para os jovens a violência psicológica/emocional é vista como o *“insultar”, o “chantagear”* (E.4,5,6,8,12 e 14), o *“desrespeito”* (E.8) e o *“isolamento”*, utilizaram exemplos como *“chamar efetivamente velho de forma a denegrir”* (E.1 e 7) e *“já não vales nada o teu tempo está acabar”* (E.2 e 10). E para as pessoas com 65 e mais anos é o ato de *“chantagear, ofender, intimidar”* (E.30,31,33,35 e 41) e menosprezar um familiar mais velho, ou seja, *“é aquilo que violenta a parte psicológica das pessoas”* (E.36).

- **Violência Financeira**

No que concerne à representação da violência financeira, constatou-se que os jovens apresentam-na como *“pedir dinheiro quando desnecessário”* (E.1); *“rebaixar por questões de dinheiro”* (E.6), utilizar os recursos da pessoa sem autorização (E.8,10 e 11) e *“roubos testamentos e heranças”* (E.12 e 13).

Quanto a esta tipologia verificamos que, uma parte das pessoas com 65 e mais anos considera violência financeira a má gestão monetária das próprias pessoas mais velhas *“as pessoas não se sabem orientar gastam tudo depois querem e não têm”* (E.22) e outros entrevistados identificam como os familiares retirarem bens financeiros e materiais aos

ascendentes e obrigarem os pais ou avós a sustenta-lo devido a situações de desemprego ou dificuldades económicas – *“fica sem nada e depois volta para a beira dos pais ou família para os ajudar”* (E.30 e 32).

- **Violência Sexual**

A violência sexual é considerada pelos jovens como *“violação”*; *“discriminação de género”*; *“abuso”* e *“assédio”* (E.3,4,6,8,9,11,12 e 13), associada a uma situação de vulnerabilidade da pessoa mais velha perante o agressor.

Para as pessoas com 65 e mais anos a violência sexual é *“obrigar uma pessoa mais velha a ter relações sexuais”* (E.23,25,26,36,37 e 39), o *“abusar”* (E.34) e o *“violar uma pessoa de idade”* (E.30 e 31), que para estes participantes é algo *“moralmente condenável (...) fora do normal”* (E.33,39 e 40).

- **Negligência**

A maioria dos jovens associa a negligência aos cuidados prestados nos Hospitais (E.2), nos Lares e nas famílias, dado que relacionam à falta de cuidados adequados e também como um ato de *“despreocupação”* (E.8), *“falta de cuidados com a pessoa”* (E.7 e 12); *“Não serem alimentados”* (E.15). Um participante refere que a negligência como voluntária e involuntária (E.10).

De salientar, que alguns jovens não identificam a negligência como uma violência e questionam - *“mas isso é uma violência? Isso faz-me lembrar os hospitais quando não tratam corretamente”* (E.5).

Relativamente às pessoas com 65 e mais anos, esta tipologia está associada à não prestação de cuidados adequados às necessidades das pessoas mais velhas – *“não prestar o apoio necessário tendo em conta as necessidades da pessoa, não comer, não tomar banho”* (E.31 e 37) – também se verificou que algumas das pessoas entrevistadas referiu não saber o significado desta palavra.

- **Abandono**

No que concerne à tipologia do abandono, para os jovens, esta encontra-se relacionado com a negligência e é uma prática associada ao esquecimento, ao desinteresse, à dissolução de contactos e conseqüente rompimento de laços, como é representado no seguinte excerto *“adultos deixarem os pais idosos num lar ou num hospital, não procurarem estar com as pessoas mais velhas”* (E.21).

Para as pessoas mais velhas o abandono é associado à falta de interesse e atenção dos familiares, como indicam alguns entrevistados - *“os netos abandonam os avós porque não querem saber deles, não têm interesse (...) nem com uma palavrinha de amor (...) fica para ai como os trapos velhos (...) eles ficam lá semanas no hospital, ninguém quer saber”* (E.26,28,32,34,35 e 36), mas também é considerado a não retribuição do cuidado e do amor dado pelos mais velhos aos mais novos - *“a pessoa não se lembrar daquilo que lhe fizeram e não recompensam”* (E.27).

No segundo grupo de questões realizadas, apresentamos três histórias que relatavam situações de violência familiar contra as pessoas mais velhas com o objetivo que os entrevistados identificassem as tipologias de violência presentes.

Na história 1, que relatava a situação da institucionalização de uma pessoa mais velha pelo seu filho, constatou-se uma concordância entre os jovens e as pessoas com 65 e mais anos, no que concerne à decisão do filho - *“concordo plenamente, se não tinha condições e tendo em conta o estado de saúde da Maria”* (E.6,10 e 14); *“Eu concordo, ele a trabalhar não podia ter ali a mãe sozinha”* (E.24).

No que diz respeito à identificação das tipologias os dois grupos de entrevistados consideram que *“há uma forma de abandono”* (E.1), *“agora deixar de a visitar é abandono”* (E.35); *“e não é só isso a mãe deve gostar de ver o filho”* (E.24), bem como *“teria sido mais inteligente se ele a tivesse colocado num (Lar) perto da área de residência (Braga)”* (E.11,12 e 15).

A história 2 relata a situação de violência financeira e de negligência da filha Madalena face ao pai Manuel e do desconhecimento dos acontecimentos por parte do filho António. Os jovens identificam os comportamentos da filha Madalena como uma violência. Por outro lado, identificam como uma forma de *“desinteresse e negligência inconsciente”* (E.3,4 e 11) por parte do filho.

Da análise das respostas dadas pelas pessoas mais velhas observou-se que a maioria não identificou nenhuma tipologia de violência por parte dos filhos. Todavia, consideram que a vítima deveria denunciar a situação ao filho António - *“Isso é que é grave, isso é um ponto que não se compreende, porque é que o Senhor não conta ao filho”* (E.26).

Por último, a história 3 que descreve uma situação de violência física e psicológica por parte de um cônjuge para com a esposa e o pedido de ajuda da vítima ao sobrinho. Para os jovens e para as pessoas com 65 e mais anos as tipologias identificadas foram *“violência física”* (E.3,5, 31 e 36) e *“violência Psicológica”* (E.9,4 e 26).

Face à resposta do sobrinho perante o pedido de auxílio da tia, os jovens consideram que a ideia do *Casamento para a vida toda* era uma opinião “conservadora, portanto será uma pessoa (sobrinho) aí de 50 anos, diria eu, se fosse mais novo na casa dos 30, sim, penso que não teria essa opinião” (E.3), “desfasada do que os jovens pensam agora (...) há mais informação, já teria mais atento” (E.7) e ainda relacionada com as crenças religiosas da pessoa – “A resposta do sobrinho tem 100% haver com a religião porque eu deparo-me várias vezes, com pessoas mais jovens que eu, que são muito mais fundamentalistas que pessoas de 70 e 80 anos” (E.15).

No que concerne, à violência exercida pelo cônjuge Tiago, os entrevistados jovens consideram que se baseia nos princípios patriarcais e machistas predominantes no passado – “Fruto da ditadura que vivemos acho que o machismo está bastante instalado” (E.7,9,13 e 14). E conseqüentemente apoiam o divórcio dos casais, em situações idênticas à da história, argumentando que a vítima Amélia, já o devia ter feito anteriormente.

As pessoas com 65 e mais anos associam a resposta ao sobrinho à educação deste – “Acho que não tem haver com idade, mas sim com a maneira como foram criados e educados” (E.24) - há possibilidade de este ser um agressor e assim, legitimar a violência e ainda, a um pensamento desfasado do atual contexto sociopolítico que vivemos – “Sendo religioso ou não, já não estamos no tempo de dar essa resposta” (E.33).

Na sua generalidade, as pessoas mais velhas concordaram com o divórcio da Amélia, porque para estes o casamento tem como pilares o amor e o respeito, aquando da falta deste último, a separação é legítima – “O divórcio não tem idade” (E.25); “Não compreendo porque é que ela ainda está com ele” (E.26) – até pelo facto de que a situação de reforma, acabou por levá-los a conviverem com maior frequência (E.29).

Em síntese, os jovens identificaram as diversas formas de violência, seja através da utilização do conceito apresentado pela literatura, seja pelo reconhecimento das práticas através do recurso aos exemplos expressos nas histórias lidas. O mesmo não se verificou com as pessoas mais velhas, que revelaram dificuldade em identificar as tipologias de violência nas histórias 1 e 2, ao contrário do observado para a história 3.

2.2.3 Atores Intervenientes na Violência Familiar contra as Pessoas mais velhas

De acordo com os jovens entrevistados as **vítimas** são identificadas como sendo pessoas mais vulneráveis por questões de idade e saúde, como se pode ver no seguinte excerto: “porque começam a perder a sua independência, a perder certas capacidades” (E.8 e 9). Reconhecem as vítimas do género feminino como sendo uma figura “frágil, mais sentimental

(...) *figura maternal mais cuidadora, há uma inferioridade nas relações de poder*” (E.4) e associam a vítima do género masculino a um pior estado de saúde mental (E.4).

Também para os entrevistados mais velhos as vítimas estão associadas à idade e por isso, consideram-nas mais vulneráveis, frágeis e com pior saúde, e assim, mais indefesas face aos ataques dos agressores – *“são doentes um empurrãozinho e vão para o chão”* (E.22). E por estas razões consideram que as mulheres estão em maior risco de virem a ser vítimas de violência familiar - *“são mais vítimas”* (E.33).

Para os jovens e para as pessoas com 65 e mais anos entrevistadas os **agressores** são familiares do núcleo direto e alargado, nomeadamente *“filhos, netos, bisnetos, noras/genros, sobrinhos e os cônjuges”* (E.24,25 e 27) e indivíduos que tenham alguma dependência (drogas, álcool e jogos) – *“mais rapazes com vícios”* (E.33) e sejam responsáveis por prestar cuidados à pessoa mais velha.

2.2.4 Fatores desencadeadores de Violência Familiar contra as Pessoas mais velhas

Os jovens entrevistados identificam como fatores desencadeadores de violência familiar contra as pessoas mais velhas: aspetos financeiros - *“pessoas que vivem em situações precárias”* (E.13) – coabitação da vítima e do agressor – *“Acho que se houver coabitação pode haver mais [violência]”* (E.10) - o cansaço como consequência do convívio e do cuidar da pessoa mais velha - *“A pessoa pode estar exposta ou pelo familiar desgastado pela convivência pelo facto de estar continuamente a cuidar desse idoso”* (E.10), *“a incapacidade de resposta às necessidades do velho”* (E.1); *“um idoso é igual a um bebé, muitas vezes as pessoas não têm paciência para despende com os idosos e explicar”* (E.20) – a história familiar e as habilitações literária e o acesso à informação – *“a falta de escolaridade, a falta de informação pode influenciar imenso a violência”* (E.10).

No que concerne aos entrevistados com 65 e mais anos, estes identificam como fatores desencadeadores a personalidade das pessoas mais velhas - *“os velhotes também são mais rabugentos”* (E.22) *“são um bocadinho chatinhas”* (E.37) -; o cansaço como consequência do cuidar de uma pessoa mais velha com pior estado de saúde – *“Saturadas das pessoas porque querem trabalhar, fazer as suas vidas e não podem porque têm de tomar conta deles”* (E.27); a relação entre vítima e agressor – *“saber pôr limites e respeito desde que são pequeninos”* (E.22) *“há razões de que quando eram novos não me ligaram nenhuma, não me trataram bem, não me ajudaram e agora precisam desenrasquem-se”* (E.26); a coabitação – *“se não coabitar talvez não haja violência”* (E.26); a existência de consumos de drogas e álcool – *“por causa desta porcaria da droga andam atrás dos pais para dar dinheiro”* (E.32) –;

“*falta de dinheiro*” (E.22) – e ainda, a qualidade da relação familiar – “*reflexo do que foi a infância deles*” (E.36) “*depende de como é a família, se se entendem bem ou mal*” (E.32) “*falta de afetividade (...) muitas vezes as pessoas também não convivem*” (E.36)

Na generalidade, os jovens consideram que a violência perpetrada seja pelo cônjuge, seja por qualquer outro familiar não é compreensível, ainda que, possa ser “*mais recorrente pelo grau de proximidade*” (E.4) e possa ser mais aceite socialmente o cônjuge como agressor por existir “*uma hierarquia de respeito (...) os progenitores que dão à luz os indivíduos*” (E.15).

As pessoas mais velhas entrevistadas demonstraram-se ambivalentes quanto à violência perpetrada pelo cônjuge. Por um lado, observou-se uma condenação moral de ações violentas por parte do cônjuge e de outro familiar – “*tem de haver respeito*” (E.22); “*ninguém tem o direito de exercer violência sobre o outro*” (E.26) – por outro, uma legitimação da violência conjugal explicada pelos entrevistados através de expressões como: “*não aceita que a pessoa faça qualquer coisa de melhor, se ele [cônjuge] o fizer está tudo bem se for ela [esposa] já não gosta*” (E.24 e 25) e “*uma pessoa [agressor] vai enchendo ao longo dos anos*” (E.31).

Quando à violência se coloca o fator consumo de drogas e álcool e/ou a existência de uma doença mental o posicionamento dos jovens torna-se menos claro, na medida em que não torna o ato mais compreensível, mas poderá explica-lo, visto que “*para além de não estar bem mentalmente, se calhar tem os atos mais rápidos (...) impulsos*” (E.5 e 9) e “*uma pessoa bebe tem mais tendência para ser mais violento nas suas relações*” (E.8). Para estes entrevistados a prevenção destas situações de violência passa por afastar as pessoas mais velhas de familiares toxicodependentes e alcoólicos

Segundo os participantes com 65 e mais anos o ato violento como consequência dos consumos de drogas e/ou álcool e a presença de doença mental do agressor é mais compreensível, ainda que condenem moralmente o facto de a pessoa ter comportamentos aditivos – “*é mais compreensível mas não deve consumir*” (E.22) “*eu compreendo melhor uma pessoa que é doente do que uma pessoa que é toxicod dependente ou alcoólico*” (E.26).

Para os jovens é mais compreensível que um familiar tenha um ato violento contra uma pessoa mais velha se sentir cansado por desempenhar o papel de cuidador informal, apesar de considerarem “*injusto*” (E.2) porque anteriormente as pessoas mais velhas cuidaram dos seus familiares sem violência.

As pessoas com 65 e mais anos consideram que por um lado é mais compreensível que o familiar tenha um ato violento por consequência do papel de cuidador informal – “*um deslize, pelo cansaço, não é aquela vontade própria de mal tratar*” (E.24) – mas por outro condenam-

no referindo que “*eles (familiares) têm de falar com calma (...) deve ter paciência*” (E.22) e pedir ajuda profissional de acordo com as necessidades da pessoa mais velha.

Em síntese, na totalidade, os participantes conseguem identificar no mínimo um fator desencadeador de violência familiar contra as pessoas mais velhas que conste na revisão de literatura.

CONCLUSÃO

A presente dissertação procurou responder à questão *Quais as representações que os jovens e as pessoas com 65 e mais anos têm sobre a Violência Familiar contra as pessoas mais velhas?*, partindo da noção de que as representações sociais reportam-nos para um objeto em concreto e para um sujeito social, que reproduz (Valas, 2010, p.465). Este estudo revela-se original ao procurar compreender como representam, dois grupos de indivíduos distintos (jovens e pessoas mais velhas) a violência familiar contra as pessoas mais velhas (objeto).

Quanto ao conceito de violência familiar contra as pessoas mais velhas, os jovens e as pessoas com 65 e mais anos entrevistadas encontram-se em acordo quanto à imoralidade, à incompreensão e à definição deste fenómeno. Para os participantes este tipo de violência é um atentado aos direitos humanos, uma forma expressa de desrespeito com aqueles que têm mais experiência de vida e que foram, em algum momento do ciclo de vida, os principais cuidadores e fonte de amor.

A violência familiar contra as pessoas mais velhas surge, para grande parte dos entrevistados, associada à imagem de vulnerabilidade e dependência das pessoas com 65 e mais anos face a familiares.

No que respeita às representações sociais sobre as tipologias de violência familiar contra as pessoas mais velhas verificou-se que os jovens da amostra, as identificam através da utilização do conceito apresentado pela literatura e pelo reconhecimento dos atos apresentados nas três histórias apresentadas. O mesmo não se observou com as pessoas com 65 e mais anos entrevistadas, que revelaram dificuldade em reconhecer as tipologias de violência nas histórias e as definições por estes adotadas não correspondem ao saber científico.

A violência física para os jovens e para as pessoas com 65 e mais anos é identificada como o ato de bater, empurrar e o agarrar com força um familiar mais velho. Enquanto, a violência psicológica/emocional foi considerada como o ato de chantagear, insultar e intimidar.

Na violência financeira os jovens identificaram ações como roubos de heranças e apropriação de bens sem autorização do dono, sendo que os entrevistados mais velhos associam aos filhos que obrigam os pais a sustentá-los e a uma má gestão financeira da própria pessoa mais velha.

Em relação à violência sexual, observou-se uma semelhança nas representações sociais que os participantes possuem sobre esta tipologia. Para os entrevistados jovens e para as pessoas com 65 e mais anos foram identificadas as ações de violação, abuso e assédio.

As negligência e o abandono encontraram-se, na maioria, das vezes associadas, ainda que para o total dos entrevistados a primeira esteja associada à não prestação de cuidados adequados à pessoa mais velha e a segunda à inexistência de contactos e laços afetivos entre os familiares.

Com o presente estudo procuramos, também, identificar as representações que os jovens e pessoas com 65 e mais anos tinham sobre a vítima e o agressor no âmbito da violência familiar contra as pessoas mais velhas.

A vítima foi identificada como uma pessoa que pela idade e por um pior estado de saúde, encontra-se mais vulnerável e indefesa face aos ataques do agressor. Quanto ao género, observou-se uma maior unanimidade nos entrevistados mais velhos, apontando a mulher a que se encontra em maior risco comparativamente ao homem. Os jovens associam o género feminino a uma situação de inferioridade nas relações de poder e de fragilidade, ainda que a vítima masculina seja associada a um pior estado de saúde mental.

Concluiu-se que a representação que cada participante tem da vítima está associada à imagem que têm do envelhecimento, do que é para si ser velho.

Quanto ao agressor de pessoas mais velhas em contexto familiar, os jovens e as pessoas com 65 e mais anos identificam-nos como sendo os filhos, netos e cônjuges, do género masculino, que tenham consumos de álcool e drogas e desempenhem o papel de cuidadores informais. Para além, de se ter observado uma semelhança entre as representações dos participantes no estudo, verificou-se que estas aproximam-se do perfil apresentado na estatística da APAV (2018) e dos estudos de Dias (2004), Gil (2014) e Thomson *et al.* (2011) referenciados no enquadramento teórico-conceitual da presente dissertação.

No que respeita à relação entre tipologias e o perfil dos agressores de pessoas mais velhas, verificou-se que para os participantes no estudo a negligência e o abandono são associadas aos filhos, enquanto os netos aparecem como os principais responsáveis pela violência financeira e, ainda, o cônjuge/companheiro como o principal promotor da violência física.

A violência familiar contra as pessoas mais velhas é o resultado da correlação de diversos fatores intrínsecos e extrínsecos ao indivíduo, como foi possível analisarmos através do modelo ecológico de Dahlberg & Krug (2007) e as cinco perspetivas desenvolvidas por Bavel *et al.* (2010).

Ao nível dos fatores desencadeadores, verificou-se que, na generalidade, os participantes conseguem identifica-los, ainda que, quando solicitado um posicionamento positivo e negativo, as atitudes são ambivalentes.

Para os entrevistados a violência familiar contra as pessoas mais velhas é desencadeada por aspetos financeiros, pela história familiar, pelo cansaço do familiar cuidador, pelo consumo de álcool e drogas e pela coabitação entre vítima e o agressor.

Os jovens consideram que a prática de violência familiar como consequência de assimetrias de género, são atualmente desadequadas face ao fácil acesso à informação pelos indivíduos. Enquanto, os entrevistados com 65 e mais anos, ainda que em número diminuto, apresentam nos seus discursos a imagem em que a Mulher tem de agradar ao seu cônjuge e há quem considere que a ocorrência de apenas um episódio de agressão física não é violência.

No presente estudo nenhum dos entrevistados referiu já ter praticado atos de violência para com os seus familiares. E mostram-se incrédulos face há possibilidade de um familiar violentar um ascendente, todavia, acabam por referir que a relação familiar poderá influenciar estas situações. Apesar da ausência de vítimas e agressores neste estudo, verificou-se insegurança por parte das pessoas com 65 e mais anos, em relação a um futuro sem violência, como é referido na Entrevista 25 *“a gente nunca sabe o dia de amanhã (...) tratam-nos com carinho, amanhã não se sabe”*.

Consideramos que este trabalho contribuiu para o estudo das representações sociais sobre a violência familiar contra as pessoas mais velhas a partir das perspetivas de jovens e de pessoas com 65 e mais anos. Todavia sugerimos mais investigações que tenham como universo de estudo netos e os seus respetivos avós com para o intuito de se identificar o impacto da qualidade e frequência de contacto entre estas gerações na representação da violência familiar contra as pessoas mais velhas. Consideramos, também, pertinente a realização de estudos sobre o papel dos *Mass Media* na construção social deste fenómeno.

BIBLIOGRAFIA

- Abric, J. (2001). *Práticas sociais y representaciones*. México:Ediciones Coyoacán, S.A. In https://www.academia.edu/4035650/ABRIC_Jean_Claude_org_Praticas_Sociales_y_Representaciones (consultado a 24 de Abril de 2019).
- Acierno, R., Hernandez, M., Amstadtert, A., Resnick, H., Steve, K., Muzzy, W., & Kilpatrick, D. (2010). Prevalence and correlates of emotional, physical, sexual, and financial abuse and potential neglect in the United States: The National Elder Mistreatment Study. *American Journal of Public Health*. 100(2), (pp. 292-297). In <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2804623/pdf/292.pdf> (consultado a 1 de Dezembro de 2018).
- Amaral, A., Moreira, M., Coler, M., Alves, M., Mendes, F. & Silva, A. (2018). Violência e maus tratos contra a pessoa idosa: representações sociais de jovens, adultos e idosos. *Revista Enfermagem UERJ*, Vol.26: e31645, (pp.1-7). Rio de Janeiro: Universidade do Estado de Rio de Janeiro. In <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/31645/26835> (consultado a 2 de Fevereiro de 2019).
- Amaro, F. (2014). *Sociologia da família*. Lisboa: Factor.
- Andrade, B. (2014). *Pessoas Idosas Vítimas de Violência Intrafamiliar: Avaliação de Risco*. Relatório de Estágio. Porto: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas- Universidade Fernando Pessoa In <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4525/1/PG%20Final.pdf> (consultado a 1 de Dezembro de 2017).
- António, S. (2010). *Avós e Netos. Relações Intergeracionais: A Matriliniaridade dos Afectos*. Lisboa: ISCSP.
- António, S. (2011). Sobre Velhice e envelhecimento activo – À maneira de prefácio. In L. Jacob e H. Fernandes (coord.) *Ideias para um Envelhecimento Activo*. (p.5). Almeirim: Rutis.
- António, S. (2013). Das Políticas Sociais da Velhice à Política Social de Envelhecimento. In M. I Carvalho (coord.) *Serviço Social no Envelhecimento*. (pp.81 - 86). Lisboa: Factor.
- António, S. (2012). Envelhecimento demográfico e relações intergeracionais. *Revista de Política Social*, n.º45. (pp.139-154). Porto: EAPN Portugal. In <http://cidadaniaempportugal.pt/wp-content/uploads/recursos/eapn/Rediteia%20-%20Envelhecimento%20Ativo.pdf> (consultado a 2 de Junho de 2018).

- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2018). *Estatísticas APAV- Pessoas Idosas Vítimas de Crime e de Violência 2013-2017*. (pp.1-9). Lisboa: APAV. In https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Pessoas_Idosas_2013_2017.pdf (consultado a 5 de Maio de 2019).
- Araújo, L. & Filho, J. (2009). Análise Psicossocial da Violência contra Idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22 (pp.153-160). Brasil: Porto Alegre. In <http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n1/20.pdf> (consultado a 10 de Maio de 2018).
- Bárrios, M. & Fernandes, A. (2014) A promoção do envelhecimento ativo ao nível local: análise de programas de intervenção autárquica. *Revista portuguesa de saúde pública*, 32 (pp.188-196). In <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0870902514000492> (consultado a 2 de Junho de 2018).
- Bavel, M., Janssens, K., Schakenraad, W. & Thurlings, N. (2010). *Elder Abuse in Europe: Background and Position Paper*. (pp.1-71). Europa: Comissão Europeia. In <http://www.combatingelderabuse.eu/wp-content/themes/Visionpress/docs/ElderAbuseinEurope.pdf> (consultado a 5 de Março de 2019).
- Bengtson, V. & Roberts, R. (1991). Intergenerational Solidarity in Aging Families: An Example of Formal Theory Construction. *Journal of Marriage and the Family*. Vol.53, Nº4, (pp.856-870). In <http://www.suz.uzh.ch/dam/jcr:ffffff-df42-7cac-0000-0000125afd0d/Bentson.pdf> (consultado a 5 de Maio de 2019).
- Bernardo, K. (2014). Novos laços familiares: o fenómeno da coabitação de gerações e a violência contra a pessoa idosa. *Gênero nas interseções: classe, etnia e gerações*. ST.34 (pp.1-8). Brasil: UNEB. In <https://www.yumpu.com/s/mFDUo5jGqZSZqUin> (consultado a 8 de Março de 2019).
- Birditt, K., Miller, L., Fingerman, K., Lefkowitz, E. (2009). Tensions in the Parent and Adult Child Relationship: Links to Solidarity and Ambivalence. *Psychol Aging*, 24(2), (pp.1-18). In <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2690709/> (consultado a 10 de Março de 2019).
- Biggs, S. & Haapala, I. (2010). Theoretical Development and Elder Mistreatment: Spreading Awareness and Conceptual Complexity in Examining the Management of Socio-Emotional Boundaries. *Ageing Inter*. Vol. 35, Issue 3. (pp.171-184). Switzerland: Springer Nature. In <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12126-010-9064-1> (consultado a 5 de Março de 2019).

- Botelho, M.A. (2007). Idade avançada- características biológicas e multimorbilidade. *Revista Portuguesa Clin. Geral*, 23, (pp.191-195). In <http://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/11126/10856> (consultado a 15 de Janeiro de 2019).
- Bowling, A., See-Tai, S., Ebrahim, S., Gabriel, Z. & Solanki, P. (2005). Attributes of age-identity. *Ageing & Society*, 25, (pp.479-500). In https://www.researchgate.net/publication/32886092_Attributes_of_age-identity (consultado a 15 de Janeiro de 2019).
- Cabral, M.L.L. (2016). *Envelhecimento: Perspetivas, Representações e Solidariedade Intergeracional*. (pp.17-41). Porto: Mais Leituras.
- Câmara, S. (2015). *Atitudes de futuros profissionais de saúde e serviço social face ao trabalho com a população idosa. Escala de Kogan e relações intergeracionais*. Tese de Doutoramento. A Coruña: Universidade da Coruña.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia de Investigação- Guia para Auto-Aprendizagem*. (2ª.Ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, M. & Rodrigues, M. (2013). Pobreza e Violência sobre os Idosos. In M. I. Carvalho (Coord.). *Serviço Social no Envelhecimento*. (pp.137-148). Lisboa:Factor.
- Carvalho, M. (2013). Um Percurso Heurístico pelo Envelhecimento. In M. I. Carvalho (coord.). *Serviço Social no Envelhecimento*. (pp.1-15) Lisboa: Factor.
- Carvalho, M. (2019). Percursos Legislativos e Interventivos no Combate à Violência. In M. Paulino & D. Costa (Coord.). *Maus-Tratos a Pessoas Idosas*. (pp.37-58). Lisboa: Factor.
- Costa, R. (2016). Família e Famílias no Portugal contemporâneo. Discursos, trama e textura em perspetiva sociológica. (pp.96-105) *Eborensia*, Ano XXIX, Nº50. In https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/20426/1/Familia_e_Familias_Eborensia_RC_osta2016.pdf (consultado a 2 de Maio de 2018).
- Crusué, N. (2004). Teoria das Representações Sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em Educação. *Aprender- Cad. de Filosofia e Psic. da Educação- Vitória da Conquista*, Ano II, nº.2 (pp.105-114). Brasil: UESB. In http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf_121 (consultado a 6 de Julho de 2018).

- Dahlberg, L. & Krug, E. (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 11 (Sup), (pp.1163- 1178). Brasil: Rio de Janeiro In <http://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0.pdf> (consultado a 3de Março de 2019).
- Dias, I. (2004). *Violência na Família: Uma abordagem sociológica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Dias, I. (2005). Envelhecimento e violência contra idosos. *Sociologia*, I Série, Vol.15, (pp.249-273). Porto: Universidade do Porto, In <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3731.pdf> (consultado a 1 de Dezembro de 2017).
- Dias, I. (2015) *Sociologia da Família e do Género*. Lisboa: Pactor.
- Dias, I., Lopes, A. & Lemos, R. (2019). O Abuso de Pessoas Idosas: Definições e Controvérsias. In M. Paulino & D. Costa. (Coord.). *Maus-Tratos a Pessoas Idosas*. (pp.19-36). Lisboa: Pactor.
- Dong, X. (2015). Elder Abuse: Systematic Review and Implications for Practice. *Journal of the American Geriatrics Society*, Vol.63, N. 6. (pp.1214-1238). EUA: The American Geriatrics Society. In <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jgs.13454> (consultado a 5 de Março de 2019).
- Duveen, G. (2001). Introduction: The Power of Ideas. In Moscovici, S. (coord.). *Social Representations: Explorations in Social Psychology*. (pp.1-17). New York: New York University Press. In https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=0fA8DAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP7&dq=serge+moscovici+&ots=5vKc_FFpLU&sig=Gb-p5wB0AASKUp_gqaHWpNQVTvk&redir_esc=y#v=onepage&q=serge%20moscovici&f=false (consultado a 5 de Maio de 2019).
- Farinatti, P. (2002). Teorias biológicas do envelhecimento: do genético ao estocástico. *Rev. Bras. Med. Esporte*, Vol.8, N°4, (pp.129-138). In <http://www.scielo.br/pdf/rbme/v8n4/v8n4a01.pdf> (consultado a 15 de Janeiro de 2019).
- Felgueiras, B. (2019). Envelhecimento e Violência: Enquadramento Jurídico- Penal do Abuso. In M. Paulino & D. Costa (Coord.) *Maus-Tratos a Pessoas Idosas*. (pp.83-100). Lisboa: Pactor.
- Fernandes, A. (2001). Velhice, Solidariedades Familiares e Política Social: Itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º36. (pp.1-11). Oeiras. In

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292001000200003

(consultado a 2 de Junho de 2018).

Fernandes, A., Moreira, M. & Rodrigues, T. (2004). Transição demográfica e transição epidemiológica. O modelo de mortalidade no contexto das transformações sociais e políticas da sociedade portuguesa. *Fórum Sociológico*, 11-12 (2ª série), (pp.75-104). In <http://forumsociologico.fcsh.unl.pt/PDF/FS11-12-Art. 4.pdf> (consultado a 10 de Março de 2019).

Fernandes, B. (2012). *Metodologias de Estudo nas Representações Sociais*. Porto. In https://www.academia.edu/37834872/Metodologias_de_Estudo_nas_Representa%C3%A7%C3%B5es_Sociais (consultado a 19 de Maio de 2019).

Fernández-Ballesteros, R. (2009). Gerontologia Social. Una- Introducción. In Fernández-Ballesteros, R. (coord.) *Gerontologia Social*. (pp.31-36). Madrid: Psicología Pirámide.

Ferreira, S. & Brum, J. (2000). As Representações Sociais e suas contribuições no campo da saúde. *Revista Gaúcha Enfermagem*, Vol.20, nº. esp., (pp.5-14). Porto Alegre: Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/download/4323/2282 (consultado a 6 de Julho de 2018).

Fingerman, K., Chen, P., Hay, E., Cichy, K., Lefkowitz, E. (2006). Ambivalence Reactions in the Parent and Offspring Relationship. *The Journals of Gerontology: Series B*, Vol.61, (pp.152-160). In <https://academic.oup.com/psychsocgerontology/article/61/3/P152/644535> (consultado a 5 de Maio de 2019).

Fonseca, A. (2004). *Uma Abordagem Psicológica da “Passagem à Reforma”- Desenvolvimento, Envelhecimento, Transição e Adaptação*. Tese Doutorado. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar- Universidade do Porto.

Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. (pp.19-86). Lisboa: Climepsi Editores.

Fries, A. & Pereira, D. (2011). Teorias Envelhecimento Humano. *Revista Contexto & Saúde*, Vol.10, N°20, (p.507-514). In <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1571> (consultado a 15 de Janeiro de 2019).

Fonseca, R., Gomes, I., Faria, P., & Gil, A. (2012). Perspetivas atuais sobre a proteção jurídica da pessoa idosa vítima de violência familiar: contributo para uma investigação em saúde pública, *Revista Portuguesa Saúde Pública*, Vol.30(2), (pp.149-162). Lisboa: Escola

- Nacional de Saúde Pública- U. Nova de Lisboa. In <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpsp/v30n2/v30n2a06.pdf> (consultado a 30 de Maio de 2018).
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1998). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Gil, A. & Fernandes, A. (2011). “No trilho da negligência...” configurações exploratórias de violência contra pessoas idosas. (p.1-18). *Fórum Sociológico*, 21. Lisboa: CICS.NOVA. In <https://journals.openedition.org/sociologico/471> (consultado a 16 de Maio de 2018).
- Gil, A. & Santos, A. (2012). Simbologias em torno do processo de envelhecer e da vitimação: um estudo qualitativo. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Envelhecimento Demográfico. (pp.151-175). In <http://repositorio.insa.pt/handle/10400.18/1148> (consultado a 8 de Outubro de 2018).
- Gil, A. (2014). *Projeto Envelhecimento e Violência*. (pp.1-108). Lisboa: Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge In <http://repositorio.insa.pt/bitstream/10400.18/1955/3/Envelhecimento%20e%20Viol%C3%Aancia%202011-2014%20.pdf> (consultado a 15 de Dezembro de 2017).
- Gil, A., Santos, A., & Santos, C. (2015) Fatores de risco de violência contra as pessoas idosas: consensos e controvérsias em estudos de prevalência. *Configurações*, vol.16, (pp.75-95) In <https://journals.openedition.org/configuracoes/2852> (consultado a 8 de Maio de 2018).
- Guareschi, P. & Jovchelovitch, S. (2000). *Textos em Representações Sociais*. (6.^a ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Hirst, S. (2002). Defining resident abuse within the culture of long-term care institutions. *Clinical Nursing Research*, Vol.11, No.3. (pp.267-284) In <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/10573802011003004> (consultado a 22 de Setembro de 2018).
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2003). *Sistema de Metainformação- Conceito Família Clássica*. In <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/1123#Rela%C3%A7%C3%B5es> (consultado a 6 de Março de 2019).
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2018). Estatísticas Demográficas 2017. *Instituto Nacional de Estatística*, (pp.1-180). Lisboa: INE. In https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=348174760&PUBLICACOESmodo=2 (consultado a 2 de Maio de 2019).

- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2017). Projeções de População Residente 2015-2080. *Instituto Nacional de Estatística*, (pp.1-19). In https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=277695619&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt (consultado a 2 de Maio de 2019).
- Jodelet, D. (1986) La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In S. Moscovici (coord.) *Psicología Social II: Pensamiento y vida social*. (pp.469-494). Barcelona, Paidós. In https://www.researchgate.net/publication/327013694_La_representacion_social_fenomenos_concepto_y_teoría (consultado a 21 de Março de 2019).
- Jodelet, D. (2001). *As Representações Sociais*. (pp.1-43). Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (Ed. Traduzida). In <https://pt.scribd.com/doc/61566294/Representacoes-Sociais-Cap-01-Jodelet> (consultado a 1 de Julho de 2018).
- José, J., Wall, K. & Correia, S. (2002). *Trabalhar e Cuidar de um idoso dependente: Problemas e Soluções*. (pp.1-41). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. In https://www.researchgate.net/publication/242400302_TRABALHAR_E_CUIDAR_DE_U_M_IDOSO_DEPENDENTE_PROBLEMAS_E_SOLUCOES1 (consultado a 5 de Maio de 2019).
- Krug, E., Dahlberg, L., Mercy, J., Zwi, A. & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. (pp.1-346). Geneva: World Health Organization. In https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/full_en.pdf (consultado a 5 de Janeiro de 2019).
- Lachs, M. & Pillemer, K. (2004). Elder Abuse. *The Lancet*. Vol.364, N.º 9441. (pp.1263-1272). USA: New York. In <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15464188> (consultado a 13 de Fevereiro de 2019).
- Leandro, M. (2006). Transformações da família na história do Ocidente.(pp.51-70) *Theologica*, 2ª série, 41, 1 In <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12875/1/leandro.pdf> (consultado a 5 de Maio de 2018).
- Leite, M., Hildebrandt, L. & Santos, A. (2008). Maus-tratos a idosos no domicílio: concepção de familiares. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Vol.11, No.2. (pp.209-221) In <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809->

- [98232008000200209&script=sci_abstract&tlng=pt](#) (consultado a 10 de Setembro de 2018).
- Lemos, S., Costa, S. & Lima, R. (2013) Representações Sociais Aplicabilidade nos estudos sobre a educação de jovens e adultos. *Educação, Sociedade e Culturas*, nº.39, (pp.43-61). Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá. In https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/04.SuelyLemos_etal.pdf (consultado a 6 de Julho de 2018).
- Marmolejo, I. (2008). *Maltrato de personas mayores en la familia en España*. Valencia: Fundación de la Comunitat Valenciana para el estudio de la Violencia. (pp.1-78). In http://www.inpea.net/images/Espana_Informe_2008_Maltrato.pdf (consultado a 10 de Dezembro de 2018).
- Maroto, A. (2000) Aspectos legales y consideraciones éticas básicas relacionadas com las personas mayores. In Fernández-Ballesteros, R. (coord.). *Gerontologia Social* (pp.293-316). Madrid: Ediciones Pirámide.
- Minayo, M. (2017). Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e Controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*. Volume 5, No.7. (pp.1-12). Brasil: São Paulo. In https://www.researchgate.net/publication/315756131_AMOSTRAGEM_E_SATURACAO_EM_PESQUISA_QUALITATIVA_CONSENSOS_E_CONTROVERSIA_SAMPLING_AND_SATURATION_IN_QUALITATIVE_RESEARCH_CONSENSUSES_AND_CONTOVERSIES (consultado a 8 de Abril de 2019).
- Moscovici, S. (1978). Representação Social da Psicanálise. (Trad.) Rio de Janeiro: Zahar. In <https://pt.scribd.com/doc/273261985/Moscovici-s-A-Representacao-Social-Um-Conceito-Perdido> (consultado a 6 de Julho de 2018).
- Moscovici, S. (2000). Prefácio. In Guareschi, P. & Jovchelovitch, S (coord.) *Textos em Representações Sociais*. (pp.7-16). (6.ª ed.) Petrópolis: Editora Vozes.
- Moscovici, S. (2007). Representações Sociais Investigações em Psicologia Social. (Trad.) Guareschi, P.A. (2007). (5ª. Ed.) Petrópolis: Editora Vozes. In <https://www.passeidireto.com/arquivo/6458778/moscovici-serge-representacoes-sociais-investigacoes-em-psicologia-social-traduc> (consultado a 6 de Julho de 2018).
- Mota, M., Figueiredo, P. & Duarte, J. (2004). Teorias biológicas do envelhecimento. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Vol.4, Nº1 (p.82-102). In

- https://rpcd.fade.up.pt/arquivo/artigos_soltos/vol.4_nr.1/Paula_Mota.pdf (consultado a 15 de Janeiro de 2019).
- Mouro, H. (2013). Envelhecimento, Políticas de Intervenção e Serviço Social. In M. I. Carvalho (coord.). *Serviço Social no Envelhecimento* (pp.17-34). Lisboa: Factor.
- Pardal, L. & Lopes, E.S. (2011) *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. (p.87). Porto: Areal Editores.
- Paúl, C. (2005) Envelhecimento activo e redes de suporte social. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol.15, (pp.275-287) In <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2392> (consultado a 9 de Maio de 2018).
- Perel-Levin, S. (2008). *Discussing screening for elder abuse at primary health care level*. (pp.1-48). Geneva: World Health Organization. In https://www.who.int/ageing/publications/Discussing_Elder_Abuseweb.pdf (consultado a 5 de Março de 2019).
- Phillipson, C. & Biggs, S. (1995). Elder Abuse: A Critical Overview. In Kingston P. & Penhale B. (cord.). *Family Violence and the Caring Professions*. (pp.181-203). Londres: Palgrave. In https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-349-13306-2_8 (consultado a 8 de Março de 2019).
- Pillemer, K., Burnes, D., Riffin, C. & Lachs, M. (2016). Elder Abuse: Global Situation, Risk Factors, and Prevention Strategies. *Gerontologist*, Vol.56, No. S2. (pp.194-205). EUA: The Gerontological Society of America. In https://www.researchgate.net/publication/298915064_Elder_Abuse_Global_Situation_Risk_Factors_and_Prevention_Strategies (consultado a 4 de Março de 2019).
- Pinto, C. (2011). *Representações e práticas do Empowerment nos trabalhadores sociais*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas In https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/4230/4/tese_doutoramento%20doc%20definitivo%2020fev.pdf (consultado a 27 de Dezembro de 2017).
- Pinto, P., Fernandes, A. & Botelho, M. (2007). Envelhecimento Activo e Estilos de Vida Saudáveis: A Actividade Física. *Fórum Sociológico*, n.º17. (pp.43-51). In <https://journals.openedition.org/sociologico/1629> (consultado a 2 de Junho de 2018).
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gravita.

- Redondo, J., Firmino, H., Pereira, S. & Correia, A. (2016). Violência sobre a Pessoa mais velha. In H. Firmino, M. R. Simões & J. Cerejeira. (Coord.). *Saúde Mental das Pessoas mais velhas*. (pp.445-478). Lisboa: Lidel.
- Rodrigues, T. & Moreira, M. (2019). Ser Velho em Portugal Hoje: Conceitos e Representações. In M. Paulino & D. Costa (coord.) *Maus-Tratos a Pessoas Idosas*. (pp.3-18). Lisboa: Pactor.
- Rosa, M.J.V. (2012). *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Santos, A., Nicolau, R., Fernandes, & A., Gil, A. (2013) Prevalência da Violência contras as Pessoas Idosas- Uma revisão crítica da literatura. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº72, (p.53-77). Lisboa: CIES- IUL. In <http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n72/n72a03.pdf> (consultado a 20 de Dezembro de 2017).
- Santos, G., & Dias, J. (2015). Teoria das representações sociais: uma abordagem sociopsicológica. *Revista Eletrónica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, Vol.8, nº1. (pp.173-187) Macapá: PRACS. In <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1416> (consultado a 27 de Dezembro de 2017).
- Scardua, A. & Filho, E. (2010). Analisando representações sociais através de elementos gramaticais: Compendo representações sobre música. *Psicologia & Sociedade*, 22 (2), (p.374-381). Brasil: Associação Brasileira de Psicologia Social. In <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n2/18.pdf> (consultado a 6 de Julho de 2018).
- Sêga, R. (2000). *O conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici*. Anos 90, nº13. (pp.128-133). In <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6719/4026> (consultado a 27 de Dezembro de 2017).
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais – Casos Práticos*. Porto: Porto Editora.
- Silva, M., Oliveira, T., Joventino, E. & Moraes, G. (2008). A violência na vida cotidiana do idoso: um olhar de quem a vivencia. *Revista Eletrónica de Enfermagem*, 10 (1), (pp.124-136). Brasil: Universidade Federal de Goiás. In <https://www.fen.ufg.br/revista/v10/n1/pdf/v10n1a11.pdf> (consultado a 10 de Janeiro de 2018).

- Thomson, M., Lietzau, L., Doty, M., Cieslik, L., Williams, R. & Meurer, L. (2011). An Analysis of Elder Abuse Rates in Milwaukee County. *WMJ*. Volume 110 (6). (pp.271-276). In <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3921019/pdf/nihms522181.pdf> (consultado a 5 d de Abril 2019).
- Torres, T., Camargo, B., Bousfield, A. & Silva, A. (2015). Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento. *Ciência & Saúde Coletiva*, Vol. 20, nº.12, (p.3621-3630). Brasil: Associação Brasileira de Saúde Coletiva. In https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v20n12/1413-8123-csc-20-12-3621.pdf (consultado a 6 de Julho de 2018).
- United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2017). *World Population Prospects: The 2017 Revision, Volume II: Demographic Profiles*. (pp.1-883). In https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2017_Volume-II-Demographic-Profiles.pdf (consultado a 6 de Março de 2019).
- Vala, J. (1990). A análise de conteúdo. In A. Silva & J. Pinto (Coord.). *Metodologia das Ciências Sociais*. (pp.101-128). Porto: Edições Afrontamento. In <https://liciniapinto.files.wordpress.com/2013/10/augusto-santos-silva-metodologia-das-cic3aancias-sociais.pdf> (Consultado a 8 de Abril de 2019).
- Vala, J. (1993). Representações Sociais – para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala & M. Monteiro (coord.). *Psicologia Social*. (pp.353-384). (1º. Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vala, J. (2010). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In J. Vala & M. Monteiro (coord.). *Psicologia Social*. (pp.457-502). (8ª. Ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vinton, L. (1999). Working with Abused Older Women from a Feminist Perspective *UK: Journal of Women & Aging*, Vol. 11, Nº2/3, (pp.85-100). In http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J074v11n02_07 (consultado a 30 de Outubro de 2017).
- Wachelke, J. e Camargo, B. (2007). Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento. *Revista Internacional de Psicologia*, Vol.41, nº3 (pp.379-390). In <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v41n3/v41n3a13.pdf> (consultado a 27 de Dezembro de 2017).

- Wallace, R. & Bonnie, R. (2003). *Elder Mistreatment: Abuse, Neglect, and Exploitation in an Aging America*. (pp.1-552). Washington, D.C.: The National Academies Press. In <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22812026> (consultado a 5 de Março de 2019).
- Wanderbroocke, A. & Moré, C. (2013). Estrutura e Funcionamento Familiar e a Violência contra Idosos. *Psicol. Argum.*, Vol.31, Nº.74, (p.395-403). Brasil: Curitiba. In https://www.researchgate.net/publication/325078418_ESTRUTURA_E_FUNCIONAMENTO_FAMILIAR_E_A_VIOLENCIA_CONTRA_IDOSOS (consultado a 7 de Março de 2019).
- Willson, A., Shuey, K. & Elder, G. (2003). Ambivalence in the Relationship of Adult Children to Aging Parents and In-Laws. *University of North Carolina: Journal of Marriage and Family*, 65, (pp.1055-1072). In https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1741-3737.2003.01055.x?purchase_referrer=onlinelibrary.wiley.com&tracking_action=preview_click&r3_referer=wol&show_checkout=1 (consultado a 10 de Março de 2019).

REFERÊNCIAS LEGISLATIVAS

- Constituição da República Portuguesa. (2005). *VII Revisão Constitucional – Constituição da República Portuguesa*, Assembleia da República. In <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx> (consultado a 30 de Maio de 2018).
- Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa (2017) *Lei n.º112/2009, de 16 de Setembro, na versão mais recente Lei n.º24/2017, de 24 de Maio – Regime Jurídico aplicável à Prevenção da Violência Doméstica e à Proteção e Assistência das suas vítimas*, Ministério Público. In http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1138&tabela=leis&so_miolo= (consultado a 25 de Março de 2019).
- Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa. (2018). *Decreto Lei n.º 48/95, de 18 de Março, na versão mais recente Lei n.º16/2018, de 27 de Março*, Ministério Público. In http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=109A0152&nid=109&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&so_miolo=&nversao=#artigo (consultado a 30 de Maio de 2018).

APÊNDICES

I. Guião de Entrevista

Guião de Entrevista

Nº de Entrevista _____

Hora de Início _____

Hora de Fim _____

O meu nome é Cátia Faísca e estou a realizar um estudo sobre a Violência Familiar contra as pessoas mais velhas, no âmbito do mestrado em Gerontologia Social do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa (ISCSP-UL).

A sua colaboração é muito importante e essencial para o sucesso deste estudo. Por isso, gostaria de fazer-lhe algumas questões sobre o tema.

Esta entrevista é anónima e confidencial, o que significa que a sua identidade não será divulgada e os resultados serão apenas para âmbito académico do estudo. A sua participação é totalmente voluntária, se a qualquer momento quiser suspender a entrevista, respeitarei a sua decisão.

Gostaria de gravar a entrevista, autoriza?

Dados Sociodemográficos

1. Código (iniciais do nome) _____

2. Idade: _____ anos

3. Género: M F

4. Onde viveu a maior parte da sua vida: _____

5. Estado Civil: Solteiro/a: Casado/a:

Divorciado/a: Separado/a: Viúvo/a:

União de Facto:

6. Habilitações Literárias: _____

6.1 Curso que frequenta/ou: _____

7. Situação face à Profissão: _____ 7.1 Profissão: _____

8. Composição do Agregado Familiar – *Com quem vive?* _____

8.1. *Tem filhos?* _____ *Se sim, quantos?* _____

8.2. *Tem Netos?* _____ *Se sim, quantos?* _____

8.3. *Tem avós?* _____ *Se sim, quantos?* _____

9. Relações Intergeracionais:

9.1. *Com que frequência contacta com pessoas com 65 e mais anos/ jovens, excluindo os seus avó(s)/neto(s)?*

Diariamente Semanalmente Mensalmente Esporadicamente

Anualmente Nunca

9.2 *Com que frequência contacta com os seus avó(s)/neto(s)?*

Diariamente Semanalmente Mensalmente Esporadicamente

Anualmente Nunca

9.3 *Como descreve a sua relação com os seus avó(s)/neto(s)?*

Carinhosas Respeitosas Indiferentes Agressivas

9.3.1 *É igual com todos?*

A. Definição do conceito de Violência Familiar contra as pessoas mais velhas

1. *O que é para si envelhecer?*

2. *Ao ouvir a expressão Violência familiar contra as pessoas mais velhas, pensa em?*

3. *Já ouviu falar sobre este tema?*

3.1. *Se sim, já alguma vez conversou sobre o este tema? E com quem?*

B1. Identificação das Práticas de Violência Familiar contra as pessoas mais velhas

1. *A violência familiar contra as pessoas mais velhas pode ocorrer através de várias práticas de violência.*

Agora vou dizer-lhe algumas expressões e gostaria que identifica-se as ações que associa a cada uma delas:

1.1 *Violência Física*

1.2 *Violência Psicológica/ emocional*

1.3 *Violência Financeira*

1.4 *Violência Sexual*

1.5 *Negligência*

1.6 *Abandono*

C. Identificação dos atores de Violência Familiar contra as pessoas mais velhas

1. *A seu ver, considera que por serem pessoas mais velhas correm maior risco de virem a ser vítimas de violência por parte de familiares? E porquê?*

(Idade, saúde, género)

2. *Na sua opinião, os agressores de pessoas mais velhas são familiares ou não familiares?*

2.1 *Se são familiares, quem poderão ser?*

D. Identificação dos fatores desencadeadores de Violência Familiar contra as pessoas mais velhas

- 1. Na sua opinião quais são as razões que podem levar um familiar a ter um ato violento contra uma pessoa mais velha?*
- 2. Na sua opinião, a violência familiar contra uma pessoa mais velha, perpetrada pelo cônjuge é mais compreensível do que outro membro da família?*
- 3. Em sua opinião, violência familiar contra uma pessoa mais velha, perpetrada por um membro da família é mais compreensível se o agressor tiver uma doença mental e/ ou consumir drogas e álcool?*
- 4. Na sua opinião, a violência familiar contra uma pessoa mais velha é mais compreensível se for perpetrada por um membro da família que se sente cansado por desempenhar o papel de cuidador informal de uma pessoa mais velha?*

B2. Identificação das Práticas de Violência Familiar contra as pessoas mais velhas

2. De seguida vou ler-lhe algumas histórias, gostaria que me dissesse se existe alguma situação de violência presente, se sim, qual é.

2.1 História 1: *Após ouvir esta história considera existir algum tipo de violência aqui presente? Se sim, qual? Se não, porquê? Gostaria de ouvir a sua opinião sobre a situação em que vive a Maria e a decisão e atitude do Ricardo, se concorda ou não? E porquê?*

2.2 História 2: *Após ouvir esta história considera existir algum tipo de violência aqui presente? Se sim, qual? Se não, porquê? Gostaria de ouvir a sua opinião sobre a situação em que vive o Manuel e sobre atitude dos filhos? E porquê?*

2.3 História 3: *Após ouvir esta história considera existir algum tipo de violência aqui presente? Se sim, qual? Se não, porquê? Gostaria de ouvir a sua opinião sobre a situação em que vive a Amélia e os motivos que levam ao comportamento do Tiago? E porquê?*

Mais uma vez agradeço a sua disponibilidade para colaborar nesta investigação.

História 1

A Maria tem 83 anos, ficou viúva há 10 anos, daquele que sempre foi o grande e único amor da sua vida. Tem um filho, Ricardo, de 58 anos, que devido à falta de trabalho teve de deixar Lisboa e mudar-se para Braga.

Desde que o Ricardo se mudou para o Norte do país, procura ajustar a sua vida familiar e profissional de modo a conseguir vir a Lisboa, visitar a sua mãe Maria, no mínimo de 2 em 2 semanas.

Há cerca de 4 anos, a Maria caiu em casa e partiu a bacia, a verdade é que o seu estado de saúde tem vindo a piorar.

Devido à sua vida profissional e familiar, o Ricardo não se pode mudar para casa da mãe, nem tinha condições em sua casa para poder prestar os cuidados necessários à Maria. Assim, decidiu colocar a sua mãe num lar (ERPI) em Lisboa.

Esta decisão inicialmente não agradou a Maria, pois “a minha casa é a minha casa”, apesar de reconhecer que talvez tenha sido o melhor para si. No entanto, algo a tem entristecido bastante, o filho Ricardo, desde que colocou a mãe no Lar nunca mais a visitou, nem telefonou para a mesma.

Tipo de Violência: Abandono

História 2

O Manuel tem 85 anos, encontra-se reformado e está viúvo há 10 anos. Deste casamento tem dois filhos, a Madalena de 56 anos e o António de 55 anos.

Há cerca de 2 anos, sofreu de um AVC e que lhe deixou graves dificuldades em andar autonomamente. Desde essa altura, a sua filha Madalena mudou-se para casa do pai, com o intuito de acompanhar o mesmo às consultas e de lhe fazer companhia.

A verdade é que desde que a Madalena foi lá para casa, o Senhor Manuel nunca mais teve acesso aos seus cartões de multibanco, nem a dinheiro. A sua filha Madalena ficou com os mesmos para que pudesse fazer as compras para a casa e pudesse pagar as contas, afirmando que o pai já não estaria lúcido para o fazer.

No outro dia, o Senhor Manuel tinha uma consulta no Centro de Saúde e seria acompanhado pela filha, mas esta resolveu sair de casa. Quando o pai telefonou a questioná-la como é que este iria para a consulta, esta mandou-o ir de Táxi e se não tivesse dinheiro que fosse a pé. Perante isto, o Senhor Manuel acabou por faltar à consulta por não ter forma de se deslocar ao Centro de Saúde.

O filho António não tem conhecimento do que se passa com o pai e com a irmã, pois ambos entendem-se muito bem na presença dele e a irmã é extremamente carinhosa com o pai.

Tipo de Violência: Violência Psicológica, Financeira e Negligência.

História 3

Tiago foi engenheiro civil, tem 68 anos e encontra-se reformado há 3 anos, é casado com Amélia, antiga bancária, de 67 anos; não têm filhos, apenas um sobrinho, o João, que tratam como se fosse um filho.

Tiago sempre foi bastante bruto com a esposa, chamava-a de “burra”, sempre desvalorizou as conquistas profissionais da Amélia. Foram diversas as vezes que devido ao trabalho, a Amélia atrasou-se a chegar a casa e com isso atrasou-se a servir o jantar, quando isso acontecia o Tiago gritava com a mulher dizendo-lhe “não serves para nada, nem para dona de casa” e por vezes chegou a dar-lhe umas bofetadas.

Desde que se encontra reformada, a relação com o Tiago piorou, o marido controla o tempo que a Amélia demora nas compras, no café com as amigas, vai ao telemóvel da mesma ver as conversas que esta tem como as amigas, acusa-a de ter amantes.

Amélia está cansada desta vida e procurou a ajuda do sobrinho para divorciar, porém este é contra “vocês são casados há tantos anos, o tio sempre foi assim, não lhe dêis importância, o casamento é para a vida toda”.

Tipo de Violência: Violência Física e Psicológica.

II. Grelha de análise de conteúdo das entrevistas

| | | |
|-----------------------------------|----------------------------|---|
| O que é para si envelhecer | Jovens | <p>“é perder a atividade física e mental” (Entrevista 1;4). “Já não temos habilitações para isto ou para aquilo (...) já não termos paciência para certas coisas” (Entrevista2) “deixa de caminhar da mesma forma, já não tem um raciocínio tão rápido como tinha na sua juventude” (Entrevista4)</p> <p>Predominância de uma inatividade. “combate-las através da prática desportiva” (Entrevista3)</p> <p>É ter um grande percurso de vida (Entrevista5) “é crescermos (...) acho que com a idade vem sempre um bocadinho mais de experiência” (Entrevista6;9) Sabedoria (Entrevista7;13;14)</p> <p>Vermos os outros crescer (Entrevista9;21) “é um estado de alma(...) não é bem uma coisa negativa” (Entrevista11)</p> <p>“as coisas já são mais previsíveis” (Entrevista13)</p> <p>“Cada idade e fase da vida tem os seus próprios pontos fortes e pontos fracos” (Entrevista15) “é algo pessoal e pode afetar muito a personalidade e os sentidos das pessoas” (Entrevista18)“estar mais vulneráveis (...)Precisar de mais atenção, mais carinho e mais respeito” (entrevista19;20)</p> |
| | Pessoas com 65+anos | <p>“Envelhecer é mais um fim já. (Entrevista27;22) Sou muito feliz” (entrevista22)</p> <p>“É triste, porque não devíamos envelhecer (...) mantermos a aparência física (...) mas sempre com espírito trabalhador e com boa aparência” (Entrevista24) “Envelhecer é perdas da vida (...) É triste ser velhos” (Entrevista32;35)</p> <p>“perder algumas faculdades, motoras para além de algumas mentais (...) o reflexos começam a ser mais lentos” (Entrevista36) “é não ter saúde para fazer as coisas” (Entrevista37;38)</p> <p>“é passar o tempo” (Entrevista25) “é saber mais” (Entrevista26) “é falta de energia” (Entrevista28;40); “Nós temos que envelhecer” (Entrevista29) “É uma fase da vida como uma qualquer (...) Vai-se perdendo algumas coisas, ganhando outras” (Entrevista30)“por isso encaro a velhice como uma coisa boa” (Entrevista33;34;40)</p> |

| | |
|--|--|
| <p>Conceito de Violência Familiar contra as Pessoas mais Velhas</p> | <p>Jovens</p> <p>Lares</p> <p>“zonas de maior risco que envolve famílias mais problemáticas” (Entrevista1)</p> <p>Consideram ser uma forma oposta de retribuir aquilo que lhes foi dado anteriormente “Se os pais durante tempo tiveram presentes agora seria bom retribuir” (Entrevista1).</p> <p>“Todos os crimes que há contra os idosos (...) é algo que choca e que me irrita um bocadinho” (Entrevista 2)</p> <p>“primeiro condenado (...) é um pouco ir contra os direitos humanos (...) familiar, não consigo, primeiro não consigo imaginar” (Entrevista10)</p> <p>“imagino (...) um filho a bater num pai ou mesmo um neto a bater no pai ou uma assistente a bater” (Entrevista4)</p> <p>“ a partir do momento em que entramos num patamar de violência perante outro agente (...) é inconstitucional é imoral” (Entrevista4)</p> <p>“Penso nos velhotes, a mal tratarem, a abandonarem, a não quererem saber mais deles, a deixá-los sozinhos na solidão, que acho que é uma das piores coisas no envelhecimento” (Entrevista5)</p> |
| | <p>Pessoas com 65+anos</p> <p>“Penso que são muito mal-educados (...) nem que eles sejam rabugentos, mas têm de ter paciência com eles” (Entrevista22)</p> <p>“é um crime que devia ser punido” (Entrevista24)</p> <p>“A gente nunca sabe o dia de amanhã (...) tratam-nos com carinho amanhã não se sabe” (Entrevista25)</p> <p>“como é que as pessoas conseguem chegar a essa ponto, foram estimadas e criadas com miminho e depois acabam por fazer mal há pessoa.” (Entrevista27)</p> <p>“Penso em velhinhos agredidos” (Entrevista30) “Velhinha idosa, abandonada agredida, sozinha” (Entrevista31) “é uma injustiça muito grande (...) é ir contra os direitos internacionais da pessoa” (Entrevista36)</p> <p>“Há mais que antes” (Entrevista38; 33)</p> |

| | | |
|-------------------------------------|----------------------|--|
| <p>Práticas de Violência</p> | <p>Jovens</p> | <p>1.1. Bofetada; Pontapés; Estalos; Soco, Agarrar com mais força (Entrevista 1,4;12) “Deixa marcas, tipo as nódoas negras e isso” (Entrevista5) “agredir” (Entrevista7;11) “Maus-tratos” (Entrevista8) “uso de armas” (Entrevista9)</p> <p>1.2. Insultar “chamar efetivamente velho de forma a denegrir” (Entrevista 1;7) “Já não vales nada o teu tempo está acabar” (Entrevista2;10) “expressões menos corretas que atentam contra a dignidade da pessoa” (entrevista3;6) “dizer palavras asneiras ou mesmo fazer chantagem emocional” (Entrevista4;5;6;8;12;14) “é como fazer um jogo psicológico” (Entrevista5) “desrespeito” (Entrevista8) “Acaba por tocar muito” (Entrevista11) “Isolamento” (Entrevista20)</p> <p>1.3. “É o pedir dinheiro quando desnecessário” (Entrevista1); “Influenciarem os pais a darem-lhes o dinheiro” (Entrevista2) “exigências financeiras (...) e recorra à força para obter o fim financeiro” (Entrevista 4) “Rebaixar por questões de dinheiro” (Entrevista6) “não darmos o apoio financeiro que precisam por exemplo para medicamentos” (Entrevista7) “abuso das contas dos pais ou dos avós”(Entrevista8) “Aproveitar-se dos recursos da pessoa”(Entrevista10; 11) “acho que não é moralmente correto e não tem princípios nem valores quem o faz” (Entrevista 11) “Roubos, testamentos e heranças” (Entrevista12;13) “Burlas” (Entrevista18)</p> <p>1.4. “É uma questão de vulnerabilidade e aproveitamento máximo”; “um marido que quer ter relações sexuais com a sua esposa e que já não queira” (Entrevista2) “Violação” (Entrevista3;6;8;11;12;13) “discriminação género” (Entrevista4) “Forçar a ter relações sexuais” (Entrevista5) “Não me ocorre nada” (entrevista7) “maldade” (Entrevista8) “abusarem” (Entrevista9) “assédio” (entrevista13) “Não sei” (Entrevista14)</p> <p>1.5 “Acontece nos Lares muito (...) até mal tratados” (Entrevista1;15); “Muito ligado aos hospitais (...) a higiene muitas vezes não é feita” (Entrevista2) “Não ter atenção necessária” (Entrevista3) “Se eu agarrar mais com força um idosos ou na forma como estou a levá-lo” (Entrevista4) “Mas isso também é uma violência? Isso faz me lembrar nos hospitais quando não tratam corretamente” (Entrevista5) “Dê um medicamento mal” (Entrevista6) “Não lhes darmos os devidos tratamentos que precisam” “falta de cuidados com a pessoa” (Entrevista7;12) “Despreocupação” (Entrevista8) “Não lhes ligarem nenhuma, porque eu acho que são pessoas que precisam de respeito e carinho todos os dias então têm isso” (Entrevista14) “Não serem alimentados” (Entrevista15)</p> <p>1.6 “Deixam os pais idosos sozinhos” (Entrevista1); “Esquecer que aquele idoso é uma pessoa e como tal (...) agora não interessa mais” (Entrevista2) “Deixar de ter qualquer tipo de contacto” (Entrevista 3,4;16) “é não querer saber mais” (Entrevista5;12;14) “é largar” (Entrevista6;9) “Não darmos a devida atenção” (Entrevista7) “Falta de um relação próxima” (Entrevista8) “Acontece muito nos hospitais (...) esquecem-se dos pais lá” (Entrevista10) “desprezar” (entrevista13) “Cortar laços” (Entrevista15) “Não prestar os cuidados necessários e básicos que a pessoa precisa”(Entrevista19) “Adultos deixarem os pais idosos num lar, ou num hospital, não procurarem estar com as pessoas mais velhas” (Entrevista21)</p> |
|-------------------------------------|----------------------|--|

| | | |
|-------------------------------------|-----------------------------------|--|
| <p>Práticas de Violência</p> | <p>Pessoas com 65+anos</p> | <p>1.1. “Lembro-me que é uma coisa má” (Entrevista22); “Bater” “Dar chapadas”(Entrevista 23;25;29;30;32;33;34;35;36;39;40;41;42); “Empurrarem” (Entrevista26;36), “Amarrarem” (Entrevista26) “agressão” (Entrevista31;38) “Puxar cabelos” (Entrevista33)</p> <p>1.2 “é os maus tratos de boca” (Entrevista 23) “palavras que se dizem que mais vele ficar calados” (Entrevista25) “é por exemplo, hoje você não pode sair porque tem de ficar com os netos que eu tenho ir ao cinema (...) então e já fez o almoço” (Entrevista26) “é dizer coisas que não devem dizer” (Entrevista29) “fazer jogos de pressão, chantagens” (Entrevista30) “menosprezar” (Entrevista31) “intimidar a outra” (Entrevista33) “ofender” (Entrevista35) “através das palavras (...) é aquilo que violenta a parte psicológica da pessoas” (Entrevista36); “rebaixar” (Entrevista41)</p> <p>1.3 “As pessoas não se sabem orientar gastam tudo depois querem e não têm” (Entrevista22) “é ter dinheiro e não ajuda a outra pessoa” (Entrevista23) “Tirar dinheiro” ou outras coisas (Entrevista 25;34;36) “ pior ainda, tem obrigação de por comida no frigorífico” (Entrevista26) “Falta de dinheiro” (Entrevista28) “os filhos tentarem controlar em seu benefício os pais” (Entrevista31) “fica sem nada e depois volta para a beira dos pais ou família para os ajudar” (Entrevista32) “Exigem à pessoa dinheiro” (Entrevista37)</p> <p>1.4 “Obrigar o que o outro não quer” (Entrevista23;25;37) “Obrigarem uma pessoa a ter relações que não quer” (Entrevista26;36;39) “Não acho bem” (Entrevista27) “obrigar alguém a fazer sexo e não quer” (Entrevista29;35) “Violar uma pessoa de idade” (Entrevista30;31) “Nem tenho palavras, é moralmente condenável” “é uma coisa fora do normal, não se admite um coisas dessas” (Entrevista33;39;40) “Abusar” (Entrevista34)</p> <p>1.5 “é eu ver que a pessoa está a necessitar de uma coisa e eu ver que posso ajudar e não fazer nada” (Entrevista23;35) “Não sei o que quer dizer”(Entrevista25;32;38) “Instituições não protegem na doença” (Entrevista26) “É fazerem e não saberem aquilo que fazem” (Entrevista29) Não prestar o apoio necessário tendo em conta as necessidades da pessoa, não comer, não tomar banho (Entrevista 31;37) “é a pessoa mais nova não querer cuidar do mais velho” (Entrevista34) “Não estão atentos aos problemas das pessoas mais idosas” (Entrevista36) “dar desprezo” (Entrevista39)</p> <p>1.6 “é quando não conversam uns com os outros” (Entrevista22) “o abandono é uma coisa triste” (Entrevista25) “Eles ficam lá semanas no hospital, ninguém quer saber” (Entrevista 26) “a pessoa (agressor) não se lembrar daquilo que lhe fizeram e não</p> |
|-------------------------------------|-----------------------------------|--|

| | | |
|--|--|--|
| | | recompensam”(Entrevista27) “é uma pessoa que não quer saber das outras” “os netos abandonarem os avós porque não querem saber deles, não têm interesse” “nem com uma palavrinha de amor” (Entrevista28;32;34;35;36)) “eu não abandono nem um animal”(Entrevista29) “A família não lhes liga absolutamente nada” (Entrevista 30;39;41;42) “Esse é tudo junto” (Entrevista31) “Deixar um pai ou mãe sozinhos em casa” (Entrevista33;37) “ficar esquecida, fazer de conta que não é ninguém” (Entrevista38) “Fica para ai como os trapos velhos” (Entrevista35) |
|--|--|--|

| | | |
|---|---------------|---|
| Atores de Violência Familiar contra as Pessoas mais Velhas | Jovens | <p><u>Vítimas:</u></p> <p>Mais velho, “As pessoas perdem mais paciência pelo idoso não ser tão capaz e tão rápido” (Entrevista1);</p> <p>“principalmente as mulheres tornam-se mais sensíveis e mais influenciáveis” (Entrevista 2)</p> <p>“Um sujeito mais vulnerável, seja fisicamente seja psicologicamente (...) sem que esta consiga defender com as suas plenas condições” (Entrevista4;12;14) “porque começam a perder a sua independência, a perder certas capacidades (...) claro que sim, por exemplo, pessoas com uma idade avançada com doenças” (Entrevista8;9) “questão da saúde e da solidão” (Entrevista9) “com idade começam a tornar-se um pouco mais dependentes de nós” (Entrevista16)</p> <p>“Talvez o sexo masculino sofra mais (...) as condições de um Homem mesmo psicológicas decaem mais do que normalmente uma mulher (...) também há mais mulheres que homens, mas (...) nesse caso poderia recair mais na mulher (...) é sempre um lado mais frágil, mais sentimental (...) figura um bocadinho mais maternal mais cuidadora, há uma inferioridade nas relações de poder” (Entrevista 4)</p> <p>-A personalidade da pessoa mais velha “que ficam mais rabugentas (...) que ficam um bocadinho mais casmurras” (Entrevista6)</p> <p>-Pessoas mais doentes “a saúde sim a 100%” (Entrevista6) “a saúde coloca a pessoa numa situação mais vulnerável a terceiros” (Entrevista11)</p> |
|---|---------------|---|

| | |
|--|--|
| | <p>-Há quem considere que o género não há uma predominância no género “independentemente de ser homem ou mulher acho que a vontade, pode ser querer fazer mal na mesma, acho que não varia muito no género” (Entrevista5;9) “hoje em dia eu diria que não, mas se calhar há 10 anos atrás isso colocaria muito em causa as coisas” (Entrevista16)</p> <p>-Há quem considere por serem pessoas mais doentes, mais vulneráveis não sejam tão vítimas “No estado de saúde acho que por estarem mais doentes, não creio, quero acreditar que não fazem tão mal por estarem por mais doentes, não correm maior risco” (Entrevista5)</p> <p>“Quanto maior for a correlação entre eles maior será a probabilidade (idade e saúde) (...) o género influencia em tudo e acho que aqui não será diferente” (Entrevista20)</p> <p><u>Agressores:</u></p> <p>Familiares (Entrevista1;2;5;6;9;11;12;14;16) “por norma são sempre os mais próximos (Entrevista9) “sabem a rotina os pontos fracos e quais é que são as doenças ou as vulnerabilidades da pessoa” (Entrevista11)</p> <p>Filhos (Entrevista1;2;5;6,8;9;11;12;15) “Mas isso também não sei se pode ter haver com o que os <i>media</i> nos mostram” (Entrevista5)</p> <p>Netos (Entrevista1;6,11;12) “Os netos já é aquela pronto já têm aquele carinho e não sei” (entrevista2) “até bisnetos, acho que tem haver mais com a convivência intergeracional” (Entrevista10) “porque são eles que acabam por ficar com a responsabilidade de cuidar daqueles que precisam de nós” (Entrevista12)</p> <p>Noras/Genros (Entrevista2;14)</p> <p>Sobrinhos (Entrevista6;8) “um sobrinho que tenha ficado sobre a tutela do idoso” (Entrevista21) Irmãos mais novos (Entrevista8;20) Primo (Entrevista16)</p> <p>“Pessoas mais novas que estejam a tomar conta das pessoas mais velhas” (Entrevista6)</p> <p>Se o agressor for o cônjuge não é compreensível, mesmo que comparado com outro familiar “até acho que faz menos</p> |
|--|--|

| | | |
|--|-----------------------------------|--|
| | | <p>sentido” (Entrevista1). “Mais recorrente pelo grau de proximidade que se encontram” (Entrevista4)</p> <p>- Assistentes e Auxiliares (Entrevista 4) Em Lares (Entrevista5)</p> <p>-Não familiares (Entrevista13) “Eu diria não familiares porque são as histórias que eu já ouvi”</p> |
| <p>Atores de Violência Familiar contra as Pessoas mais Velhas</p> | <p>Pessoas com 65+anos</p> | <p><u>Vítimas:</u></p> <p>“Pessoa que não se pode defender” (Entrevista27) “são doentes um empurrãozinho e vão para o chão” (Entrevista22)</p> <p>“Menos agilidade, menos capacidade” (Entrevista33;39) “há pessoas que não têm coragem para cuidar de um doente” (Entrevista25) “não tendo saúde são mais frágeis” (Entrevista27;28) “são mais frágeis fisicamente (...) do próprio envelhecimento, as capacidades vão diminuindo (...) uma pessoa com pior estado de saúde é mais propício” (Entrevista30;31)</p> <p>“As mulheres são mais frágeis, mas também há homens” (Entrevista22) “O homem aguenta muito mais, sofre e cala-se mais... o risco é o mesmo” (Entrevista26) “As mulheres vivem até mais tarde” (Entrevista31) “nesta fase as mulheres são mais vítimas, embora os homens também são vítimas do assunto, mas por vergonha não dizem” (Entrevista33) “na parte financeira que a mulher é muito mais vulnerável” (Entrevista36)</p> <p>“Pelo que se vê, mas é mais mulheres (...) é mais humana e mais frágil” (Entrevista34)</p> <p>“Pessoa que não se pode defender” (Entrevista27)</p> <p>“A questão da idade não têm como se defender” (Entrevista27;32;37;40) “acho que sim, pela idade” (Entrevista28) “não só a idade mas terem pior saúde” (Entrevista33;34;35)</p> <p>“estão mais dependentes e completamente mais vulneráveis” (Entrevista36)</p> <p><u>Agressores:</u></p> <p>Familiares (Entrevista24;26;27;28;31;33;36;37;39)</p> <p>“Sim, há muitos que são familiares outros não” (Entrevista25)</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | | <p>Filhos(Entrevista24;25;27;28;34;36;37) “os mais próximos, podem não ser agressões físicas mas outros tipos de agressões” (Entrevista30) “enteados” (Entrevista41)</p> <p>Netos(Entrevista24;25;27;28) “mais netos por causa do dinheiro” (Entrevista26)</p> <p>Cônjuge (esposo e esposa) (Entrevista25;31;34;37)</p> <p>Sobrinhos Noras (Entrevista35;36)</p> <p>“mais os rapazes, com vícios, pode ser irmãos vizinhos e filhos de vizinhos” (Entrevista33)</p> <p>“Penso que são muito mal-educados” (Entrevista 22)</p> <p>“Não familiares. Também depende da família” (Entrevista32)</p> |
|--|--|--|

| | | |
|--------------------------------|---------------|---|
| Fatores desencadeadores | Jovens | <p>“Por desgostar de algo que o idoso faça” (Entrevista1).</p> <p>A idade é um risco, mas associada “por exemplo se o idoso deixa ou estabelece uma relação de forma a que isso aconteça” (Entrevista1) “A história familiar não é a melhor” (Entrevista10)</p> <p>“A incapacidade de respostas às necessidades do velho” (Entrevista1) “Impaciência com este público alvo e à não compreensão também” (Entrevista10;5)</p> <p>O consumo de drogas, álcool e ter uma doença mental é considerado um fator de risco, e torna a situação mais compreensível, mas não é aceitável de qualquer das formas. (Entrevista1) “porque já se torna mais fora da capacidade racional da pessoa que está a perpetrar a violência” (Entrevista1) “poderá ser uma justificação, mas deve ter alguma punição” (Entrevista3) “Apoios do Estado (...) em que se tente resolver a situação” (Entrevista4)</p> <p>Por motivos financeiros (entrevista2) “pessoas que vivem em situações precárias” (Entrevista13)</p> <p>Por uma questão de relações de poder “Ok eu tenho mais força que tu (...) vou mostrar-te que afinal já não és tu que mandas em mim, sou eu que mando em ti agora “(Entrevista2)</p> |
|--------------------------------|---------------|---|

| | |
|--|---|
| | <p>“Só se houver alteração do estado de saúde” (Entrevista 3) “Desequilíbrio emocional dessa pessoa” (Entrevista 3)</p> <p>“A pessoa pode estar exposta ou pelo familiar desgastado pela convivência pelo facto de estar continuamente a cuidar desse idoso (...) Falta de escolaridade, a falta de informação pode influenciar imenso a violência” (Entrevista10)</p> <p>Existência de coabitação vítima e agressor (Entrevista10)</p> <p>“A pessoa está cansada é legítimo, mas isso não justifica qualquer ato de violência” (Entrevista 3) “deve procurar pedir ajuda nesse sentido” (Entrevista3)</p> <p>2. “Não é compreensível de todo, acho que faz até menos sentido” (Entrevista1) “Nenhuma é compreensível” (Entrevista2;3) “Não há qualquer justificação para isso, isso é legitimar esse ato” (Entrevista3) “Pelo cônjuge (...) acho que não é para dar uma resposta moralista, mas qualquer tipo de violência não deve ser tolerável, mas se calhar é mais recorrente pelo grau de proximidade que se encontram mas não é pela sua proximidade” (Entrevista4) “principalmente, neste caso dos idosos porque eles são mais velhotes têm, sei lá, já têm muita experiência de vida e eu acho os velhotes muito meigos e acho que não merecem este sofrimento” (Entrevista5) “até acho pior ser o cônjuge” (Entrevista6) “mas se calhar socialmente seja mais aceite ser o cônjuge (...) uma certa hierarquia de respeito, querendo ou não são os pais, os progenitores que dão à luz os indivíduos” (Entrevista15)</p> <p>3. “É mais possível e mais compreensível, porque já se torna mais fora da capacidade racional da pessoa que está a perpetrar a violência” (Entrevista1;13;15) “Não, isso é mais uma desculpa (...) tentam ser desculpadas por coisas que nem têm perdão” (Entrevista2) “uma doença mental poderá ser de certa forma uma justificação, mas deve ter alguma punição na mesma” (Entrevista3) “uma pessoa bebe tem mais tendência para ser mais violento nas suas relações” (Entrevista8)</p> |
|--|---|

| | |
|--|---|
| | <p>“Não é mais (...) porque nesses casos há sempre apoios do Estado” (Entrevista4) “Acho que não(...) pode-se perceber para além de não estar bem mentalmente, se calhar tem mais, tem os atos mais rápidos para partir logo para a violência” “impulsos”(Entrevista5;9) “não valida o facto de agredirmos alguém” (Entrevista7)</p> <p>“não é mais compreensível (...) essas pessoas não devia estar perto ou a cuidar delas, acho que é só irresponsabilidade (...)é um risco demasiado grande (...) podemos compreender mas mesmo assim, não é uma razão, não é uma justificação” (entrevista6) “é uma desculpa face às pessoas que estão no seu estado normal” (Entrevista11)</p> <p>“Uma doença mental é diferente de uma toxicodependência, uma doença mental pode ser mais compreensível mas depende do nível de doença mental” (Entrevista12)</p> <p>“A meu ver não desculpa nada, mas aqui em Portugal onde as pessoas são muito “oh coitadinho” tendencialmente as pessoas deixam passar” (Entrevista16)</p> <p>4. “acontece mais vezes por isso pode chocar menos (...) mas percebesse minimamente(...) ainda está longe de ser compreensível.” (Entrevista1) “se está cansada deixa a pessoa num lar ou num centro de dia, não tem de ficar a cuidar de alguém só porque não quer não é...e é injusto” (Entrevista2) “está cansada é legítimo, mas isso não justifica qualquer ato de agressão” (Entrevista3) “Não porque o papel de cuidador (...) fazer o oposto do que o seu principal objetivo que é cuidar da pessoa” (Entrevista8) “quando fomos mais novos foram eles que cuidaram de nós portanto quando eles são mais velhos é nosso dever cuidar deles” (Entrevista9) “Não, pode-se associar a violência” (Entrevista10)</p> <p>“Não é por ter uma razão mais concreta ou mais compreensiva que passa a ser um ato mais justificativo” (Entrevista4)</p> <p>Sim cuidador, porque muito por experiência que já presenciei são pessoas que estão a cuidar, o cansaço e os seus</p> |
|--|---|

| | | |
|---------------------------------------|-----------------------------------|---|
| | | <p>problemas” (Entrevista6) “Não valida, mas é mais compreensível” (Entrevista7;13) “Torna-se compreensível por ele ter de estar lá todos os dias a cuidar, mas nunca é compreensível” (Entrevista14) “Não acho que seja compreensível nos dois casos, mas acho que depende da razão pela qual está a ser cuidador informal”(Entrevista15)</p> |
| <p>Fatores desencadeadores</p> | <p>Pessoas com 65+anos</p> | <p>A personalidade da pessoa mais velha “Os velhotes também são mais rabugentos” “são um bocadinho chatinhas” (Entrevista22;37) “Saturadas das pessoas porque querem trabalhar, fazer as suas vidas e não podem porque tem de tomar conta deles” (Entrevista27;30) “por os velhotes andarem cá há muito tempo e eles terem de os aturar” (Entrevista42)</p> <p>Não colocaram limites, respeito, a educação e a relação anteriormente estabelecida “Saber por limites e respeito desde que são pequeninos (...) E com a forma como foram criadas” (Entrevista22;30;33) “outras vezes é pela má formação que o mais novo tem, que esquece-se que um dia vai ser ele” (Entrevista24) “por falta de educação, porque ainda não perceberam que também vão para velhos, eu acho que é isso” (Entrevista26) “Há razões de que quando eram novos não me ligaram nenhuma, não me trataram bem não me ajudaram e agora precisam desenrasquem-se” (Entrevista26) “a criação e educação que tiveram” (Entrevista29) “homem ou mulher é avaliado conforme foi criado em pequenino (...) quando em casa não há condições, em vez de seguir o caminho desvia-se e para já uma criança tem de ter amor” (Entrevista41)</p> <p>“A vítima incompatibilizar-se com o agressor” (Entrevista33)</p> <p>-Falta de formação “a formação não fosse muito elevada” (Entrevista39)</p> <p>Questões Financeiras “Falta de dinheiro” (Entrevista22;24;27;36;37;38;39;40) “heranças” (Entrevista29) “dependência financeira” (Entrevista30)</p> <p>Coabitação “se não coabitar talvez não haja tanta violência” (Entrevista26)</p> |

“por causa desta porcaria da droga e andam atrás dos pais para dar dinheiro” “jogos” (Entrevista32;35;36) “outros com vícios (...) porque há pessoas que quando a gente não dá o dinheiro eles fazem violência” (Entrevista25; 33)

“as pessoas novas agora não aceitam os seus velhos são um estrovo que estão ali, são uma chatice” (Entrevista26)

“há pessoas que não lidam muito com a velhice, eu sempre tive uma relação próxima com avós, etc. portanto de maneira a que sei que daqui a uns anos vou ser velha e os filhos já sabem que precisarei de mais atenção” (Entrevista30)

-Trocas de ajuda (monetárias, sem ser monetárias) “com as ajudas que dão aos familiares, deu a um porque não ajuda a mim” (Entrevista32)

- A pessoa mais velha ter uma demência que o torne mais violento “Talvez, sabes que o idoso com determinadas doenças também fica violento” (Entrevista26)

-Se no passado vivenciaram situações de violência na família “Reflexo do que foi a infância deles” (Entrevista36)

-Maldade intrínseca (Entrevista31;34;35)

-O tipo de relação familiar “depende de como é a família, se se entendem bem ou mal” (Entrevista32) e “falta de afetividade(...)muitas vezes as pessoas também não convivem (...) depois quebra-se o laço afetividade” (Entrevista36) “vá uma superioridade em relação há outra” (Entrevista41)

2. “Não é compreensível. Tem de haver respeito” (Entrevista22) “Não, porque ninguém tem o direito de exercer violência sobre o outro na minha opinião” (Entrevista26) (Entrevista27)(Entrevista35)

Sim compreensível – “O cônjuge seja mais compreensível (...) porque não aceita que a pessoa faça qualquer coisa de melhor, se ele o fizer está tudo bem se for ela já não gosta” (Entrevista24;25) “porque uma pessoa vai enchendo ao longo dos anos, a pessoa que está mais próxima, o convívio às vezes satura as pessoas” (Entrevista31)

| | | |
|--|--|--|
| | | <p>“Mas se for agressão física não é compreensível de nenhuma forma” (Entrevista25)</p> <p>3. “Eu não acho bem (...) devem ter calma e chamarem as pessoas à atenção e procurar um médico” (Entrevista27)</p> <p>“É mais compreensível, mas não deve consumir. Doença mental também não tem culpa, não sabe o que faz” (Entrevista22;24;35) “pode-se enervar e o que se vai fazer se a pessoa não tiver a mentalidade como a nossa, tem de se tratar, tratamento e carinho” (Entrevista25)</p> <p>“Eu compreendo melhor uma pessoa que é doente do que é doente do que uma pessoa que é toxicodependente ou alcoólico” (Entrevista26) “Para mim quem não tem problema algum e é mau é porque é mau mesmo” (Entrevista24)</p> <p>4. “Não é, eles têm de falar com calma com a pessoa, a pessoa deve ter paciência” (Entrevista22) “pede ajuda, faz qualquer coisa mas não trata mal o outro que não tem culpa nenhuma” (Entrevista25) (Entrevista27)</p> <p>Sim compreensível – “Sim é normal que tenha algum deslize, pelo cansaço, não é aquela vontade própria de mal tratar é o cansaço” (Entrevista24;25) “por poderia acontecer um esgotamento até” (Entrevista25) “pela falta de paciência” (Entrevista28)</p> <p>“Não é e é, tem as suas coisas” (Entrevista34)</p> |
|--|--|--|

| | | |
|-----------------------|---------------|---|
| Grupo | | 2.1. |
| B2 – Histórias | Jovens | <p><i>Violência psicológica</i> “violência um bocadinho psicológica, porque se habituava a mãe a um ritmo de visitas constante de repente deixar de visitar porque já não está na casa dela, parece-me um bocado violento a nível psicológico” (Entrevista3;15) <i>violência psicológica</i> “Completamente descartar a pessoa da vida dela é pensar bem “eu é que estou a decidir a vida da minha mãe” (Entrevista 2) “der repente deixar de visitar porque já não está na casa dela, parece-me um</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | | <p>bocado violento a nível psicológico” (entrevista 3) (Entrevista4)</p> <p><i>Abandono</i> “Há uma forma de abandono (...) compreendo que haja uma violência psicológica (...) é mais a questão do abandono que não fica bem” (Entrevista 1) Abandono (por já não ir visitar a mãe) (Entrevista2;5;6;16)</p> <p><i>Negligência</i> “porque tendo ele posto a mãe no lar, sentiu que a responsabilidade de cuidar da mãe passou para outra pessoas” (Entrevista8;9;11) “Não vejo violência, vejo sim, uma espécie de negligência, não é associada aos cuidados é mais porque não estabelecer relação” (Entrevista10)</p> <p>“Claramente uma atitude de abandono por parte do ricardo não é uma atitude correta, visto que também acaba por magoar a Maria de uma forma que não é visível aos olhos das outras pessoas, mas que está a magoar muito, este abandono psicológico, é um vazio gigante, acho que nesse aspeto se trata de uma violência psicológica e de abandono” (Entrevista4;14)</p> <p><u>Atitude:</u></p> <p>- “A decisão de a por num lar acho que foi correta, se ele não tem disponibilidade nem para receber a sua mãe nem para se mudar para casa dela, foi uma decisão correta, mas que devia ter continuado a manter as visitas” (Entrevista3;9) “pronto houve preocupação em pô-la num Lar mas mesmo assim é (...) a decisão concordo plenamente, se não tinha condições e tendo em conta o estado de saúde da Maria” (Entrevista6;10;14)</p> <p>-“mais fácil pode parecer mal, mas é mais fácil pôr num lar do que ir de 2 em 2 semanas a Lisboa”(Entrevista5)</p> <p>-“teria sido mais inteligente se ele a tivesse colocado num perto da área de residência”(Entrevista11;12;15)</p> <p>2.2.</p> <p><i>Violência Financeira</i> “ tem de dar sempre alguma autonomia financeira (...) é uma clara forma de violência é uma forma desadequada de agir” (Entrevista1) “começou a abusar um pouco do poder”(Entrevista2) “Aproveitou (...)para tomar conta dos seus meios financeiros de sustento (...) ficar com os seus (pai) cartões de multibanco” (Entrevista3;9) “(...) mas</p> |
|--|--|--|

| | |
|--|--|
| | <p>aproveitou o facto desse seu ato voluntarioso para tomar conta dos seus meios financeiros de sustento (...) o único objetivo dela verificamos que foi ficar com os seus cartões de multibanco” (Entrevista4) “porque roubou os cartões” (Entrevista5)</p> <p><i>Negligência</i> “pronto não apoiou o pai num momento que ele precisou e vá brincou um pouco com ele (...) porque o Senhor acabou por nem se quer ir à consulta” (Entrevista2) “porque o Senhor acabou por nem se quer ir à consulta” (Entrevista2) “basicamente ela recusou a... questão do táxi (...) falta de cuidados” (Entrevista6;10) “por parte do filho existe negligência, falta de preocupação de saber o que se passa” (Entrevista8)</p> <p>“considero que existe violência, mas lá está não é aquela violência a que estamos acostumados a ouvir ou a ver, é uma violência que é mais subtil, do tipo apoderou-se de facto de morar com ele e de ter o dinheiro, mas quando chega às responsabilidades e aos deveres não, não se apresentou à questão” (Entrevista9)</p> <p>-“E se o pai tinha tido o AVC e estava incapacitado, portanto acho que mandar ir de táxi é uma falta de respeito” (Entrevista5)</p> <p>“Má gestão financeira é uma violência financeira (...) que acaba por ser negligência por parte da Madalena (Entrevista4)</p> <p><i>Violência Psicológica</i> “Porque ela deveria estar a ajudá-lo, apesar de não estar a agredi-lo (...) acho que é o que os filhos fazem os pais estão doentes e os filhos vem uma oportunidade para terem o capital que eles têm e vêm uma porta aberta (Entrevista14) “porque o pai ficou mesmo sem acesso ao dinheiro e sem acesso a ir à consulta, sem acesso a nada, ficou completamente isolado em casa” (entrevista15)</p> <p><u>Atitudes:</u></p> <p>- “O filho António não prestou atenção suficiente ao que se estava a passar (...) portanto os outros irmãos mostraram desinteresse acho eu” (Entrevista3;4) “Acho que ele se devia interessar” (Entrevista5;9) “primeiro devia-se preocupar acho que como filho” (Entrevista6;10) “A postura do filho é uma negligência inconsciente porque a partir do momento</p> |
|--|--|

que existe uma irmã a tomar conta do pai é como se ele tivesse acomodado a essa decisão que a irmã está a tomar” (Entrevista11) “Visitar o pai quando a irmã não está me casa” (Entrevista13)

2.3

Violência Doméstica “Violência doméstica em todas as partes (...) Violência Física, psicológica, verbal” (Entrevista 1;2;13;14)

Violência Física “Violência Física, devido às bofetadas que inflige à mulher (...) (Entrevista3;5) “Também exerce violência doméstica” (Entrevista3;4)

Violência Psicológica Verbal (Entrevista9) “ por dizer que o jantar não está bom” (Entrevista 3) “na forma como o marido rebaixa as conquistas profissionais e a vida social da mulher” (Entrevista4) “numa questão de chamar burra” (Entrevista6) “A parte do sobrinho talvez uma violência psicológica porque há muita gente que vamos supor que o sobrinho é um conservador, que parece há muita gente que ainda vê assim as coisas e não é correto” (entrevista16)

Negligência “por parte do sobrinho, eu sou católica por isso sim, para mim o casamento é para a vida toda, mas Deus também disse amai-vos uns aos outros, e nitidamente que aquilo que acontece não é amar” (entrevista12;17)

Atitudes:

“Nos antigos é Fátima, família e futebol, a família era muito patriarca, era o homem que mandava e que decidia (...)porque há gente dessa geração até mais antigos que não são dessa opinião de todo, é uma questão de hábito” (Entrevista1)

“A opinião do sobrinho demonstra ou tendência futura para praticar esse tipo de violência também ou então algum desconhecimento sobre a situação onde vive “(Entrevista3) “Em relação ao sobrinho acho que está mal” (Entrevista6)

“O divórcio é tão legítimo como o casamento portanto”(Entrevista3) “porque o casamento, pelo menos no que toca a mim, é sinónimo de amor e a partir do momento em que duas pessoas não há, a partir do momento em que há violência já não, é

| | |
|--|--|
| | <p>só o antónimo de amor. Acho que a idade não tem nada haver (...) acho que está errado” (Entrevista6)</p> <p>“Parece-me uma opinião um bocadinho conservadora não é, portanto será uma pessoa ai de 50 anos, diria eu, se fosse mais novo na casa dos 30, sim, penso que não teria essa opinião” (Entrevista3) “sobrinho existe uma ideia retrograda (...) as gerações são bastante diferente nestas perspetivas, sinto que a geração que tem 20 anos agora tem perspetivas em relação ao casamento, à religião a outras coisas muito diferentes das gerações que já têm 30 e 40 anos” (Entrevista8)</p> <p>“mas por questões de partilha de herança, por interesse próprio (...) se calhar a separação um divórcio não seria a melhor solução até pela divisão de bens (...) eu acho que não se prende tanto pela idade em si, mas na forma como ele encara (...) “se pela idade do Tiago e da Amélia, por já estarem casados há muitos anos e depois há uma pressão, normalmente é mais complicado divórcios numa idade mais envelhecida (...) acho que uma pessoa pode ter 30,40,50 e 20 anos que se souber como está a situação sabe qual é a decisão que deve tomar” (Entrevista4) “Acho que aqui pode influenciar a idade dos tios (...) eles nasceram numa época muito mais atrás do que o sobrinho e ai o casamento até poderiam ter sido combinados e até mesmo forçados” (Entrevista10)</p> <p>“De 40 a 50 anos acho que ainda tem uma visão muito desfasada do que os jovens pensam agora, para não ajudar a Amélia (<i>Então acha que se fosse um sobrinho de 20 anos...</i>) Sim completamente diferente, porque já estaria...há mais informação já teria mais atento e a ideia que a gente tem do casamento mudou totalmente e então acho que iria ajudar”(Entrevista7)</p> <p>-“A respostas do sobrinho é sem dúvida de alguém mais velho se não não teria esta resposta(...) Depende da zona onde vivem, acho que quando estão mais nas terrinhas acho que é um bocadinho pior, uma questão cultural e tradição” (Entrevista14)</p> <p>- “Mas acho que a Amélia devia ter quebrado, vai custar, mas acho que não devia de chegar ao ponto do Tiago desvalorizar a profissão” (Entrevista5)</p> |
|--|--|

| | | |
|------------------------------------|-----------------------------------|--|
| | | <p>-“Acho que o Tiago devia ter um bocadinho de consciência que ele podia fazer as refeições e que os imprevistos acontecem” (Entrevista5) “Fruto da ditadura que vivemos acho que o machismo está bastante instalado principalmente nas zonas do interior e diria mais no norte de Portugal” (Entrevista7) “é aquele tipo de mentalidade que já é recorrente na antiguidade das pessoas, que é a mulher é que tem de fazer tudo” (Entrevistaa9) “deve ter uma mentalidade muito machista” (Entrevista13;14) “O Tiago a partir de uma certa idade as pessoas começam a ficar mais possessivas com as suas coisas seja a dinheiro seja as suas propriedades ou a mulher/homem” (Entrevista16)</p> <p>- “A questão para mim não é a idade é o conhecimento da questão, porque as pessoas da minha idade, isto é um problema que é da sociedade que é atual (...) uma pessoa da minha idade só não sabe se não quiser. É uma questão de informação, todos os dias somos bombardeados com informação” (Entrevista12)</p> <p>-“A resposta do sobrinho tem 100% haver com a religião porque eu deparo-me várias vezes pessoas mais jovens que eu, que são muito mais fundamentalistas que pessoas de 70 e 80 anos (Entrevista15)</p> |
| <p>Grupo B2 – Histórias</p> | <p>Pessoas com 65+anos</p> | <p>2.1</p> <p>-Não identifica (Entrevista22;24;30)</p> <p>“mas ele não sabe o que se passa lá se tomam bem conta dela senão. E não é só isso a mãe deve gostar de ver o filho” (Entrevista24)</p> <p>“Deixar de visitar a mãe é violência psicológica porque a mãe sente-se abandonada” (Entrevista36)</p> <p>“Não é violência, agora ele tinha de ir visitá-la” (Entrevista27) “Não acho que seja violência é uma imoralidade” (Entrevista33)</p> <p><i>Abandono</i> “Não é violência, mas é desprezo, porque se entregou a mãe ao lar, ao menos telefonava (...) se não o fez foi desprezo abandono” (Entrevista25;26) “agora deixar de a visitar é abandono” (Entrevista35)</p> <p><u>Atitudes:</u></p> |

| | | |
|--|--|---|
| | | <p>“Como não há dinheirinho não aparecem” (Entrevista22)</p> <p>- Concordam “Eu concordo, ele a trabalhar não podia ter ali a mãe sozinha” (Entrevista24;26;27;30)</p> <p>2.2</p> <p>- Não identifica (Entrevista22; 24;25)</p> <p><i>Violência Financeira</i> “Essa rapariga só foi para lá para comer o dinheiro ao velho (...) violência monetária” (Entrevista26)</p> <p>“tirar-lhe os cartões e o dinheiro, segundo não acompanhar ao médico” (Entrevista24) “Violência porque tomou conta do que era do pai” (Entrevista25) “ela quis aproveitar-se da situação do pai para se aproveitar dos bens” (Entrevista31)</p> <p>“Não é violência, não chamo violência, a rapariga, ela só fez mal não ir à consulta” (Entrevista27)</p> <p>“Sim, psicológica” (Entrevista29)</p> <p><u>Atitudes:</u></p> <p>“Violência mas grande, abandonar a casa, ela se calhar não tinha nada, ela é que não queria ir com o pai ao Centro de Saúde” (Entrevista22)</p> <p>“Isso é que é grave, isso é um ponto que não se compreende, porque é que o senhor não conta ao filho” (Entrevista26)</p> <p>-Condenam a filha</p> <p>2.3.</p> <p>“Claro que sim, física e psicológica” (Entrevista31;36) “Violência do marido para a mulher” (Entrevista35) “Violência Psicológica talvez porque ele diz que ela não sabe fazer nada, acusa-a dessas coisas” (Entrevista37)</p> <p>- Legitimar a violência “Violência não é, acho que é a lei da vida, ele faz mal em tratar mal a mulher e pronto, e ela faz mal não acolher o marido e não serem amigos (...) eu acho que isso não é violência, deu-lhe um estalo, não é caso de andar sempre a bater-lhe não é.” (Entrevista27)</p> |
|--|--|---|

| | |
|--|---|
| | <p>- Não identifica (Entrevista22;24;25)</p> <p>“Completamente, toda toda, psicológica” (Entrevista26)</p> <p>“Primeiro é a falta de respeito de tudo” (Entrevista24) “tratava mal” (entrevista25)</p> <p>“Segundo é do sobrinho também porque ninguém é obrigada a viver com alguém que o mal trata” (Entrevista24)</p> <p><u>Atitudes:</u></p> <p>“Ele é mau para ela. Ela não precisava de se divorciar, ia para outra casa, ficava sozinha e pronto”(Entrevista22)</p> <p>“O divórcio não tem idade, o casamento é um papel” (Entrevista25) “Eu se calhar apoiava a Senhora no divórcio”(Entrevista36)</p> <p>“Não compreendo porque é que ela ainda está com ele”(Entrevista26) “mas acho que ela também facilitou porque perante toda a vida consentiu” (Entrevista30;31)</p> <p>“Estava-se mesmo a ver que a situação tinha piorado, estão mais tempo em casa, estão mais tempo juntos”(Entrevista29)</p> <p>“Eu tinha-o posto logo a andar” (Entrevista29)</p> <p>-Sobrinho:</p> <p>“Acho que não tem haver com idade, mas sim com a maneira como foram criados e educados” (Entrevista24)</p> <p>“Na religião, eles nunca aceitam isso, eu fui casada pela igreja mas divorciei-me” (Entrevista25;26). “Sendo religioso ou não, já não estamos no tempo de dar essa resposta” (Entrevista33)</p> <p>“Uma pessoa que concorde com este tipo de violência ou faz ou acha bem, não encontro outra resposta” (Entrevista26)</p> <p>“Deve ter ficado apavorado achar que teria de aturar o tio sozinho” (Entrevista30)</p> <p>“Eu acho que é porque para a maior parte das pessoas é uma situação de senso comum, porque se ela o aturou toda a vida porque é que chega a esta idade se quer divorciar, acho que é um bocadinho por ai, não acho que tenha haver com geração” (Entrevista31)“Ele tem a esperança que o tio mude” (Entrevista38)</p> |
|--|---|